



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Márcia da Gama Silva Felipe

Identidade em crise: a década de 1930 e seus reflexos na obra de Graciliano

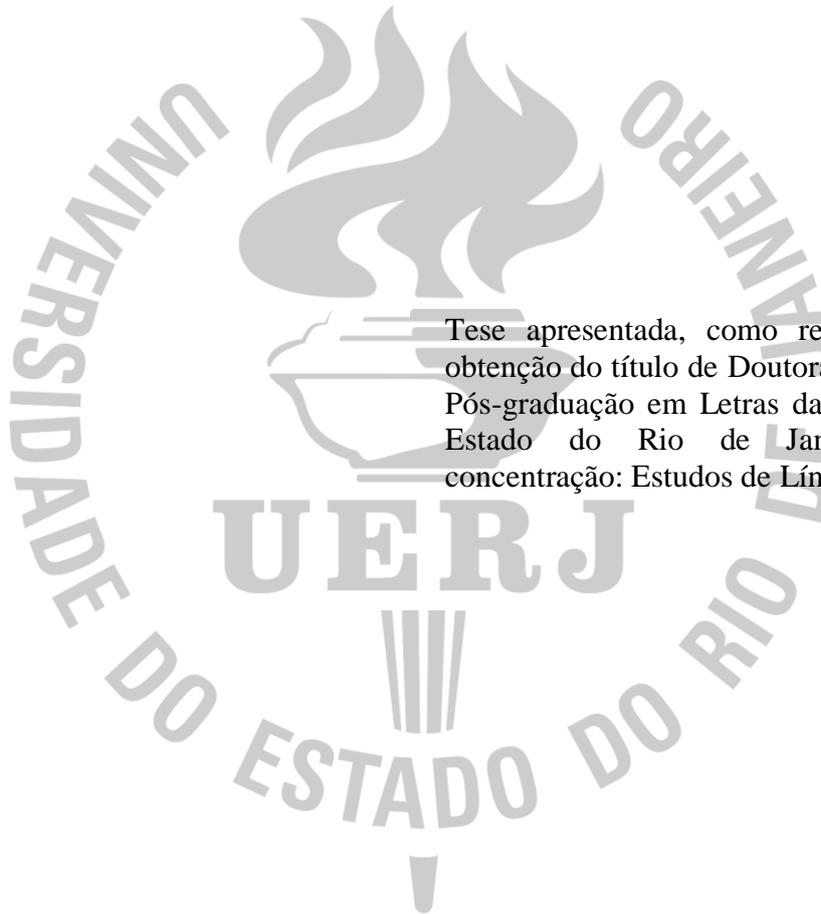
Ramos

Rio de Janeiro

2019

Márcia da Gama Silva Felipe

Identidade em crise: a década de 1930 e seus reflexos na obra de Graciliano Ramos



Tese apresentada, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof^a Dra. Darcilia Marindir Pinto Simões

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

R175 Felipe, Márcia da Gama Silva.
Identidade em crise: a década de 1930 e seus reflexos na obra de Graciliano Ramos / Marcia da Gama Silva Felipe. - 2019.
165 f. : il.

Orientadora: Darcilia Marindir Pinto Simões.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Ramos, Graciliano, 1892-1953 - Crítica e interpretação – Teses. 2. Iconicidade (Linguística) – Teses. 3. Identidade (Conceito filosófico) na literatura – Teses. 4. Literatura e história – Teses. 5. Língua portuguesa – Lexicologia – Teses. 6. Alteridade – Teses. 7. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. I. Simões, Darcilia, 1951-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-95

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Márcia da Gama Silva Felipe

Identidade em crise: a década de 1930 e seus reflexos na obra de Graciliano Ramos

Tese apresentada, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em: 12 de agosto de 2019

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Darcilia Marindir Pinto Simões (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof^a. Dra. Denise Salim Santos
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Tania Maria Nunes de Lima Camara
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Rosane Reis de Oliveira
Curso Promilitares

Prof. Dr. Claudio Artur Oliveira Rei
Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2019

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento será sempre em primeiro lugar a Deus cuja graça e misericórdia são a razão de minha existência. Agradeço a Ele pela vida e pela concessão da fé, da saúde e da determinação para permanecer na caminhada.

Em segundo lugar, agradeço a meus pais (em memória), Pedro Paulino e Maria José; exemplos de vida, de correção, de caráter, razão de ser quem sou. Sergipanos que me ensinaram a amar a cultura nordestina e o valor de um bom ditado popular.

Agradeço a meu amado esposo Mário Felipe. Como eu conseguiria ser quem sou, fazer o que faço sem seu auxílio, sem sua parceria? Obrigada por me dedicar seu amor, seu companheirismo, por dividir comigo todos os momentos e caminhos que trilhamos.

Agradeço a meus filhos, Rômulo e Rebeca, pela torcida, pela paciência e pelas dicas que, mesmo sem perceberem, contribuíram com minha escrita. Vocês são bênçãos de Deus na minha vida.

A meus irmãos que estão sempre me abençoando com seu amor, sua torcida e suas orações. Que o Senhor mantenha nossa unidade cada dia mais fortalecida. Vocês são minha referência e minha alegria. Um agradecimento especial à minha amada irmã Lindinalva, mulher sábia e amiga, que me ensinou a enxergar “com os olhos da alma”, a compreender os percalços da vida e a ser um ser humano melhor.

Agradeço aos amigos, próximos e distantes, acadêmicos ou não, mas que sempre estão comigo na caminhada, demonstrando o melhor de si e desejando sempre uma amizade duradoura.

Agradeço a todos os professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – por nos conduzirem com sabedoria, por partilharem seu conhecimento, por não desistirem diante das adversidades do ensino público e por garantirem o ensino de qualidade na Universidade pública.

Um agradecimento especial aos amigos que fiz nessa jornada acadêmica, obrigada pela parceria na caminhada, por compartilharmos sorrisos e ansiedades, vitórias e lutas. Continuaremos juntos nessa estrada que está apenas começando.

Agradeço ainda àquela que me forjou o perfil acadêmico. À minha querida orientadora e amiga Darcília Simões, meu mais profundo agradecimento. Obrigada pelo incentivo, pela parceria, por me ensinar os meandros da pesquisa e me abrir um horizonte, a princípio tão distante.

Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso tu me formaste, as tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem.

Salmo de Davi, 139:14

RESUMO

FELIPE, Márcia da Gama Silva. *Identidade em crise: a década de 1930 e seus reflexos na obra de Graciliano Ramos*. 2019. 165 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

A combinação dos temas *língua, cultura e identidade* é uma questão necessária e urgente no ensino de línguas, razão pela qual são desenvolvidas as investigações aqui propostas. A tese que se busca comprovar é a de que as obras *São Bernardo, Angústia e Vidas Secas* refletem, ainda que não intencionalmente, uma crise na identidade de boa parte do povo brasileiro, provocada pelos acontecimentos vigentes na década de 1930. As pesquisas foram desenvolvidas a partir da análise lexical dos três romances, buscando identificar de que forma a referida crise é refletida no tecido textual. Em função da amplitude do córpus, propõe-se o recorte calcado nas estratégias usadas pelo autor para a construção da identidade de cada protagonista, assim como para o desencadeamento das respectivas crises de identidade. Devido à especificidade dos textos-córpus e do tema, é necessária a confluência de embasamentos teóricos de áreas distintas, porém complementares. A análise linguística é baseada na seleção lexical, segundo os pressupostos da Teoria da Iconicidade Verbal (SIMÕES), teoria de base semiótica, que trata do potencial icônico, indicial e simbólico do léxico. Também foram analisadas as expressões lexicalizadas devido à sua relevância no ensino de Língua Portuguesa, em função do potencial de significação que comportam. Para o tratamento dessas expressões, buscou-se respaldo teórico em Xatara e Succi (2008), com base nos critérios: *tradição, autoridade, polifonia, ideologia, contexto e intertextualidade*, usados na classificação dessas expressões, tendo como parâmetro as características do provérbio. As análises acerca da construção e da crise da identidade são fundamentadas nas áreas da Psicanálise e das Ciências Sociais, principalmente, nos pressupostos de Morin (2007) e Woodward (2014). As abordagens partem do pressuposto de Freud (1997), segundo o qual, o corpo, o mundo externo e os relacionamentos representam a fonte do sofrimento do ser humano. Devido à extensão do córpus eleito, o levantamento dos vocábulos usados na composição do texto contou com o suporte tecnológico do *software Antconc*. Para melhor direcionar as investigações, foram elaboradas três questões que são respondidas no corpo da tese, a saber: É possível identificar traços de identidade a partir do estudo da iconicidade lexical nas obras em foco? De que modo os signos icônicos e indiciais podem refletir as tensões que fundamentam a construção da identidade (eu X eu, eu X outro, eu X mundo)? As formas icônicas e indiciais levantadas nas obras podem atestar a verossimilhança entre o mundo narrado e o cenário sociopolítico da época na qual as obras são localizadas? Pretende-se, pois, contribuir tanto para o entendimento dos romances aqui analisados como obras literárias representantes de um período histórico, quanto para um profícuo ensino da leitura e da interpretação de textos nas aulas de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Cultura. Língua. Iconicidade verbal. Identidade. Literatura.

ABSTRACT

FELIPE, Márcia da Gama Silva. *Identity in crisis: the 30's and its repercussions in the works of Graciliano Ramos*. 2019. 165 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

The intersection of the subject matters of language, culture and identity is a necessary and urgent issue on the language learning, in which the proposed investigations are developed. The argument we intend to prove is that works such as *São Bernardo*, *Angústia* and *Vidas Secas* reflect, yet not intentionally, an identity crisis in good part of the Brazilian people, instigated by the events established in the 30's. The researches were developed from the lexical analysis of the three novels, seeking to identify in which way the referred crisis is reflected in the textual conception. Due to the magnitude of the corpus it is proposed to focus on the strategies used by the author to construct the identity of each protagonist, as well as the development of the respective crisis of such identities. Due to the specificity of the corpus-text and the theme it is necessary the congruence of theoretical basis from distinct but complementary areas. The linguistic analysis is based on the lexical selection according to Verbal Iconicity Theory Assumption (SIMÕES), of semiotic basis, which deals with the iconic, indicial and symbolic potential of the lexicon. The lexicalized expressions are also analyzed due to its relevance in the Portuguese Language learning, due to the meaning potential they bear. For the approach of these expressions, the theoretical support is sought in Xatara and Succi (2008), based on the following criteria: tradition, authority, polyphony, ideology, context and intertextuality, used in the classification of these expressions as a proverb. The analysis about the construction and about the identity crisis are based on the Psychoanalysis and Social Science fields, mainly on Morin (2007) and Woodward assumptions (2014). The approaches are based on Freud assumption (1997), according whom, body, outside world and relationships represent the source of human suffering. Due to the magnitude of the selected corpus, the list of words used in the text composition relies on the technological support of the Antconc1 software. In order to better conduct the investigations, three questions were elaborated, and their answers will be sought on the body of the thesis: Is it possible to identify features from the lexical iconicity study in the focused works? How can iconic and indicial signs reflect the tensions that are responsible for the identity construction (me X me, me X other, me X world)? Can the iconic and indicial forms listed in these works certify the verissimilitude between the world narrated and the sociopolitical scenario of the time in which the works are situated? It is intended, therefore, to contribute to the understanding of the novel here analyzed both as literary works representing an historical era and as effective Portuguese Language learning.

Keywords: Culture. Language. Verbal Iconicity. Identity. Literature.

RIASSUNTO

FELIPE, Márcia da Gama Silva. *Identità in crisi: gli anni '30 e i suoi riflessi nel lavoro di Graciliano Ramos*. 2019. 165 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

La combinazione dei temi della lingua, della cultura e dell'identità è una questione necessaria ed urgente nell'insegnamento delle lingue, motivo per cui la ricerca qui proposta viene sviluppata. La tesi che si cerca di dimostrare è che le opere *Angústia*, *São Bernardo* e *Vidas Secas* riflettono, anche se involontariamente, una crisi di identità per gran parte del popolo brasiliano, causata dagli eventi in corso nel 1930. La ricerca è stata condotta basata sull'analisi lessicale dei tre romanzi, cercando di identificare come questa crisi si riflette nel tessuto testuale. In funzione dell'ampiezza del corpus, si propone un ritaglio concernente alle strategie utilizzate dall'autore per la costruzione dell'identità di ciascun protagonista, nonché lo scatenamento delle proprie crisi di identità. A causa della specificità dei testi-corpus e del tema, è necessaria la confluenza di basi teoriche di aree distinte ma complementari. L'analisi linguistica è fondata sulla selezione lessicale, secondo le ipotesi della teoria dell'iconicità verbale (SIMÕES), di base semiotica, che tratta il potenziale iconico, indicale e simbolico. Vengono anche analizzate le espressioni lessicalizzate a causa della loro rilevanza nell'insegnamento della lingua portoghese, in funzione del potenziale di significato che implicano. Per il trattamento di queste espressioni, si cerca il supporto teorico in Xatara e Succi (2008), basato sui criteri: *tradizione, autorità, polifonia, ideologia, contesto e intertestualità*, usati nella classificazione di queste espressioni come un proverbio. Le analisi sulla costruzione e l'identità di crisi sono fondate nel campo della psicanalisi e delle scienze sociali, soprattutto nelle ipotesi di Morin (2007) e Woodward (2014). Gli approcci partono da Freud (1997), secondo cui il corpo, il mondo esterno e le relazioni rappresentano la fonte della sofferenza umana. A causa dell'estensione del corpus eletto, il rilevamento delle parole utilizzate nella composizione del testo ha contato sul supporto tecnologico del *software Antconc*. Per condurre meglio le indagini sono state preparate tre domande che verranno rispose nel corpo della tesi, cioè: È possibile identificare tratti di identità dallo studio di iconicità lessicale nei lavori a fuoco? Come possono i segni iconici e indicali riflettere le tensioni che sono alla base della costruzione dell'identità (Io X Io, I X l'altro, I X mondo)? Le forme iconiche e indessicali sollevate nelle opere sono in grado di attestare la verosimiglianza tra il mondo narrato e lo scenario socio-politico del tempo in cui si trovano le opere? È quindi intentato a contribuire sia alla comprensione dei romanzi analizzati qui come opere letterarie che rappresentano un periodo storico, sia a un insegnamento competente di lettura e interpretazione dei testi nelle lezioni di lingua portoghese.

Parole chiave: Cultura. Lingua. Iconicità verbale. Identità. Letteratura.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Resumo de teorias acerca da identidade.....	36
Quadro 2 –	Classificação dos signos verbais.....	38
Quadro 3 –	Análise lexical.....	39
Quadro 4 –	Aspectos caracterizadores do provérbio.....	47
Quadro 5 –	Expressões lexicalizadas e seus respectivos sentidos.....	62
Quadro 6 –	Relação de expressões lexicalizadas usadas quando há exagero no sofrimento.....	70
Quadro 7 –	Relação de expressões lexicalizadas usadas quando desvaloriza o opositor.....	71
Quadro 8 –	Relação de expressões lexicalizadas usadas em momento de ameaça proferida.....	73
Quadro 9 –	Relação de expressões lexicalizadas usadas em justificativas.....	73
Quadro 10 –	Relação de expressões lexicalizadas usadas em descrições.....	74
Quadro 11 –	Função semiótica da expressão <i>percevejo social</i>	82
Quadro 12 –	Função semiótica do substantivo <i>sururu</i>	83
Quadro 13 –	Expressões de desvalorização da figura feminina.....	93
Quadro 14 –	Isotopias deflagradas pela caracterização do substantivo <i>olho</i> em <i>São Bernardo</i>	103
Quadro 15 –	Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do substantivo <i>olhos</i> em <i>São Bernardo</i>	104
Quadro 16 –	Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do verbo <i>ver</i> em <i>São Bernardo</i>	108

Quadro 17 –	Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do substantivo <i>olho</i> em <i>Angústia</i>	112
Quadro 18 –	Potencial sígnico de valor semântico <i>neutro</i> deflagradas pelo contexto de uso do substantivo <i>olhos</i> em <i>Angústia</i>	116
Quadro 19 –	Potencial sígnico de valor semântico <i>positivo</i> deflagradas pelo contexto de uso do substantivo <i>olhos</i> em <i>Angústia</i>	117
Quadro 20 –	Potencial sígnico de valor semântico <i>negativo</i> deflagrado pelo contexto de uso do substantivo <i>olhos</i> em relação a personagens secundários	119
Quadro 21 –	Potencial sígnico de valor semântico <i>negativo</i> deflagrado pelo contexto de uso do substantivo <i>olhos</i> em relação a Julião Tavares...	121
Quadro 22 –	Potencial sígnico de valor semântico <i>negativo</i> deflagrado pelo contexto de uso do substantivo <i>olhos</i> em relação a Marina.....	122
Quadro 23 –	Potencial sígnico de valor semântico <i>negativo</i> deflagrado pelo contexto de uso do substantivo <i>olhos</i> em relação a Luís da Silva.....	124
Quadro 24 –	Potencial sígnico de valor semântico <i>positivo</i> do substantivo <i>olho</i> em <i>Vidas Secas</i>	128
Quadro 25 –	Potencial sígnico de valor semântico <i>positivo</i> do substantivo <i>olhos</i> em <i>Vidas Secas</i>	129
Quadro 26 –	Potencial sígnico de valor semântico <i>negativo</i> do substantivo <i>olhos</i> em <i>Vidas Secas</i>	130
Quadro 27 –	O caráter indicial do substantivo <i>governo</i>	146

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Total de cursos com oferta de pós-graduação em Língua Portuguesa, com conceitos 5, 6 e 7, segundo a CAPES	24
Tabela 2 –	Quantidade de trabalhos publicados acerca do tema identidade com a aplicação de filtros de pesquisa.....	26
Tabela 3 –	Total de palavras e de palavras novas por romance.....	135
Tabela 4 –	Relação de palavras-chave do romance <i>São Bernardo</i>	137
Tabela 5 –	Relação de palavras-chave do romance <i>Angústia</i>	139
Tabela 6 –	Análise semiótica das palavras-chave.....	143

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
DECB	Dicionário de expressões coloquiais brasileiras
DEI	Dicionário de expressões idiomáticas
DEPB	Dicionário de expressões populares brasileiras
DI	Dicionário informal
DN	Dicionário do Nordeste
IC	Inferido no contexto
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático
PUC-MG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC-RIO	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SD	Sertão desencantado
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UEPEL	Universidade Federal de Pelotas
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás

UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio De Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UPF	Universidade de Passo Fundo
TIV	Teoria da Iconicidade Verbal

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	JUSTIFICATIVA	20
2	METODOLOGIA	23
2.1	Andamento da investigação	24
2.2	Algumas confluências e o tratamento dos dados	27
3	EMBASAMENTO TEÓRICO	29
3.1	Conceito de identidade: constituição e tipos de identidade	30
3.1.1	<u>Identities: processos e formação</u>	33
3.1.2	<u>A crise da identidade</u>	34
3.2	Teoria da Iconicidade Verbal: o poder dos signos	37
3.3	Os estudos dialetológicos e as expressões lexicalizadas	42
4	DESCRIÇÃO DO CÓRPUS	49
5	ANÁLISE DO CÓRPUS	58
5.1	O léxico na representação da identidade	58
5.2	A construção do perfil: o léxico e a iconicidade identitária	60
5.2.1	<u>Paulo Honório – um homem sem origem</u>	61
5.2.2	<u>Luís da Silva – um Silva qualquer</u>	77
5.2.3	<u>Fabiano – apenas mais um retirante</u>	84
6	A ALTERIDADE E A CRISE DA IDENTIDADE	90
6.1	Paulo Honório e Madalena	91
6.2	A subjetividade de Luís da Silva	96
6.3	As relações de poder na cosmovisão de Fabiano	98
7	A CONFISSÃO NO OLHAR	101
7.1	“Ver para crer” em <i>São Bernardo</i>	102
7.1.1	<u>Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do substantivo <i>olho</i></u>	103
7.1.2	<u>Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do substantivo <i>olhos</i></u>	104
7.1.3	<u>Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do verbo <i>ver</i></u>	108
7.2	Olhar para existir em <i>Angústia</i>	111
7.2.1	<u>Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do substantivo <i>olho</i></u>	111
7.2.2	<u>Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do substantivo <i>olhos</i></u>	115

7.3	As contradições do olhar em <i>Vidas Secas</i>	127
7.3.1	O potencial sógnico de valor semântico do substantivo <i>olho</i>	128
7.3.2	Potencial sógnico de valor semântico do substantivo <i>olhos</i>	129
8	A ALTA ICONICIDADE DOS ROMANCES DE GRACILIANO RAMOS	132
8.1	<i>São Bernardo</i>	135
8.2	<i>Angústia</i>	137
8.3	<i>Vidas Secas</i>	141
8.4	Os romances e o contexto sociopolítico	143
9	LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO	147
9.1	O aspecto legal do ensino com abordagem cultural	148
9.2	A abordagem dos livros didáticos	151
9.3	As expressões lexicalizadas e o ensino de Língua Portuguesa	154
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	156
	REFERÊNCIAS	160

INTRODUÇÃO

A curiosidade e a atenção humanas são movidas pelo espanto. Por isso, todas as vezes que nos surpreendemos com algo que não sucede como o esperado, surge o problema, e nasce o desejo de investigar os motivos que produziram o efeito inusitado. E assim mergulha-se na pesquisa.

Simões, 2017, p. 43

Espanto. Foi esse sentimento que invadiu a autora da presente tese ao deparar-se com a crítica de Álvaro Lins à obra de Graciliano Ramos. A leitura do artigo *Valores e misérias das Vidas Secas* (LINS, 1970) causou surpresa quanto à atribuição de uma inverossimilhança “excessiva e inaceitável” em relação ao romance *São Bernardo* e de dois defeitos técnicos em relação a *Vidas Secas* (LINS, 1970, p. 31, 37). Desse sentimento, nasceu o desejo de investigar os motivos pelos quais um autor consagrado, cuja obra atravessa o tempo e as fronteiras geográficas e linguísticas, produziu esse efeito em seus romances. As razões que levam obras, segundo o crítico, defeituosas a conquistarem leitores no decorrer do tempo e, ainda, a tornarem-se parte do cânone literário de uma nação, precisavam ser identificadas.

Ainda que a atual valorização do texto midiático, multimodal e de rápido consumo seja uma realidade, vale a pena voltar no tempo para analisar detidamente o texto literário. O cânone da literatura nacional pouco tem figurado nas pesquisas voltadas às questões da Língua Portuguesa nos cursos de Pós-Graduação. Fazer desse corpus um objeto de análise dos estudos linguísticos consiste em uma certeza e um desafio: a certeza de trilhar um caminho prazeroso, por ter como objeto o texto literário, e um desafio por se tratar de um tema abrangente, que representa de forma inseparável *língua, cultura e identidade*. A necessária combinação desses três temas no ensino de línguas é a razão pela qual são desenvolvidas as investigações aqui propostas.

A hipótese, em torno da qual se concentra o esforço investigativo desta tese, é a de que os romances de Graciliano Ramos, publicados na década de 1930, *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938), apontam uma crise de identidade, desencadeada no

homem sertanejo, durante a década de 1930. Os acontecimentos sócio-históricos desse período, especialmente os que fizeram parte da política de Governo do Presidente Getúlio Vargas – cuja culminância ocorre com a implantação do *Estado Novo*, vigente no período de 1937 a 1945 – já vinham produzindo efeitos na identidade do povo e no tecido social.

Acredita-se, pois, que todos os fatores necessários à construção de um romance, a estrutura narrativa, o enredo, as personagens e a linguagem, sem contar com aspectos da teoria literária, fazem parte desse processo sógnico na configuração de um possível projeto comunicativo, no caso, do autor alagoano.

Em função da abrangência do tema e dos vários elementos que contribuíram para a configuração do presente estudo, foi necessário o diálogo interdisciplinar com outras áreas do conhecimento para melhor compreensão. Desse modo, as considerações e os resultados das investigações são compartimentados para facilitar a leitura. Primeiramente, apresenta-se um panorama histórico do período de referência, com o objetivo de localizar historicamente algumas afirmações feitas. Em seguida, é apresentada uma análise cuidadosa das especificidades do tema central: *identidade*, a partir das considerações de autores renomados, estudiosos desse assunto. Também são tratadas questões de Literatura, visto a importância do corpus de análise na composição literária do cânone nacional.

O tema *Identidade* tem levantado alguns debates em vários meios científicos. Segundo Stuart Hall (2006), alguns eventos globais, como o feminismo, a psicanálise e a globalização, são fatores que têm exercido influência direta no modo de se compreender esse fenômeno, provocando mudança de paradigma em torno do assunto. Essa mudança é uma das causas apontadas para o maior interesse dos pesquisadores acerca do assunto.

Entende-se a construção da identidade como um processo que se desenvolve em torno do sentimento de identificação e de pertencimento a partir, basicamente, de três dimensões: em relação a si mesmo, em relação ao outro e em relação à sociedade. Essa construção, no entanto, nem sempre ocorre de forma tranquila, senão no confronto com os acontecimentos e no embate das emoções. Quando grandes transformações atingem qualquer uma dessas dimensões há uma ruptura e, possivelmente, instala-se uma crise de identidade.

A ideia de crise encontra respaldo na tese defendida por Hall em *Identidade cultural na pós-modernidade* (HALL, 2006). Nesse texto, o autor fala do descentramento do sujeito moderno cuja causa estaria em cinco grandes avanços das teorias sociais e das ciências humanas: os reflexos da teoria marxista, o impacto do feminismo, a descoberta do inconsciente por Freud, os estudos saussurianos e o “poder disciplinar” de Foucault. Em outra obra, acerca

da necessidade do debate em torno do tema *identidade*, o pesquisador destaca que

Está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais, de uma forma ou outra, criticam a ideia de identidade integral, originária e unificada (...). Onde está, pois, a necessidade de mais uma discussão sobre a “identidade”? Quem precisa dela? (HALL, 2017, p. 103).

Na esteira desses questionamentos, cabe esclarecer a escolha do tema *Identidade* numa investigação cujo fim é a Língua Portuguesa. Considerando que a linguagem é o principal modo de expressão, de interação, de leitura e representação do mundo, e que o texto literário reflete um dado momento histórico-cultural, defende-se o desenvolvimento de estudos em torno do tema *Identidade*, a fim de que se possa delinear o modo como ocorrem os processos de formação e seus reflexos, tanto na prática languageira, quanto na produção de textos literários. Em última análise, a fala de Hall aponta para uma necessidade que alcança os bancos escolares, uma vez que esse é o ambiente, por essência, de formação de leitores cujo gosto pela literatura carece de despertamento, a ser fomentado pelo professor. Nesse cenário, o texto literário é um rico representante de identidades diversas percebidas no tecido social. Nesse sentido, Simões afirma ser observável

a seleção vocabular como representativa de usos e costumes diversos; a colocação dos termos nos enunciados como imagem das opções de enfoque ou das posições discursivas; a eleição do gênero e do tipo textual como indicador da relevância dos itens temáticos e lexicais contemplados no texto etc. (SIMÕES, 2009, p. 78).

É essa representatividade que se busca observar nos textos-cópus, a partir da identificação do processo de semiose construída com base na seleção lexical e na construção da identidade dos protagonistas das obras de em questão. Com esse intento, importa trazer ao texto a contribuição de um crítico literário, com relação à produção desenvolvida no período histórico em referência neste trabalho. Em sua obra *História concisa da Literatura brasileira*, Alfredo Bosi, analisando a produção literária dos anos 1930, afirma que eventos mundiais como o socialismo, o freudismo e o catolicismo existencial foram “chaves que serviram para a decifração do homem em sociedade e sustentariam ideologicamente o romance empenhado desses anos fecundos para a prosa narrativa” (BOSI, 2000, p. 389).

Em função disso, outras “chaves” são apresentadas nesta pesquisa, cujo objetivo é investigar os reflexos dos contextos político e socioeconômico da década de 1930 na representação da identidade no âmbito da literatura, mais especificamente em três das obras do autor Graciliano Ramos: *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas Secas*. O regime político-econômico imposto ao povo brasileiro na década de 1930 marcou um período histórico cujas lembranças

ecoam na memória nacional. Nesse contexto de abalo das estruturas sociais, situam-se as três referidas obras. Produzidos na década de 1930, os romances fazem parte de um cenário no qual as ações de cunho político e socioeconômico e, conseqüentemente, as marcas impressas no tecido social podem ter sido determinantes na configuração de novas identidades, representadas no texto literário.

O fato de que a língua reflete não só os processos mais subjetivos como também aqueles que representam as vivências em sociedade é a razão que justifica a abordagem destas investigações. Por isso, as pesquisas foram desenvolvidas no aparato lexical da obra, a partir de uma abordagem semiótica, calcadas nos estudos em torno da temática da Identidade.

Dessa forma, a análise dos cópús foi feita segundo os estudos desenvolvidos por Simões (2009) no campo da iconicidade verbal, cujos estudos têm comprovado o potencial de significação do aparato lexical do texto escrito e sua importância na construção do significado nos processos de escrita e leitura. São trazidas ainda as contribuições de Hall (2006), Bauman (2005) e Morin (2007) acerca das influências na formação da identidade e em sua crise.

A partir do entendimento de que a formação da identidade do “sujeito sociológico” (Hall, 2006, p. 2) ocorre na interação entre o *eu* e a *sociedade*, e que essa identidade preenche o espaço entre o mundo interior e o mundo exterior, o pessoal e o público – influenciando e sendo influenciada pelo meio e, ainda, que essa identidade é refletida nas ações, na linguagem e na arte – acredita-se que as obras citadas configuram uma representação da identidade do povo brasileiro durante o período histórico no qual estão inseridas. Essa abordagem pretende preencher uma lacuna referente à necessária combinação *língua/identidade/contexto histórico*. Entende-se que esse enfoque tem muito a contribuir não só para percepção do valor histórico da obra, mas também para um ensino mais profícuo da leitura e da interpretação de textos literários nas salas de aula.

A tese que se busca comprovar é a de que as obras *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas Secas*, refletem, ainda que não intencionalmente, uma crise na identidade de boa parte do povo brasileiro, provocada pelos acontecimentos vigentes no referido período histórico cujos reflexos foram vivenciados, respectivamente, em três planos: regional, individual e social.

Neste ponto, traz-se uma citação de Benedetto Vecchi na introdução aos estudos de Bauman (2005), quando diz que

Qualquer que seja o campo de investigação em que se possa testar a ambivalência da identidade, é sempre fundamental distinguir os polos gêmeos que esta impõe à existência social: a opressão e a libertação. (BAUMAN, 2005, p. 13).

A opressão, porque condiciona a identificação com o que é externo ao indivíduo; a libertação, porque permite que o indivíduo se manifeste com o que lhe é próprio. Nesse enfrentamento, a linguagem se apresenta como instrumento de manifestação de opinião e de expressão simbólica representativa de aspectos da identidade humana.

Com esse entendimento, investigou-se a forma pela qual a representação da identidade é refletida na configuração do tecido linguístico dos textos-cópus. Para tanto, foram propostas as seguintes questões a fim de nortear as pesquisas: 1) É possível identificar traços de identidade a partir do estudo da iconicidade lexical nas obras em foco? 2) De que modo os signos icônicos e indiciais podem refletir as tensões que fundamentam a construção da identidade (eu X eu, eu X outro, eu X mundo)? 3) As formas icônicas e indiciais levantadas nas obras podem atestar a verossimilhança entre o mundo narrado e o cenário sociopolítico da época na qual as obras são localizadas?

Nessa vertente, o léxico configura a principal abordagem das investigações aqui propostas. Vale ressaltar a importância do texto literário nestas investigações, visto que é legítimo representante da cultura de um povo e, por isso, válido para a análise desenvolvida.

1 JUSTIFICATIVA

Como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando.

BNCC, p. 499

A ampliação da visão de mundo é uma necessidade para a formação do leitor. Como evidenciado pela BNCC, a literatura torna possível esse caminho de descobertas, do mundo e de si mesmo. Entender o porquê dos acontecimentos, conhecer-se e conhecer o outro, compreender o próprio mundo e outros tantos diversos são competências que podem ser desenvolvidas com o auxílio da literatura.

Ressalta-se, pois, a necessidade de investigação de temas que convergem para o fazer linguístico e produzem identidade com o leitor. Com essa mesma visão, Antunes ressalta a importância da associação de temas que surgem no ato de comunicação, influenciando e sendo influenciados pela linguagem. Segundo a autora, no estudo da língua existem

quatro realidades: língua, cultura, identidade, povo, na verdade, todas irremediavelmente indissociáveis. O povo tem uma identidade, que resulta dos traços manifestados em sua cultura, a qual, por sua vez, se forja e se expressa pela mediação das linguagens, sobretudo, da linguagem verbal (ANTUNES, 2007, p. 93)

Antunes deixa clara a necessidade da associação dessas realidades no estudo de línguas. Essa abordagem é contemplada pelos três romances de Graciliano Ramos, aqui analisados, visto que apresentam essa combinação, calcados em um conjunto de signos que contribuem para a compreensão não apenas do enredo, mas de todo processo de significação subjacente à estrutura dos textos. Essa característica oferece condições, tanto aos leitores iniciantes, quanto aos experimentados na arte literária, de apreciar a leitura do texto literário e identificá-lo como representante da cultura brasileira.

O alcance das obras a leitores diversos é justificado pelo potencial sógnico na construção do texto cujas “âncoras textuais” deixadas no momento de composição, podem ser localizadas pelo leitor, no ato de leitura (SIMÕES, 2009, p. 99). Em função disso, tanto o leitor-modelo ingênuo (semântico), quanto o leitor-modelo crítico (semiótico), segundo Umberto Eco (2000, p. 12), têm enriquecido seu cabedal de leitura e letramento literário. O primeiro, em função da recuperação das pistas deixadas pelo autor no tecido textual, permitindo-lhe a fruição dos textos e a percepção da representatividade da identidade regional do nordeste brasileiro. O segundo, pela identificação de elementos inscritos na estrutura, pela contextualização do enredo e pelo conhecimento enciclopédico, que localizam a obra no contexto sociopolítico de determinado momento histórico nacional.

A qualidade das narrativas e sua representatividade da cultura brasileira são pontos de concordância entre inúmeros críticos literários. Segundo Bosi, os romances de Graciliano Ramos são caracterizados como universais, visto que apresentam seus protagonistas em luta constante com a realidade que os cerca, exercendo papel de “lutador, suicida e retirante” (BOSI, p. 402). *Paulo Honório, Luís da Silva e Fabiano* superam o plano regional a que essas obras foram vinculadas para representarem toda uma nação. As personagens desenham muito mais que um perfil do homem sertanejo, elas revelam o caráter humano em toda sua complexidade.

Segundo Lins, o conjunto da obra desse romancista “constitui uma sátira violenta e um panfleto furioso contra a humanidade” (LINS, 1970 p. 13). Rui Mourão afirma que a riqueza da obra de Graciliano Ramos “só pode ser entrevista na medida em que verificamos sua íntima relação com o panorama social da época” (MOURÃO, 1971, p. 135). Ainda que já enunciada em outra pesquisa¹, vale a pena repetir a análise de Bosi, que marca significativamente a importância dos textos-corpus aqui analisados. Em sua visão,

Nos romances em que a tensão atingiu ao nível da crítica, os fatos assumem significação menos “ingênua” e servem para revelar as graves lesões que a vida em sociedade produz no tecido da pessoa humana: logram por isso alcançar uma densidade moral e uma verdade histórica muito mais profunda. Há menor proliferação de tipos secundários e pitorescos: as figuras são tratadas em seu nexos dinâmico com a paisagem e a realidade socioeconômica (*Vidas Secas*, São Bernardo, de Graciliano Ramos), e é dessa relação que nasce o enredo. Passa-se do “tipo” à expressão; e, embora sem intimismo, talha-se o caráter do protagonista (BOSI, p. 393).

Desse modo, considerando a) o posicionamento da crítica acerca da importância histórico-social da obra de Graciliano Ramos; b) a análise do processo de construção da identidade, segundo os pressupostos de autores renomados nessa área de estudos e c) a

¹ Felipe, 2017, p. 17.

concepção do texto literário como produto da cultura de um povo, que reflete o comportamento de uma sociedade em determinados espaço e tempo sócio-histórico, entende-se justificada a proposição do presente trabalho.

Acrescente-se ainda a importância do tema e do corpus aqui propostos no contexto de domínio tecnológico experimentado hodiernamente. No momento em que o texto multimodal demanda novas abordagens e nova postura do ensino, em que as identidades estão sendo questionadas, em que a depressão assola a juventude e os indivíduos encontram dificuldade no convívio em sociedade, falar sobre *identidade* mostra-se urgente e necessário.

Por isso, a investigação dos reflexos do processo de transformação da identidade sertaneja, senão nacional, no texto literário, apresenta-se como necessária ao conhecimento de parte da literatura brasileira. Além disso, o caráter de universalidade das obras em tela traz a contribuição do texto literário ao autoconhecimento e à construção da alteridade para quem o lê e o apreende em todas as suas possibilidades.

Espera-se, pois, que os resultados dessas análises contribuam significativamente com linhas de trabalho que visem à abordagem mais produtiva da Língua Portuguesa, uma vez que está associada aos aspectos linguístico-culturais dos textos literários; na oferta de um ensino mais profícuo, já que a competência linguística incide na leitura; na produção textual, resultado do ato de leitura consciente e, conseqüentemente, no conhecimento de mundo e de si mesmo.

2 METODOLOGIA

De todo modo, o professor precisa tornar-se um profissional com visão integrada da realidade, compreender que um entendimento mais profundo de sua área de formação não é suficiente para dar conta de todo o processo de ensino. Ele precisa apropriar-se também das múltiplas relações conceituais que sua área de formação estabelece com as outras ciências.

Votre, 2011, p. 273

A afirmação de Votre vai ao encontro das relações estabelecidas para o desenvolvimento das investigações aqui propostas, visto que foi necessária a ampliação das pesquisas, devido à especificidade do tema *identidade*, com a busca de outras áreas do conhecimento. A análise foi desenvolvida a partir de uma abordagem quali-quantitativa, uma vez que a interpretação do corpus e de seu contexto de referência é privilegiada na abordagem proposta. Apesar disso, no decorrer da análise, são apresentados alguns dados quantificáveis, necessários às investigações desenvolvidas.

Aplicou-se o método dedutivo de análise, calcado na tentativa de confirmação da hipótese inicial, que tem por objetivo identificar a forma como os romances de Graciliano Ramos, publicados na década de 1930 – *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938) – apontam uma crise de identidade, provocada no homem sertanejo. Por isso, buscou-se embasamento teórico na *Teoria da Iconicidade Verbal* (SIMÕES, 2009), doravante TIV, como ferramenta de análise do aporte lexical das obras. Essa teoria de base semiótica é estruturada segundo os pressupostos da semiótica de extração americana, desenvolvida por Charles Sanders Peirce.

Foi também necessário o conhecimento dos processos acerca da construção da identidade, segundo autores pertencentes às Ciências Sociais e, ainda, o aprofundamento em torno das expressões lexicalizadas. Essas abordagens, no entanto, foram antecedidas da necessária busca por pesquisas produzidas nos cursos de Pós-Graduação, com o objetivo de identificar o andamento dos estudos no âmbito acadêmico em torno do tema desta tese.

2.1 Andamento da investigação

Inicialmente, desenvolveu-se a revisão da literatura com o intuito de traçar um panorama dos estudos já realizados em torno do tema *identidade* no âmbito da linguagem, tendo como objeto de análise o *cópus* proposto nesta tese. As buscas foram efetivadas, com o auxílio da *Internet*, nos bancos de teses e dissertações de universidades bem avaliadas pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior, órgão do Ministério da Educação – responsável pelo reconhecimento e pela avaliação de cursos de pós-graduação *stricto-sensu*.

Em função da grande quantidade de instituições de nível superior existentes no território nacional, usou-se, nesse âmbito, a avaliação da Capes como critério de inclusão. Desse modo, foram selecionadas as instituições avaliadas no quadriênio 2013-2016², com conceitos 5, 6 e 7. Com base nos cursos avaliados, foram identificados 26 cursos na área de Letras, contudo, nem todos oferecem Programa na área de Língua Portuguesa. Em duas dessas instituições, não foi possível efetivar as pesquisas, reduzindo, assim, esse número a um total de 12 cursos analisados para os fins aqui propostos.

Tabela 1 – Total de cursos com oferta de pós-graduação em Língua Portuguesa, com conceitos 5, 6 e 7, segundo a CAPES.

Conceito CAPES	Total de Programas de pós-graduação ME / DO	Total de Programas de pós-graduação selecionados ME / DO
7	4	1
6	7	1
5	26	12

Fonte: A autora.

Conforme a tabela anterior, foram identificadas 14 instituições com cursos de pós-graduação na área de Língua Portuguesa, assim distribuídas: uma com conceito 7, Universidade

² Última avaliação disponível na plataforma na data da pesquisa, 18/06/2019.

Federal do Rio Grande do Sul; uma com conceito 6, Universidade Federal Fluminense, e 12 com conceito 5, conforme segue: Universidade de Passo Fundo (UPF); Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG); Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO); Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Universidade Estadual de Maringá (UEM); Universidade Estadual do Ceará (UECE); Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE); Universidade Federal de Goiás (UFG); Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Rio De Janeiro (UFRJ).

É importante esclarecer que duas das instituições relacionadas na Tabela 1 não figuram na análise da Tabela 2 desenvolvida a seguir, são elas a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) e a Universidade Estadual de Maringá (UEM). Essa ausência é justificada pela impossibilidade de conclusão das buscas em função da dificuldade de acesso à plataforma das instituições. A primeira apresenta acesso restrito aos dados e a segunda não oferece a possibilidade de “busca avançada”, dificultando o rastreamento dos dados associados em uma mesma produção científica.

O critério de busca foi definido da seguinte forma: primeiramente, trabalhos desenvolvidos no âmbito da pós-graduação, no banco de teses e dissertações das referidas instituições. Dentro desse ambiente de pesquisa, foi definido como principal palavra-chave o substantivo *identidade*. A partir do resultado dessa pesquisa inicial, com a quantidade total de trabalhos (2ª coluna), foram aplicados filtros, primeiro individualmente: *língua* (3ª coluna), *literatura* (4ª coluna) e *Graciliano Ramos* (5ª coluna). Em seguida, fez-se a pesquisa com a combinação desses filtros *língua + literatura*, *língua + Graciliano*. Vale ressaltar que alguns sistemas não ofereciam a opção de busca por *resumo* ou *abstract*, que resulta em maior possibilidade de ocorrência. Em função disso, as buscas variaram em torno dos filtros *resumo* e *assunto*.

A opção por esse padrão de pesquisa deve-se à intenção de demonstrar a quantidade de pesquisas desenvolvidas em torno do tema principal *identidade* e sua combinação com os campos da língua e da literatura, uma vez que consiste nos campos de pesquisa inerentes a esta tese. A tabela a seguir apresenta os resultados encontrados conforme explicitado.

Tabela 2 – Quantidade de trabalhos publicados acerca do tema identidade com a aplicação de filtros de pesquisa

	BANCO DE DADOS	Termo de busca: identidade	Filtro: língua	Filtro: literatura	Filtro: Graciliano Ramos	língua + literatura	língua + Graciliano Ramos
1	UFRGS	376	14	46	0	3	0
2	UFF	515	69	47	9	3	0
3	UPF	76	8	7	0	1	1
4	PUC/MG	991	197	106	2	14	0
5	PUC/SP	1637	115	125	17	2	1
6	UERJ	231	10	65	1	2	0
7	UECE	20	0	1	0	0	0
8	UNIOESTE	174	35	14	0	0	0
9	UFG	1693	24	31	1	1	0
10	UFPEL	281	6	18	0	0	0
11	UFSC	227	103	0	0	0	0
12	UFRJ	409	37	61	1	2	0
	TOTAIS	6.637	618	521	31	28	2

Fonte: A autora.

Como se pode observar, há uma quantidade considerável de estudos dedicados ao tema *identidade*. Contudo, a busca vinculada aos filtros *língua* e *literatura* apresentou um resultado bastante irrisório, uma vez que, em valores aproximados, as pesquisas pelo tema *identidade* giram em torno de 10% quando associados à língua ou à literatura.

Dos 618 trabalhos (3ª coluna) que têm a língua como objeto de estudo, apenas 28 desenvolvem a pesquisa no âmbito da literatura. Dos 31 trabalhos com menção a Graciliano Ramos, apenas 2 correlacionam sua obra ao estudo da língua. Em sua maioria, os trabalhos aqui computados abordam temas como *identidade de gênero* e *identidade nas literaturas feminina, gaúcha, infanto-juvenil e afro-brasileira*. Entretanto, quase nunca estão associados à linguagem.

Nesse universo de números e dados de pesquisa, apenas uma dissertação, cuja investigação tematiza a “relação língua, história, identidade e condição social” (NETO, 2008) tangencia o tema ora proposto; fazendo-lhe oposição, contudo, quanto aos objetivos apresentados, ao embasamento teórico e ao corpúsculo de análise, visto que é restrita ao romance

Vidas Secas. Com esse panorama, principiaram-se as investigações em outros campos do conhecimento devido à especificidade do tema conforme segue.

2.2 Algumas confluências e o tratamento dos dados

A combinação *identidade, língua e literatura* trouxe ao texto a necessidade da abordagem de temas caros a outros campos do saber como a Sociologia e a Literatura. Em função disso, além das pesquisas em torno da Semiótica – base teórica principal – procedeu-se a investigações em torno da *identidade* e da *verossimilhança*, analisadas detidamente no capítulo de embasamento teórico.

Devido à extensão do *córpus* de análise e à abordagem pretendida, foi adotada a análise lexical com o recurso tecnológico de um *software* de análise de material linguístico. O *AntConc*³ é um *software* livre, que auxilia na busca por palavras isoladas ou combinadas para a composição de sintagmas, auxiliando significativamente nas pesquisas num *córpus* extenso como o desta tese.

Com o uso da ferramenta *WordList*, forma-se uma lista de palavras, organizadas com base em frequência do vocábulo no texto e sua posição em relação aos demais. A partir da lista criada pela ferramenta, foram identificadas as palavras com as quais foram caracterizadas as personagens, que claramente agregam valor semântico ao texto. Esse recurso permitiu a identificação de todas as frases envolvendo todas as personagens, mais especificamente os protagonistas, e a identificação do processo de caracterização de cada uma. Com o auxílio das listagens criadas, pode-se selecionar qualquer palavra disponível e visualizá-la no período no qual se encontra a partir da ferramenta *concordance*.

Outra importante contribuição desse *software* foi a elaboração de uma relação com as palavras-chave dos textos-*córpus*. Essa listagem subsidia as análises desenvolvidas em cada romance. Esses dois recursos foram essenciais nas pesquisas realizadas. Primeiro, na identificação dos nomes de maior frequência que direcionaram a análise a partir de uma

³ “Kit de ferramentas de análise de *córpus* freeware para concordâncias e análise de texto” desenvolvido pelo Dr. Laurence Anthony (2014).

abordagem semiótica, o segundo, na identificação do contexto nos quais esses nomes foram mencionados, apontando possíveis isotopias.

Buscou-se, ainda, contribuição significativa dos dicionários, que serviram de endosso para as definições apresentadas. Além dos dicionários gerais, também foram consultados alguns específicos, a saber: *etimológico*, *regional* e *de sinônimos*. Uma maior quantidade de dicionários gerais foi necessária pelo fato de apresentarem algumas variações nos significados de alguns dos verbetes pesquisados. Acrescenta-se a essa lista *O livro dos nomes* de Regina Obata (1986), que contribuiu para análise dos nomes das personagens. Ressalta-se também o uso do *Dicionário do Nordeste* (NAVARRO, 2013), fundamental fonte de pesquisa, devido às inúmeras ocorrências de palavras de uso regional. O capítulo a seguir inicia a análise do corpus fundamentada nas teorias e auxiliada pelos recursos apresentados.

3 EMBASAMENTO TEÓRICO

Uma vez aberto o espaço para a *ciência do ver* (que é como costumamos batizar a *semiótica*), passa o sujeito a dispor de elementos capazes de lhe nortear o entendimento de sua condição de ser pensante, sensitivo e reativo. De possibilitar que, a partir dessas sensações e reações, o seu raciocínio entre em funcionamento e deflagre uma cadeia de relações aptas a desfraldar um universo, cada vez mais amplo acerca de si mesmo e de seu mundo.

Simões, 2017, p. 17

Deflagrar uma cadeia de relações é o que se intenciona fazer com a aplicação da semiótica na análise do *cópus* escolhido. A aptidão mencionada por Simões, na epígrafe deste capítulo, é o objetivo final no que tange à formação do leitor, a partir das propostas de abordagem apresentadas nesta tese.

Devido ao alcance do tema, tornou-se necessária a busca por teorias não diretamente ligadas à Língua Portuguesa, mas que influenciam diretamente os aspectos linguísticos e as formas de expressão, de compreensão do mundo e de interação, todas elas associadas ao tema *identidade*. Em função disso, as investigações foram embasadas em linhas teóricas que abarcassem o tema, tanto pela vertente das Ciências Humanas – por questões sociológicas e antropológicas – quanto pela vertente da língua, como instrumento que reflete essa identidade.

Primeiramente, visto que as análises carecem de um conhecimento mais específico no âmbito do tema *identidade*, foram elaboradas algumas hipóteses que serviram para direcionar e delimitar as pesquisas. Pretende-se, inicialmente, responder às seguintes perguntas: *Como as identidades são formadas? Quais processos estão envolvidos nessa formação? Uma vez construída a identidade, é possível que ela entre em crise?* Essa análise está organizada em três partes: a primeira apresenta as concepções quanto à constituição e aos tipos de identidade; a segunda parte apresenta como são formadas as identidades e quais processos estão envolvidos nessa formação; a terceira apresenta os aspectos envolvidos na crise da identidade.

Num segundo momento, busca-se embasamento teórico na Semiótica de base americana, calcando-se as investigações nas propostas da TIV, a fim de identificar a carga sógnica presente nos textos-cópus. Também são trazidas ao texto as pesquisas de Xatara e Succi (2008) em torno das expressões lexicalizadas, bastante frequentes em uma das obras analisadas. A despeito da concentração das pesquisas nas teorias referidas, serão apresentadas outras que venham contribuir para o desvelamento de questões desenvolvidas ao longo deste trabalho, na medida em que se tornem necessárias ao texto acadêmico.

Para melhor orientar o leitor na compreensão das teorias aqui abordadas, disponibilizam-se dois quadros (1 e 2) com o aporte teórico e a respectiva referência na extensão deste capítulo.

3.1 Conceito de identidade: constituição e tipos de identidade

Com o objetivo de respaldar as análises, buscou-se fundamentação em alguns teóricos no campo das Ciências Sociais em torno do tema *identidade*. A despeito da ordem cronológica de publicação das obras, a citação destes autores – Bauman (2005), Hall (2006), Morin (2007) e Hall, Silva e Woodward (2014) – é feita a partir de uma abordagem mais abrangente a uma mais específica no tocante à formação da identidade, finalizando com a concepção de crise dessa identidade. Por isso, suas falas poderão ser trazidas ao texto para um melhor esclarecimento da pesquisa, sem uma preocupação com o aspecto cronológico.

De acordo com Bauman, a identidade é individual, mas o pertencimento é coletivo, por isso, afirma que *pertencimento e identidade* não são permanentes, são “negociáveis e revogáveis” e que refletem as “decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age” (BAUMAN, 2005, p. 17-18). Na obra *Identidade* (2005), o estudioso destaca também a influência do Estado na construção da identidade coletiva. Nesse sentido, Bauman afirma que

A questão da identidade também está ligada ao colapso do Estado de bem-estar social e ao posterior crescimento da sensação de insegurança, com a ‘corrosão do caráter’ que a insegurança e a flexibilidade no local de trabalho têm provocado na sociedade (BAUMAN, 2005, p. 11).

A despeito do fato de essa análise ter sido feita em relação ao modelo de governo europeu, não seria incoerente afirmar que o “colapso do Estado”, citado por Bauman, pode

equivaler a mudanças políticas, como a ditadura do governo de Getúlio Vargas, vivenciadas por boa parte da população brasileira.

Vale destacar ainda a menção de Bauman à “corrosão do caráter”, fazendo clara referência ao livro homônimo do sociólogo americano Richard Sennett. Nessa obra, Sennett fala das mudanças repentinas de emprego entre trabalhadores qualificados, nos anos 1990, os quais acabam perdendo as raízes e o sentido de pertencimento aos locais de origem e de trabalho, o que provoca essa “corrosão do caráter”, a que se refere.

Mais uma vez, um texto publicado seis décadas após a obra de Graciliano Ramos fala profundamente à realidade enfrentada por Fabiano em sua desterritorialização. Tangido pela seca e pela vida, o vaqueiro desejava apenas fincar raízes em algum solo que oferecesse sustento à família. A diferença talvez esteja no alvo da corrosão; no caso dos trabalhadores qualificados, a “corrosão do caráter”; no caso de Fabiano, a corrosão da identidade.

O segundo pesquisador analisado, Stuart Hall, oferece uma abordagem bastante esclarecedora, cujas considerações se apresentaram adequadas aos estudos propostos. Segundo o autor, existem três concepções de identidade, calcadas em três tipos de sujeito: o do *Iluminismo*, o *sociológico* e o *pós-moderno*. Na primeira acepção, o indivíduo vem ao mundo com sua identidade formada e permanece com a mesma essência ao longo de sua trajetória; seria o “indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (HALL, 2006, p. 10).

O sujeito sociológico teria sua identidade influenciada pela interação com o outro. Num processo de influência mútua, esse sujeito transforma a cultura da sociedade na qual está inserido e é transformado por ela. Contudo, Hall afirma que essa possibilidade de transformação traz a ideia de fragmentação do sujeito. Segundo Hall,

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2006, p. 12).

Com base nessa análise, Hall teoriza a origem do sujeito pós-moderno, sua terceira concepção de identidade. Nesse caso, tem-se um sujeito sem “identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada transformada [sic] continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13).

O estar em sociedade, fazendo parte de uma cultura, ou de várias, é condição suficiente para que a construção da identidade seja fato constante. Com maior ou menor estabilidade, a partir da necessidade ou conveniência de sentir-se seguro, o sujeito atende, ou não, às interpelações de que é alvo. Consequentemente, não apenas a cultura, mas também as condições sociopolíticas são determinantes nesse processo, do qual os indivíduos são parte ativa.

Edgar Morin apresenta uma abordagem completa do ser humano. Segundo o estudioso, “A humanidade surge de uma pluralidade e de uma justaposição de trindades”. Seu estudo contempla todos os âmbitos inerentes à espécie humana. A primeira trindade divide-se em *indivíduo/sociedade/espécie*; a segunda compõe-se de *cérebro/cultura/espírito* e a terceira é formada de *razão/afetividade/pulsão*. (MORIN, 2007, p. 51).

Desses três grupos, destaca-se aquele a partir do qual o ser humano se define, cuja trindade é composta por “*indivíduo/sociedade/espécie*”. Tais componentes são considerados pelo estudioso, ainda que antagônicos e complementares, como “a base da complexidade humana”. Segundo ele, “Cada um dos termos dessa trindade é irredutível, ainda que dependa dos outros” (MORIN, 2007, p. 52).

Calcado nessa concepção, o autor de *O Método 5: a humanidade da humanidade* identifica cinco tipos de identidade: *identidade individual, identidade social, identidade histórica, identidade planetária e identidade futura*. De todos esses tipos propostos por Morin, o foco das investigações aqui propostas será nos três primeiros: a *individual*, a *social* e a *histórica*.

Em função do exposto, podem-se tecer algumas considerações: a) a identidade não é fixa, pode se transformar ao longo do tempo; b) a identidade ou seu processo de construção (uma vez que não é permanente) recebe a influência em todos os âmbitos e aspectos da vida em sociedade. Logo, considera-se pertinente o entendimento de que a década de 1930 produziu reflexos na sociedade brasileira cuja parcela está refletida nas obras referidas do romancista Graciliano Ramos.

Nos tópicos seguintes, a investigação é delineada, buscando responder a duas das questões propostas no início deste capítulo: *Como as identidades são formadas? Quais processos estão envolvidos nessa formação?*

3.1.1 Identities: processos e formação

A formação da identidade e os processos envolvidos nessa construção passam, necessariamente, pelo campo social. Por isso, traz-se a contribuição de Woodward, segundo a qual “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2014, p. 18). Ou seja, ao mesmo tempo que influencia na construção da identidade, o meio social é representado por esse mesmo indivíduo por meio de seu discurso.

Discursos e sistemas de representação pertencem ao âmbito das relações sociais. A cultura, o sistema político, todos os fatos e experiências contribuem nesse processo. Conforme Woodward, “Somos constrangidos, entretanto, não apenas pela gama de possibilidades que a cultura oferece, isto é, pela variedade de representações simbólicas, mas também pelas relações sociais” (WOODWARD, 2014, p. 19). Por outro lado, esse processo de construção não ocorre apenas a partir daquilo com que o indivíduo se identifica, mas, na mesma proporção, com aquilo que lhe é distinto. Na fala de Woodward,

A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades (na afirmação das identidades nacionais, por exemplo, os sistemas representacionais que marcam a diferença podem incluir um uniforme, uma bandeira nacional ou mesmo os cigarros que são fumados) (WOODWARD, 2014, p. 13-14).

Coadunando-se com essa fala, Morin apresenta a concepção do sujeito calcada, simultaneamente, na relação *eu X eu* e *eu X outro*. Segundo Morin, a concepção do sujeito engloba a visão do egocentrismo e a relação com o outro “na metáfora do duplo programa e reconhece o aspecto fundador, quase simultâneo, da autoafirmação do Eu e da sua relação com o outro” (MORIN, 2007, p. 79). Conclui-se pela não possibilidade de exclusão de qualquer das partes; a individualidade e a alteridade têm igual importância nesse processo.

Exemplificando com o *cópus* proposto: em quais sistemas simbólicos as personagens de Graciliano Ramos estavam imersas? Como *Paulo Honório*, *Luís da Silva* e *Fabiano*, se enxergavam no meio social do qual faziam parte? De que modo as atitudes de *Madalena*, de *Julião Tavares* e do *soldado amarelo* contribuíam, respectivamente, para a formação da identidade dos protagonistas? Essas questões estão respondidas no capítulo 7, no qual é abordada a crise de identidade dessas personagens.

Paulo Honório, desprovido de família, teve sua identidade fundamentada no abandono, na sensação de não pertencimento. “Assumindo a propriedade de S. Bernardo, Paulo Honório

se assume a si mesmo” (MOURÃO, 1971, p. 69); construiu sua vida calcado no engano, na mentira e nas negociatas das quais participava. Luís da Silva, por sua vez, desenvolveu uma personalidade doentia, depressiva, construída com base nas perdas de: família, posses, posição social e nome. Cresceu com complexo de inferioridade, sem saber lidar com o sexo oposto e com aqueles que, a seus olhos, eram-lhe superiores. Já a identidade de Fabiano fora construída num passado fundamentado na garantia de proteção do governo e na honestidade do comércio.

O fato que une os três romances é a construção do enredo em torno da alteridade. A relação com o outro é determinante na composição da identidade e nas ações das personagens. Os protagonistas, com suas identidades formadas, vivenciam a desestabilização como resultado dessa interação. Os respectivos antagonistas aparecem na narrativa para confrontar as certezas até então construídas.

O próximo tópico busca responder ao terceiro questionamento levantado no início deste capítulo: *Uma vez construída a identidade, é possível que ela entre em crise?*

3.1.2 A crise da identidade

O processo de construção da identidade, fruto da interação *eu X outro*, não se relaciona à concepção, antes aceita, de algo coerente e estável. Desse modo, a concepção da mutabilidade da identidade e de que as mudanças não se dão de forma instantânea pressupõe a existência de fases. Esse entendimento conduz à afirmação de que as fases são, alternadamente, de estabilização e desestabilização, estas podem, portanto, ser associadas à crise da identidade. Importa investigar as razões dessa crise, a partir das questões levantadas por Woodward: “Que mudanças podem estar ocorrendo nos níveis global, local e pessoal, que possam justificar o uso da palavra ‘crise’?” (WOODWARD, 2014, p. 20).

Segundo a pesquisadora, os sistemas políticos, os movimentos dos grupos étnicos e as migrações são exemplos de mudanças que afetam diretamente o processo de identificação e de diferença do indivíduo. Quando há modificação de paradigmas na realidade do sujeito, pode ocorrer um retrocesso, um retorno ao passado na tentativa de encontrar algo com o que se identifique. Citando Mercer, Woodward afirma que “a identidade só se torna um problema quando está em crise, quando algo que se supõe fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (WOODWARD, 2014, p. 20). Essa é uma realidade

palpável no contexto histórico no qual se inserem as obras de Graciliano Ramos, aqui analisadas.

A crise na identidade, verificada nas personagens dos romances em foco, reflete a quebra dos paradigmas pelos quais foram construídas suas identidades. Em *São Bernardo*, a crise se apresenta sob a quebra do paradigma do patriarcalismo representado na figura do protagonista Paulo Honório. Sua personalidade machista é confrontada com aquela refletida nas atitudes de sua esposa Madalena, cujas ações enunciavam a emancipação da mulher. Em *Angústia*, o “colapso das velhas certezas” (WOODWARD, 2014, p. 25) é configurado na desconstrução da visão alimentada pela elite da época, de que o nome de família, o conhecimento e a instrução escolar eram portas de acesso para um bem-estar social. Em *Vidas Secas*, essa crise ocorre calcada na tensão entre as promessas do governo e a realidade opressora vivenciada por Fabiano.

A menção à crise, experimentada pelas personagens dos romances, neste momento das investigações, serve para exemplificar a abordagem proposta para o tratamento dos textos-cópus, cuja apresentação é desenvolvida mais detidamente no capítulo 7.

Acerca dos fatores desencadeadores da crise da identidade, Woodward afirma que

a identidade importa porque existe uma crise da identidade, globalmente, localmente, pessoalmente e politicamente. Os processos históricos que, aparentemente, sustentavam a fixação de certas identidades estão entrando em colapso e novas identidades estão sendo forjadas, muitas vezes por meio da luta e da contestação política (WOODWARD, 2014, p. 39).

A década de 1930, período que marca a publicação dos três romances de Graciliano Ramos, foi um tempo marcado por luta e contestação em todos os âmbitos. A perseguição aos comunistas, mediante a centralização do poder e a implantação de controle rígido dos Estados, foi apenas um dos fatores marcadamente motivadores da crise de identidade. Os distúrbios político-econômicos desencadearam outros tantos na vida da sociedade brasileira e ainda na individualidade de cada cidadão.

Nesse mesmo sentido, ainda que as abordagens desenvolvidas por Bauman (2005), Silva, Woodward e Hall (2014) estejam embasadas na contemporaneidade, entende-se que as ideias desenvolvidas por esses pesquisadores podem ser aplicadas em outras épocas históricas; visto que tratam de questões intrínsecas à condição humana. O primeiro, falando da falência das instituições, afirma que

Lugares em que o sentimento de pertencimento era tradicionalmente investido (trabalho, família, vizinhança) são indisponíveis ou indignos de confiança, de modo

que é improvável que façam calar a sede por convívio ou aplaquem o medo da solidão e do abandono. (BAUMAN, 2005, p. 36-37).

Por outro lado, Woodward analisa as mudanças sociais, decorrentes da falência das instituições também citadas por Bauman. Identificando o debate emergente em torno do tema identidade, Woodward afirma que

A identidade tem se destacado como uma questão central nas discussões contemporâneas, no contexto das reconstruções globais das identidades nacionais e étnicas e da emergência dos ‘novos movimentos sociais’, os quais estão preocupados com a reafirmação das identidades pessoais e culturais. Esses processos colocam em questão uma série de certezas tradicionais, dando força ao argumento de que existe uma crise da identidade nas sociedades contemporâneas. (WOODWARD, 2014, p. 68).

Essas mudanças, porém, não são instantâneas. Do mesmo modo que não se constrói nem se transforma uma identidade instantaneamente, também não se pode conceber que as transformações no seio da sociedade ocorrem da mesma forma. Nesse sentido, deve-se compreender que os “novos movimentos sociais” – feminismo, “direitos civis dos negros” e a “política sexual às lésbicas e gays” (WOODWARD, 2014, p. 34) – não foram desenvolvidos, ou mesmo idealizados, no período correspondente à sua chegada às mesas de debate; antes, já provocavam tomadas de posição e modificações no meio social.

O quadro 1, a seguir, tem por objetivo sintetizar as informações passadas acerca das concepções da identidade e de sua formação, de acordo com cada teórico consultado. Importa destacar que as abordagens aqui desenvolvidas são bastante incipientes no que tange à construção da identidade. Não se pretende apresentar essas considerações como a essência das pesquisas dos estudiosos apresentados, senão uma abordagem suficiente para embasamento das investigações acerca das especificidades linguísticas aqui propostas.

Quadro 1 – Resumo de teorias acerca da identidade (continua)

Autor	Concepção de Identidade	Constituição da identidade
Freud	Desenvolve o conceito do <i>eu</i> constituído a partir das relações de alteridade	Com base no sofrimento que ameaça o indivíduo a partir de três direções: de nosso próprio corpo, do mundo externo, dos relacionamentos
Edgar Morin (cinco tipos de identidade)	individual	A partir da justaposição das seguintes trindades: indivíduo/sociedade/espécie; cérebro/cultura/espírito e razão/afetividade/pulsão
	social	
	histórica	
	planetária	
	futura	

Fonte: A autora

Quadro 1 – Resumo de teorias acerca da identidade (conclusão)

Autor		Concepção de Identidade	Constituição da identidade
Bauman		Individual, não fixa, negociável	Influenciada pelo Estado na construção da identidade coletiva
Hall (três tipos de sujeito/identidade)	Iluminismo	Unificada	Pressupõe o indivíduo totalmente centrado, equilibrado
	sociológico	Diversificada	Influenciada pela interação com o outro. Transforma e é transformado pela cultura da sociedade
	pós-moderno.	Fragmentada	Identidade como ‘celebração móvel’
Woodward		Relacional	Identidade como resultante de uma influência simbólica, social e psíquica

Fonte: A autora.

Diante do exposto, compreende-se a crise como parte constituinte do processo de construção da identidade. Isso se deve à necessária interação entre os indivíduos, ao estabelecimento de limites no convívio social e, não menos importante, à necessidade de pertencimento a que todos estão sujeitos.

O processo na construção da identidade ocorre, dentre outras possibilidades, a partir da linguagem, seja como forma de expressão, seja como meio de apreensão do mundo ou de interação com o outro. Por isso, para as análises linguísticas propostas nestas investigações, usou-se uma teoria de base semiótica, conforme segue.

3.2 Teoria da Iconicidade Verbal: o poder dos signos

Os estudos semióticos têm sido bastante difundidos no campo da linguagem, abrindo possibilidades para uma análise do texto distinta das demais teorias vigentes. A abordagem do texto a partir dos signos que o compõem é a proposta apresentada nesta tese. Charles Sanders Peirce, fundador da Semiótica de base americana, propõe a divisão dos signos

conforme três tricotomias, a primeira, conforme o signo em si mesmo for uma mera qualidade, um existente concreto ou uma lei geral; a segunda, conforme a relação do signo para com o seu objeto (...); a terceira, conforme seu Interpretante representá-lo como um signo de possibilidade ou como um signo de fato ou como um signo de razão (PEIRCE, 2010, p. 51).

A investigação aqui proposta segue os pressupostos da segunda tricotomia – que considera o signo como *ícone*, *índice* ou *símbolo* – com o fito de analisar a relação do signo com seu objeto. O primeiro pode ser identificado a partir de sua semelhança com o objeto; diferentemente, o índice é afetado pelo objeto para o qual está direcionado, numa relação de contiguidade; o símbolo é convencional, ou seja, se refere ao objeto em virtude de lei. O quadro a seguir apresenta as definições de cada signo, segundo Simões (2009, p. 77)

Quadro 2 – Classificação dos signos verbais

Signo	Definição
Ícone	“representação plástica, modelar (por similaridade), de uma ideia ou ideologia”
Índice	“signo vetorial que conduz o raciocínio a uma interpretação por contiguidade”
Símbolo	“manifestação sígnica que generaliza uma apreensão-interpretação”

Fonte: A autora

Em função da especificidade do *córpus*, a teoria semiótica será aplicada a este trabalho, segundo os pressupostos da TIV – desenvolvida por Simões (2009). Largamente aplicada (em dissertações, teses e artigos acadêmicos) no tratamento de vários gêneros textuais, a TIV traz luz ao potencial sígnico dos romances de Graciliano Ramos. Essa capacidade de significação perpassa todas as áreas da composição literária: da palavra ao texto, do enredo à estrutura narrativa, da personagem ao projeto comunicativo; nada escapa à perícia do romancista. Em função disso, a TIV, a partir das possibilidades de análise, é apresentada como teoria adequada ao estudo do referido *córpus*.

Para melhor apreensão do objeto de estudos, a TIV propõe alguns níveis de análise do signo verbal. Segundo Simões, a iconicidade pode ser: lexical, isotópica e diagramática. (SIMÕES, 2009, p. 77-78). Desses três níveis, serão abordados os dois primeiros, por se apresentarem adequados à análise aqui proposta. O nível lexical analisa o “potencial de ativação de imagens mentais” (SIMÕES, 2009, p. 86) durante a leitura, proporcionada pela carga icônica

da palavra; a iconicidade isotópica “funciona como trilha temática para a formação de sentido” (SIMÕES, 2009, p. 88). Devido aos fatores culturais presentes na narrativa, propõe-se ainda a análise lexical e isotópica com base no quadro desenvolvido por Simões (2004), conforme segue.

Quadro 3 – Análise lexical

Nível de análise	Fato textual	Fenômeno observável
Fono-ortográfico	Variação de grafia Mudanças morfofonêmicas Homofonia e homografia	Marcas dialetais do sujeito do discurso
Léxico-semântico	Sinonímia, homonímia, Polissemia, ambiguidade	Implicações na compreensão do texto e na pluralidade de interpretações
Linguístico-cultural (1)	Seleção lexical	Adequação temática, dialetal e textual (função & estilo)
Linguístico-cultural (2)	Isotopias e epistemologias	Atemporalidade do texto literário & pontualidade de leituras críticas
Linguístico-semiótica	Seleção do tipo sígnico Diagramação imagética e metafórica	Avaliação da iconicidade (local: em partes do texto; e global: no texto como um todo)

Fonte: SIMÕES, 2004, p. 106

Dos cinco níveis propostos por Simões, desenvolveu-se a análise dos romances com base no nível linguístico-cultural (1 e 2) (cf. quadro anterior). No que concerne às expressões lexicalizadas constantes da narrativa, buscou-se organizá-las com base nas isotopias apresentadas, a fim de que fosse possível associar “domínios semiótico, lexical, estilístico e conhecimento de mundo” (SIMÕES, 2004, p. 106). A título de exemplificação, apresentam-se nos parágrafos seguintes, trechos extraídos dos romances-cópus deste trabalho.

A incapacidade em gerir seus problemas e, conseqüentemente, sua inabilidade em relacionar-se com as pessoas, desenvolve em Luís da Silva um sentimento de rejeição, de não adaptação ao convívio social; em função disso, acredita ser algo repugnante para a sociedade. Esse sentimento, do qual Luís da Silva acredita ser alvo, é representado iconicamente, no contexto da narrativa, pelo substantivo *percevejo*, ícone de uma vida isolada, rejeitada pela convivência social.

Sua busca doentia por uma identidade perdida faz com que o substantivo configure um ícone da vida isolada de Luís da Silva. Mesmo estando em sociedade, o protagonista não se sente inserido em nenhum grupo; é o próprio protagonista que se define “Uma criaturinha insignificante, um percevejo social, acanhado, encolhido para não ser empurrado pelos que entram e pelos que saem” (*Angústia*, 1987, p. 26). Em uma das definições de ícone, Peirce afirma que “qualquer coisa é capaz de ser um substituto para qualquer coisa com a qual se assemelhe” (PEIRCE, 2010, p. 64). Nesse caso, o protagonista de *Angústia* se assemelha ao inseto em função da repugnância que ambos provocam nas pessoas.

A carga expressiva de um índice aponta sua significação para o objeto com que se relaciona, não o substituindo. Peirce assim o define: “Tudo o que nos surpreende é índice, na medida em que assinala a junção entre duas porções de experiência” (PEIRCE, 2010, p. 67). Destaca-se um exemplo de índice do romance *Vidas Secas*. A cena na qual se insere o trecho elencado narra o temor de Fabiano da seca iminente. Antes desse fenômeno da natureza, a terra é invadida por aves de arribação⁴, ocorrência que representa um índice de chegada da seca. O narrador observa, “O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo” (*Vidas Secas*, 1970, p. 153).

No exemplo dado, a palavra “arribações” tem seu caráter indicial unido à chegada da seca. A concretização desta estava diretamente ligada à chegada das aves de arribação, era um prenúncio do tempo de estio. Observa-se, nesse pequeno trecho, a presença de um índice e um ícone. O primeiro já mencionado no final do parágrafo antecedente; o segundo, o ícone *fogo*, vem representando a própria seca com seu potencial de destruição, a partir do trecho “o sertão ia pegar fogo”.

O caráter simbólico é exemplificado a partir do trecho em que o protagonista de *São Bernardo* é apresentado com uma de suas características, a de supersticioso. No excerto “Na torre da igreja uma coruja piou. Estremeci, pensei em Madalena”, o pio da coruja aparece simbolizando mau agouro. A entrada do verbete, no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, apresenta *corujas* como aves que “Anunciam a morte, quando voam sobre a casa dos enfermos, e avisam desgraças, pela simples audição do canto lúgubre” (CASCUDO, 2012, p. 232).

Por sete vezes, Paulo Honório faz referência ao pio da coruja, fato que o deixa sobressaltado com os acontecimentos. Segundo o pai da Semiótica americana, o símbolo é

⁴Arribação, arribaçã, rebaçã, pomba-do-sertão (Dicionário do Nordeste). Conhecida por vários nomes, essas aves migram em bando em busca de condições favoráveis de sobrevivência. Chegam à caatinga no fim do inverno, prenúncio da chegada do período de estiagem.

“*aplicável a tudo o que possa concretizar a ideia ligada à palavra*” (PEIRCE, 2010, p. 73, [grifo do autor]). A ideia de morte estava ligada à coruja, mais diretamente ao seu pio.

No capítulo que trata da análise do *córpus*, serão apresentadas outras ocorrências dessa tríade semiótica; à medida que forem sendo explicitadas, far-se-á menção, sempre que necessário, à teoria que as sustenta.

Em função do *córpus* de análise adotado, já justificada sua escolha no capítulo 2, compreende-se a importância de abordagem do conceito de *verossimilhança* em relação às investigações propostas. Trata-se da análise da construção e da crise da identidade de personagens ficcionais cujo desempenho linguístico é manipulado por um narrador, idealizado pelo autor, restringindo-se, portanto, ao mundo literário. Contudo, dois aspectos desenvolvidos em outros capítulos desta tese são chamados neste momento, a fim de respaldarem essa abordagem. O primeiro vem do entendimento da língua como o principal objeto de cultura de um povo, ou seja, reflete os ideais e os anseios de um grupo social. O segundo vem da compreensão do texto literário como documento histórico e, por isso, adequado ao entendimento de determinado período histórico.

Destarte, traz-se a esta pesquisa a discussão em torno da *verossimilhança*, tema caro aos estudos literários, que não pode ser omitido em função do tema controverso acerca da identidade. Ressalta-se que as incursões no âmbito da teoria literária não pretendem discutir com profundidade esse campo do conhecimento, visto que o objetivo desta tese está ligado ao campo da linguagem.

O conceito de *verossimilhança* foi, inicialmente, desenvolvido por Aristóteles no sentido de que as ações das personagens fossem condizentes ao perfil traçado no texto literário. Para o filósofo grego, a semelhança das ações da personagem com a realidade circundante deveria ser tal que o leitor visse como possível ou provável que aquilo fosse real. Ou seja, a necessidade e a probabilidade de certa personagem fazer algo, ou agir de certa maneira, deveria ser respaldada pela narrativa literária (ARISTÓTELES, 1997, p. 35).

No decorrer dos estudos literários, esse conceito passou a significar o reflexo da realidade no texto literário. Ou seja, verossimilhante seria a qualidade do texto que refletisse exatamente o fato possível de sua ocorrência no mundo real. Essa concepção equivocada produziu críticas em torno da obra de Graciliano Ramos no que concerne a uma possível incoerência na construção de personagens. Uma delas fazia referência ao excesso de introspecção em “personagens tão primários e rústicos” (LINS, 1970, p. 11). Segundo Lins, o poder de raciocínio de Fabiano, uma personagem que não apresentava habilidade linguística para comunicação, denotava a incoerência da obra.

Hodiernamente, novas pesquisas em torno desse importante conceito destacam que a característica ficcional do texto literário não o impede de ter sua verossimilhança verificada, a partir de sua “verdade textual, interna ao texto” (SIMÕES, 2007, p. 26). Segundo a autora de *Iconicidade e verossimilhança*, a verdade interna ao texto

é a mais relevante para o estudo dos textos, uma vez que ela decorre da estruturação dos signos na tessitura textual. O diálogo ou não-diálogo com verdades extratextuais assentes é outro tema. Focaliza-se aqui a potencialidade de organização textual de modo a construir uma verossimilhança e conduzir o leitor até ela ou a outras análogas, afins (SIMÕES, 2007, p. 26).

A afirmação de Simões contrasta com a crítica de Lins, uma vez que a verossimilhança deve ser observada, principalmente, no cotexto. A autora afirma ainda que a verdade textual

não será necessariamente coincidente com os valores circulantes na sociedade em que se insere. Isso porque o texto é uma produção individual e, mesmo quando o enunciador está deliberadamente inserido no contexto, sua forma de ler e dizer o mundo será particular. Desde a seleção dos itens léxicos até a eleição dos argumentos com que defenderá sua tese, ou vice-versa (SIMÕES, 2007, p. 25-26).

A despeito disso, entende-se que as verdades textuais aqui colocadas vão ao encontro da expectativa ou da crítica de dois tipos de leitores, preconizados por Umberto Eco, uma vez que o aspecto verossimilhante da obra alcança tanto a verdade intratextual, quanto a verdade extratextual. Por isso, o estudo aqui desenvolvido propõe algumas possibilidades de leitura. Uma delas, atesta a verossimilhança interna ao texto presente em *São Bernardo*, romance em que o narrador-personagem confessa não estar “acostumado a pensar” (*São Bernardo*, 1972, p. 64). Por isso, o que se vê na narrativa não é nada mais que a representação de uma linguagem descomprometida com a norma padrão da língua.

O próximo tópico apresenta as considerações de autoras especialistas nas expressões que caracterizam massivamente a narrativa de *São Bernardo*.

3.3 Os estudos dialetológicos e as expressões lexicalizadas

Um dos principais objetivos dos estudos dialetológicos no Brasil tem sido o mapeamento de ocorrências lexicais em determinadas regiões. Essas investigações possibilitam a identificação de semelhanças e diferenças nos aspectos mórfico, fonológico e semântico de palavras entre diversas regiões, ou mesmo de especificidades de cada lugar. Esse mapeamento tem viabilizado a elaboração dos diversos atlas linguísticos publicados nos últimos anos, além

de outras obras de caráter lexicográfico. No entanto, os resultados das coletas têm apresentado, prioritariamente, vocábulos simples e alguns poucos vocábulos compostos.

Essa priorização tem deixado de lado a ocorrência das chamadas *frases-feitas*. Essas formas, típicas da oralidade brasileira, também são conhecidas por outros termos como: *expressões fixas*, *expressões cristalizadas* ou *expressões lexicalizadas*. Associadas à ideia de falta de discurso próprio ou de conhecimento linguístico insuficiente, as *expressões lexicalizadas* foram “designadas por termos que indicam o traço comum da repetição, considerada negativamente como indicativa de pobreza vocabular (‘lugar-comum’, ‘clichê’, ‘chavão’, ‘frase-feita’)” (MENEZES, 2008, p. 302).

A despeito da pouca frequência desse conteúdo nos estudos dialetológicos, tem-se observado certa tendência na pesquisa daqueles grupos de palavras que representam uma parcela significativa da sociedade brasileira, especialmente, quando analisadas as variações linguísticas regionais. Essa valorização é devida à estabilidade observada nessas expressões que, uma vez unidas, apresentam certa rigidez tanto na forma, quanto no significado, o que as aproxima dos vocábulos simples, privilegiados nos estudos dialetológicos. O termo *expressões lexicalizadas* é adotado por Menezes em seus estudos, por considerá-lo o mais adequado ao indicar que essas expressões são formadas nas interações dos falantes, “ancoradas social e culturalmente” e apresentam “diferentes graus de estabilização” (MENEZES, 2008, p. 301).

Construídas nas práticas discursivas cotidianas, seu uso “não requereria dos falantes qualquer habilidade discursiva e não expressaria qualquer função cognitiva ou comunicativa” (MENEZES, 2008, p. 302). Esse pensamento reflete diretamente na abordagem dessas expressões nas aulas de Língua Portuguesa. Os chamados ditados populares têm sido usados nas turmas dos primeiros anos de escolarização, tendo como principal objetivo ampliar o vocabulário do aluno por meio da paráfrase. Contudo, o uso que se faz desse material linguístico costuma ser o da reescritura; ou seja, o aluno reescreve o “ditado” tentando manter o sentido original, mas com palavras adequadas à norma padrão da língua, a fim de desenvolver seu vocabulário.

Em função disso, as frases-feitas deixam de ser usadas como forma de conhecimento e valorização da diversidade linguística que carrega em si variedades diatópicas, diastráticas ou mesmo diafásicas. Além disso, a abordagem cultural resta abandonada. Essa realidade é analisada por Fulgêncio cujas críticas consideram que

[...] relegar as expressões fixas a uma espécie de gueto extragramatical – como se constituíssem um grupo marginal sem relação importante com o restante da língua, ou como se apresentassem uma situação pouco relevante para a descrição da

competência linguística – não resolve o problema⁵, principalmente porque a linguística atual tem a pretensão de descrever processos psicológicos, além de simples estruturas (FULGÊNCIO, 2008, p. 24).

Como se percebe, essa visão tem mudado, e o estudo das expressões lexicalizadas tem atraído a atenção de alguns pesquisadores. A ocorrência dessas formas foi considerável a partir da contribuição do texto literário e do advento da literatura regional; para além desse contexto, algumas pesquisas já podem ser encontradas com esse enfoque. Em função dessa crescente valorização e de sua importância para a descrição e o ensino da Língua Portuguesa, justifica-se a inclusão desse conteúdo na presente pesquisa. Portanto, esta investigação é complementada com o rastreamento das expressões lexicalizadas na obra *São Bernardo* de Graciliano Ramos, com vista a identificar a importância do uso desse conteúdo expressional na construção do romance e na caracterização da personagem principal.

Apesar de os estudos dialetológicos preconizarem a investigação direta, nesta pesquisa, as análises são feitas com o texto literário como fonte de pesquisa dialetológica. A despeito de seu caráter ficcional, o texto literário retrata a cultura de um povo. Por isso, entende-se que esse registro deve ser levado em consideração nas investigações acerca das ocorrências linguísticas, em determinada região ou período histórico. Para tanto, busca-se respaldo teórico a partir de duas considerações: a importância dos estudos das expressões lexicalizadas e a relevância dessas formas no ensino de Língua Portuguesa, em função do potencial de significação que comportam.

A importância das expressões lexicalizadas para os estudos dialetológicos é destacada por Menezes (2008) de forma clara. A autora considera que a equivalência entre vocábulos e expressões lexicalizadas, para que estas sejam alvo dos estudos dialetológicos, ocorre à medida que elas alcançam certa estabilização referencial. Essas expressões, criadas e compartilhadas socialmente, configuram eficaz processo de referenciação cujas principais características são a frequência de uso, o “alto rendimento comunicativo” e “o maior grau de estabilidade referencial” (MENEZES, 2008, p. 308). Em função disso, as expressões lexicalizadas precisam ser alvo de análise criteriosa e ter seu espaço garantido no ensino de Língua Portuguesa.

Segundo Xatara e Succi (2008), as expressões lexicalizadas abrangem formas como: *ditado*, *provérbio*, *chufa*, *rifão* e *dictério*; todas elas cunhadas a partir de características específicas (XATARA, 2008). A despeito do valor que as nomenclaturas apresentam na classificação dos termos, a análise ora proposta fará referência à forma *expressões*

⁵ A autora fala acerca da desvalorização do falante que faz uso dessas expressões.

lexicalizadas, uma vez que elas englobam todas as outras formas cujo comportamento, com maior ou menor grau de flexibilidade, aproxima-se de um vocábulo. Justifica-se essa escolha também pelo objetivo destas investigações que é o aproveitamento da carga linguístico-cultural dessas expressões, sem a preocupação com a nomenclatura, nem com as nuances que as distinguem. Ressalte-se, no entanto, que outros termos poderão ser usados, caso se mostre necessário ou quando fizer parte da citação de outros autores.

A definição de Xatara e Succi para *provérbio*, serve como base aos propósitos deste trabalho, uma vez que é, também, uma *expressão lexicalizada*. Segundo a autora,

provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar (XATARA e SUCCI, 2008, p. 35).

Na análise e classificação das formas no âmbito do provérbio, Xatara e Succi (2008) propõem alguns critérios, são eles: *frequência, lexicalização, cristalização do passado, tradição, universalidade, função de eufemismo, autoridade, polifonia, ideologia, contexto e intertextualidade, conotação, denotação e cristalização, sinonímia e antonímia, humor, criatividade e crenças, moral da história e aspectos estruturais*. Desses, foram priorizados aqueles que vão ao encontro da proposta de análise, a saber: *tradição, autoridade, polifonia, ideologia, contexto e intertextualidade*.

No que diz respeito ao critério *tradição*, Xatara e Succi afirmam que “Aprender provérbios significa reforçar a própria identidade nacional” (XATARA e SUCCI, 2008, p. 38). Logo, o uso de provérbio, ou expressões lexicalizadas, confere ao falante uma identidade; seja com um mundo macro, no caso da identidade nacional, seja com um universo micro, no caso da identidade local, regional ou mesmo de uma pequena comunidade.

Nesse caso, o peso da *tradição*, visto como aspecto positivo, traz consigo a aparência de autoridade diante do que foi dito. Percebe-se aqui a presença de outro critério, o da *autoridade*; já que o uso de expressões, que estão em vigor no meio social, carrega consigo o peso da tradição, esse uso destaca o aspecto de autoridade do falante em relação ao seu interlocutor. Analisando essa afirmação em relação ao corpus proposto, observa-se que, por diversas vezes, Paulo Honório, protagonista do romance *São Bernardo*, usa desse recurso para se impor em relação a seus adversários. A personagem usa expressões correntes em sua cultura para dar respaldo à sua fala. Nas palavras de Xatara e Succi,

Se alguém cita um provérbio, revela-se em uma condição de igualdade ou superioridade para com o seu interlocutor, pela posse da sabedoria universal. O provérbio funciona como uma citação, porque se tomamos por empréstimo uma ideia

estabelecida, dá respaldo àquilo que se quer argumentar (XATARA e SUCCI, 2008, p. 39).

Com a intenção de escrever sua própria história, Paulo Honório transfere essa atribuição a terceiros porque, segundo ele, não tem conhecimento gramatical nem estilístico, por isso, não tem capacidade para assumir essa atividade. Contudo, devido aos desentendimentos com seus colaboradores, o próprio protagonista assume a escrita de suas memórias valendo-se dos seus próprios recursos (*São Bernardo*, 1972, p. 64). Por isso, percebe-se que o uso das expressões lexicalizadas confere tom de verdade e de autoridade à fala do narrador, uma vez que, por si só, não escreveria uma linha.

Ainda dentro desse contexto, a expressão lexicalizada denota mais uma das características elencadas por Xatara e Succi: a *polifonia*. Enunciado discursivo e persuasivo, a expressão lexicalizada é constituída “por fios de vários discursos e reveste-se na voz da coletividade, podendo falar pelas instituições, pelos grupos sociais” (XATARA e SUCCI, 2008, p. 40). Desse modo, há que se “ler nas entrelinhas”, para identificar a ideologia subjacente às expressões.

Exemplificando com o corpúsculo, traz-se a fala do protagonista que, num momento de crise de ciúmes em relação à sua esposa, expressa seu ponto de vista quanto à figura feminina, quando se pronuncia da seguinte forma: “mulher não vai com carrapato porque não sabe qual é o macho” (*São Bernardo*, 1972, p. 209). Seu preconceito não se limita à sua esposa, estende-se a toda e qualquer mulher, fato que pode ser observado pela ausência do artigo definido antes da palavra *mulher*; o que confere a esse substantivo uma abordagem ampla. Nesse trecho da obra, percebe-se claramente o viés da ideologia.

No âmbito do contexto e da *intertextualidade*, Xatara e Succi falam da necessidade da abordagem linguístico-cultural dessas expressões. Segundo as autoras, “O provérbio nunca é desvinculado do discurso, de um contexto, quer dizer, nunca se dá isolado (...)” (XATARA e SUCCI, 2008, p. 42). Por isso, a compreensão e o uso eficiente do provérbio exigem um “conhecimento prévio de mundo por parte do leitor (...)” (XATARA e SUCCI, 2008, p. 42); ou seja, necessita de uma imersão na cultura, no seio da qual surgiu a expressão lexicalizada.

Conforme citado no início deste capítulo, o quadro a seguir apresenta de forma sucinta os pressupostos de Xatara e Succi (2008, p. 35-45) segundo os quais são caracterizadas as expressões lexicalizadas como provérbios.

Quadro 4 - Aspectos caracterizadores do provérbio (continua)

	Critérios de classificação	Definição
1	Frequência	Diz respeito ao uso frequente
2	Lexicalização	Não permite que o significado da expressão seja calculado a partir das unidades usadas em sua composição
3	Cristalização	A rigidez da estrutura não permite que seus termos sejam substituídos por outros ou trocados de posição na expressão
4	Origem	Origem na tradição, na “voz do povo”
5	Tradição	É frutos das experiências, parte do folclore de um povo
6	Universalidade	As mensagens transmitidas têm valor universal, podem adaptar-se a qualquer país ou idioma, adaptando-se à sua cultura.
7	Função de eufemismo	Por amenizar certa ameaça ou reprovação
8	Autoridade	Por configurar uma sabedoria universal, tem status de autoridade
9	Polifonia	Por sua origem na tradição, é “constituído por fios de vários discursos e reveste-se na voz da coletividade, podendo falar pelas instituições, pelos grupos sociais”
10	Ideologia	De “caráter maniqueísta, faz a oposição entre o bem e o mal, o certo e o errado. Assim, no lugar de explicar, a ideologia julga e moraliza”
11	Contexto e intertextualidade	Está sempre vinculado ao discurso, ao contexto no qual é produzido
11	Contexto e intertextualidade	Está sempre vinculado ao discurso, ao contexto no qual é produzido
12	Conotação, denotação e cristalização	Usa metáforas em sua composição, tem uso e sentido corrente na língua
13	Sinonímia e antonímia	Os provérbios “sinônimos e variantes são aqueles que têm significado comum e se empregam em situações análogas. A diferença entre eles é que os provérbios sinônimos apresentam entre si uma formulação bem distinta, enquanto os variantes sofrem apenas pequenas alterações” (p. 43)

Fonte: A autora

Quadro 4 - Aspectos caracterizadores do provérbio (conclusão)

	Critérios de classificação	Definição
14	Humor, criatividade e crenças	“muitas vezes, são reinventados para servirem de instrumento à jocosidade ou mesmo à inovação, o que confirma a maior infiltração deles entre as camadas populares” (p. 44)
15	Moral da história	“Em contos infantis, e sobretudo em fábulas, os provérbios figuram muitas vezes com o intuito de educar ou advertir, pois carregam mensagens que procuram orientar as atitudes do leitor” (p. 44)
16	Aspectos estruturais	Em relação à sintaxe, aos tempos verbais e à forma.

Fonte: A autora

No que concerne aos aspectos culturais, as autoras apresentam três pontos estruturais, com exemplos de provérbios para cada um. O primeiro, em relação à sintaxe, em que os provérbios tendem a ser relativamente simples, destacam-se os seguintes padrões:

- a) Tal X, tal Y – “Tal pai, tal filho”;
- b) X-mais, X-mais – “Quanto mais limpo o papel, pior a mancha”;
- c) Antes X [de] que Y – “Antes tarde do que nunca”.

O segundo, em relação aos tempos verbais, tem como objetivo garantir a atemporalidade – a partir do uso do presente do indicativo – e o status de “verdade moral” – com o uso do imperativo. Como exemplo, as autoras apresentam os seguintes provérbios: “Roupa suja se lava em casa” e “Jogarás, pedirás, furtarás!” (XATARA e SUCCI, 2008, p. 45).

O terceiro ponto, em relação à forma, “distingue-se pela elaboração trabalhada, ritmo, aliteração, assonância, construções binárias, paralelismo, repetição, violação de sintaxe e termos regionais” (XATARA e SUCCI, 2008, p. 45). As autoras relatam que

O provérbio “Pelas obras e não pelo vestido é o homem conhecido”, por exemplo, não tão usual, pode ter sofrido um processo de transformação e ter resultado neste mais usual: “O hábito não faz o monge” (XATARA e SUCCI, 2008, p. 45).

Conforme mencionado, as expressões lexicalizadas elencadas dos textos-cópus foram analisadas a partir dos critérios condizentes com os campos semânticos identificados, desprezando-se, portanto, aqueles que não acrescentariam valor significativo às análises.

4 DESCRIÇÃO DO CÓRPUS

Para perceber o significado de um símbolo é necessário conhecer a cultura que o criou.

Laraia, 1986, p. 56

A afirmação de Laraia vai ao encontro da tese aqui proposta, segundo a qual os textos-cópus representam uma crise na identidade durante a década de 1930. Logo, conhecer esse cópus e seu universo de referência é essencial para o entendimento das abordagens desenvolvidas. O cópus de análise é composto por três dos romances do autor Graciliano Ramos: *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938). As três obras apresentam protagonistas do sexo masculino, respectivamente: Paulo Honório, Luís da Silva e Fabiano. As personagens configuram diferentes perfis, mas mantêm um ponto em comum: a crise de identidade refletida na dificuldade em interagir com seus semelhantes e com o mundo.

Em *São Bernardo*, a personagem principal representa a figura do proprietário de terras – muito recorrente na década de 1930 – que mantém seus empregados subordinados a seu autoritarismo, mas não consegue dominar sua esposa a partir do perfil machista que o caracteriza. O romance apresenta a evolução de Paulo Honório, cujo objetivo de vida sempre fora o de apossar-se da fazenda *São Bernardo*. Essa é a meta que determinara seus atos, seus subterfúgios e ações ilícitas. A narrativa apresenta as tensões nas relações de trabalho, de propriedade e de poder, além da problematização em torno das questões de linguagem cuja origem é seu intento em escrever a própria biografia.

Após um grande período, durante o qual a literatura nacional esteve sob forte influência do modelo europeu, com os autores do romantismo brasileiro intentam a construção de uma literatura nacional, que refletisse a brasilidade do povo. Isso foi demonstrado na influência da oralidade e da língua regional na linguagem literária. Aos poucos, a variante regional penetra nos textos literários até que se instale definitivamente com a literatura regional. É nesse contexto que figura *São Bernardo* de Graciliano Ramos, publicado em 1934.

A obra é narrada em primeira pessoa pela personagem principal, *Paulo Honório*. Nascido na pobreza, sem laços de família, fora criado por uma negra cujas cocadas vendia. De guia de cego a proprietário da fazenda *São Bernardo*, Paulo Honório pauta todas as suas ações

e relações a partir do sentimento de posse; não havia nada que lhe movesse com maior ímpeto e determinação.

A narrativa inicia em torno da intenção de *Paulo Honório* em contar a própria história. Sem auxílio para a empreitada, reconhece: “Não estou acostumado a pensar” (*São Bernardo*, 1972, p. 64); o fazendeiro tem consciência de que, se tivesse “instrução”, o texto seria produzido mais facilmente. Já no segundo capítulo, decidido a escrever sua própria história, o narrador alerta: “As pessoas que me lerem terão, pois, a bondade de traduzir isto em linguagem literária, se quiserem” (*São Bernardo*, 1972, p. 65). Dois fatores ficam claros nesse trecho: o primeiro é que a linguagem usada na narrativa não é a de um estudioso; de acordo com o narrador, faltam-lhe a ciência da gramática e as tolices do estilo: “Não alcancei a ciência de João Nogueira⁶ nem as tolices do Gondim” (*São Bernardo*, 1972, p. 65). O segundo é o distanciamento do modelo literário da época: não era comum textos literários com o uso da linguagem informal, das *frases-feitas*. A literatura regionalista, da qual *São Bernardo* faz parte, inaugura o uso dessa forma de expressão cuja proposta de análise pode ser acompanhada no próximo capítulo.

O romance *Angústia* é publicado com o seu autor ainda preso, acusado de simpatizar com o Comunismo. A narrativa conta a história de Luís da Silva, um funcionário público, neto de um fazendeiro falido por causa da política econômica do governo. O protagonista não consegue lidar com a falência da família, representada pela perda do patrimônio e do *status* social, representado no romance pela perda do “nome de família”.

Com narrador em primeira pessoa, o texto apresenta o fluxo de consciência do protagonista, índice de desequilíbrio emocional. Seu pensamento, e conseqüentemente a narrativa, oscila entre três marcas temporais distintas: o passado longínquo da infância, um passado mais recente e o presente. Funcionário público, Luís da Silva é inconformado com as injustiças sociais das quais se considera uma vítima. Somadas as dificuldades nas relações interpessoais, resulta que sua própria existência também está em crise.

Bom usuário da língua, que exercita em seu trabalho, sente-se injustiçado quando observa falastrões tendo vantagens que, em sua opinião, deveriam ser suas. Um “percevejo social”, rejeitado e ignorado por muitos, não tem habilidade com o sexo feminino, fato pelo qual vê-se atordoado com pensamentos envolvendo as mulheres, um dos alvos de seu ódio. Tomado por um sentimento doentio de ciúmes e ódio, deixa-se levar por pensamentos confusos que o encaminham para o desfecho do romance, o assassinato de seu oponente Julião Tavares.

⁶ Personagem caracterizada pelo conhecimento da gramática.

Essa personagem é de suma importância para o entendimento da antipatia que Luís da Silva lhe dedicava.

Iconicamente representado pelo nome no aumentativo, Julião é uma pessoa que impacta com sua presença, a começar pelo perfil físico avantajado, “Era um sujeito gordo, vermelho, risonho, patriota, falador e escrevedor” (*Angústia*, 1987, p. 45). Literato e bacharel, filho de comerciante. Julião Tavares acumulava características que incomodavam, sempre tentando demonstrar superioridade em relação aos companheiros no discurso cotidiano.

O terceiro romance, *Vidas Secas*, foi publicado em 1938, um ano depois de Graciliano Ramos ter saído da prisão, onde esteve por quase um ano (1936-1937). O texto conta a história de uma família de retirantes que vivem em constante migração, fugindo da seca que castiga o sertão nordestino. O romance é narrado em discurso indireto-livre, fato icônico, uma vez que Fabiano não tem habilidade linguística para interagir, o narrador fala por ele. A personagem principal é apresentada oprimida pelo sistema, destituída de sua personalidade, nivelada aos animais.

Nesse romance, o vaqueiro Fabiano representa o homem vencido, a despeito da inconformidade permanente cuja configuração é percebida na vida de retirante – sempre buscando alternativa de sobrevivência. Sua inabilidade com as palavras coloca-o em diversas situações difíceis, visto que é derrotado pelo sistema, pelo seu semelhante, por sua própria subjetividade e pela palavra. A narrativa do texto inicia e termina com a saída dos retirantes de uma terra castigada pela seca. O primeiro e o último capítulos, “Mudança” e “Fuga”, respectivamente, representam o movimento cíclico, interminável, de migração em busca de sobrevivência.

As três personagens *Paulo Honório*, *Luís da Silva* e *Fabiano*, protagonistas de *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas Secas*, respectivamente, demonstram um comportamento semelhante que se traduz no distanciamento do meio social, acompanhado da sensação de não pertencimento. Cada um vivencia certa crise nas relações: Paulo Honório, com seus semelhantes; Luís da Silva consigo mesmo e Fabiano, com os poderes constituídos. A dificuldade com que circulam, nos contextos sócio-narrativos aos quais pertencem, evidencia a crise identitária das personagens.

Essas três obras parecem retratar um processo de fragmentação na identidade do sertanejo durante o período histórico de referência. Desse modo, reproduz-se a seguir parte da dissertação de Mestrado desta autora (FELIPE, 2017), na qual é apresentado um detalhado panorama biográfico, histórico e literário a fim de que se perceba a importância do contexto histórico na obra de Graciliano Ramos. No referido capítulo, as informações estão vinculadas

ao romance *Vidas Secas*; contudo, adequa-se perfeitamente aos objetivos ora propostos, visto que os romances acrescidos nestas investigações pertencem ao mesmo período histórico.

Torna-se necessária a contextualização das obras analisadas, uma vez que apresentam estreita ligação com a realidade histórica à qual se referem. Os fatos históricos aqui apresentados não figuram separados dos dados biográficos do autor dos romances. Essas informações estão entrelaçadas, para que melhor se possa ter um panorama das experiências vivenciadas pelo romancista e para que se perceba uma possível influência dessas em seus escritos. Os primeiros dados são de cunho biográfico: filho de Sebastião Ramos de Oliveira e de Maria Amélia Ferro Ramos, Graciliano Ramos de Oliveira nasceu em 27 de outubro de 1892 em Quebrangulo, Alagoas, de onde saiu aos dois anos de idade. Teve dez irmãos: Amália, Anália, Carmem, Clélia, Clodoaldo, Leonor, Otília, Marili, Otacília, Vanda.

Semelhantemente às personagens de *Vidas Secas*, a família de Graciliano Ramos sofreu as consequências da seca. Seu pai “comprou uma fazenda em Buíque, Pernambuco, e levou para lá os filhos, mulher e os cacarecos” (RAMOS, 1980, p. 13). Posteriormente, a família teve de mudar-se para a cidade, onde o Sr. Sebastião Ramos abriu uma casa comercial, depois de ver seu gado morrer por causa da seca.

Graciliano teve oito filhos, frutos de dois casamentos. Da primeira esposa, Maria Augusta Barros Ramos, que morreu de parto em 23/11/1920, nasceram: Márcio, Júnio, Múcio e Maria Augusta. Com sua segunda esposa: Heloysa Leite de Medeiros, teve Clara, Luísa, Roberto e Ricardo.

Em janeiro de 1915, residindo no Rio de Janeiro, trabalha como revisor (RAMOS, 1980, p. 41) e produz artigos (RAMOS, 1980, p. 55). Nesse período, o romancista vive, de certa forma, alheio a questões políticas. Nesse mesmo ano, perde três de seus irmãos e um sobrinho – Otacília, Leonor, Clodoaldo e Heleno, respectivamente – vítimas de peste bubônica.

De setembro de 1915 a 1920, não há registro de cartas íntimas do romancista (RAMOS, 1980). Possivelmente, os acontecimentos e as dificuldades em estabelecer-se na profissão fazem com que o romancista volte a Palmeira dos Índios e afaste-se completamente da produção literária. O escritor vive do comércio em Palmeira dos Índios com a “Loja Sincera”. Viúvo (sua primeira mulher morreu de parto em 1920), declara-se “doente, triste, só – um bicho”, em carta ao amigo J. Pinto da Mota Lima Filho (RAMOS, 1980, p. 70). Nesse trecho da carta, percebe-se íntima ligação com a narrativa de *Vidas Secas*. “Um bicho”: era assim que Fabiano se enxergava; era assim que Graciliano Ramos se percebia em muitos momentos de sua vida.

Depois de longo tempo distante do meio intelectual, inicia a produção de *Caetés*, seu primeiro romance, no ano de 1925 (RAMOS, 1980, p. 68). No entanto, essa primeira produção

literária não foi bem aceita pela crítica, como se observa em trecho de carta que escreve à esposa Heloísa: “Com a carta, vinha um recorte da Vanguarda dizendo cobras e lagartos dos Caetés” (RAMOS, 1980, p. 110). Sua crítica é sempre severa em relação à própria produção. Ao falar de seus textos, diz: “Serei, quando muito, uma desgraçada folha de mandioca como é razoável” (RAMOS, 1980, p. 73).

Após longo silêncio, volta a escrever cartas a seu amigo J. Pinto, com o qual troca informações pessoais e considerações acerca do panorama literário nacional e internacional. Em outubro de 1927, Graciliano Ramos tem sua vida bastante mudada: elege-se prefeito em Palmeira dos Índios. No Natal do mesmo ano, conhece sua segunda esposa com quem se casa dois meses depois, em fevereiro de 1928. (RAMOS, 1980, p. 84). Os anos da década de 30 viram, de uma vez por todas, as páginas da produção literária do romancista e da história do Brasil.

No período dos anos 1930, não só no Brasil, mas na Europa, nos Estados Unidos e em vários outros países, verificou-se um alto intervencionismo estatal, tanto na economia, quanto na área cultural. Nesse contexto, muitos governos eram preocupados com a questão da formação da identidade. Essa preocupação era particularmente forte nos países de regime autoritário, devido à necessidade de maior controle sobre a população. As décadas de 1920 e 1930, chamadas “entreguerras”, representaram um período de crise generalizada na crença da democracia e do liberalismo político e econômico. Depois da crise de 1929⁷, isso se agravou mais ainda, dando início a regimes autoritários no mundo todo, inclusive no Brasil.

A prosperidade prometida na primeira fase do Governo Vargas só alcançava os barões do café, ao passo que os pequenos produtores eram abandonados pela política financeira do governo, concomitantemente, o aumento de impostos e a manipulação de votos faziam parte dessa realidade. A quebra do acordo na política do “Café com leite”⁸ foi determinante para a *Revolução de 30*⁹. Apesar dos benefícios concedidos aos trabalhadores, a intervenção do Governo Federal nos Estados e o combate ao Comunismo completam o tom da ditadura. Nesse

7 A crise de 1929 teve início com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque. Também conhecida como a Grande Depressão Americana, essa crise econômica afetou o restante do mundo que mantinha relações com os Estados Unidos da América

8 Consistia no revezamento da presidência do país entre os candidatos apoiados pelos partidos Republicano Paulista (PRP), de São Paulo, e Republicano Mineiro (PRM), de Minas Gerais. O nome “café-com-leite” faz referência à produção de café e leite dos respectivos Estados.

9 A crise política tem seu início com a suspeita de fraude nas eleições que elegem Júlio Prestes à presidência da República, provocando briga entre os partidos políticos. Essa crise é agravada com o assassinato do vice-presidente de Getúlio Vargas, João Pessoa. A culminância desse panorama ocorre com a deposição de Júlio Prestes e a posse de Vargas com o apoio dos militares.

mesmo período, o próprio Graciliano Ramos foi alvo de perseguição, permanecendo preso por quase um ano, de março de 1936 a janeiro de 1937 (SALLA e LEBENSZTAYN, 2014, p. 13).

A década de 1930 é marcada por período de dificuldades. No âmbito político, o início da ditadura; no econômico, o arrocho das classes subalternas e no social, a ameaça ao patriarcalismo. Nesse contexto, a quebra de paradigmas e, conseqüentemente, a contradição em torno do Brasil da propaganda do Governo e o Brasil que se vê, desenham o cenário do momento.

Marcada pelas contradições provocadas pela situação socioeconômica e pela política, essa década foi caracterizada por uma modernização conservadora que, por si só, denota o espírito contraditório da época. Segundo o historiador Wladimir Pomar, a despeito da aparente modernização com a modificação nos padrões educacional e cultural do Brasil na Era Vargas, com o direito ao voto e à participação política, o caráter conservador permanecia entranhado nas ações do governo. As modificações estavam a serviço das elites e dos grandes produtores em detrimento das camadas populares (POMAR, 2002, p. 5).

No campo econômico, a aparente prosperidade não alcançava todos os setores da sociedade. Os grandes produtores de café cuja produção era comprada pelo Governo a fim de garantir o escoamento do produto, não conheciam os possíveis prejuízos da excessiva produtividade. Os demais agricultores amargavam as perdas e não recebiam o apoio do governo central.

Esses fatos são observados durante o Governo Vargas, que manteve uma política severa de controle nacional, privilegiando os produtores agrícolas. Nesse momento, “a população pagava os prejuízos com os impostos” (POMAR, 2002, p. 9). Concomitantemente, agravam-se as crises no âmbito da política. A manipulação dos votos e a quebra do acordo da política do “Café com leite” provoca o início da revolução em outubro de 1930.

Nesse mesmo ano, já distante da prefeitura, cargo no qual permaneceu pouco mais de dois anos, e residindo em Maceió, Graciliano Ramos faz menção à revolução em carta escrita à esposa (RAMOS, 1980, p. 111). A partir de então, torna-se amiúde em suas correspondências algumas referências a personalidades do meio político. O romancista ocupa outros cargos públicos; contudo, a veia literária não o abandona.

De volta ao ofício de escritor, inicia a produção de *São Bernardo* em agosto de 1932 (RAMOS, 1980, p. 116). No entanto, esse ofício não era suficiente para suprir as necessidades de sustento da família, o que lhe causava grande incômodo. Em carta a Heloísa Ramos, o autor desabafa: “Tenho continuado a escrever, Ló, porque ainda não quis perder de vez a esperança

toda. Mas em alguns dias terei necessidade de dar um coice nisso e afundar-me” (RAMOS, 1980, p. 127).

As contradições relatadas pelos historiadores refletiram-se também na Constituição de 1934. Se, por um lado, a Carta Magna apresentou componentes liberais como, por exemplo, a concessão de direitos trabalhistas; por outro, mostrou-se conservadora com o centralismo do Governo Federal e a indissolubilidade do casamento. Os reflexos dessa realidade contraditória atingiram consideravelmente a sociedade, principalmente aqueles que não comungavam da política governamental ou viviam à margem dela.

A imposição do Estado Novo, em novembro de 1937, e a instauração da ditadura, cuja existência duraria oito anos, puseram fim ao poder político dos estados, que ficaram sujeitos à intervenção do governo federal. Como uma das razões para a implementação dessa política era o combate ao Comunismo, esse foi o principal alvo desse governo. Por conseguinte, “centenas de militantes e simpatizantes foram presos e condenados em todo o país” (POMAR, 2002, p. 21).

Acusado de simpatizar com o Comunismo, Graciliano Ramos permaneceu no presídio da Ilha Grande por quase um ano. Detido em sua casa na data de 3 de março de 1936, o autor de *Vidas Secas* passa por duas capitais brasileiras, Maceió e Recife, até ficar preso no Rio de Janeiro. (RAMOS, 1980, p. 160). Nesse período de reclusão, é lançada a primeira edição de *Angústia*. Esse momento ainda serve de inspiração para a produção de *Memórias do cárcere*, obra de cunho memorialístico na qual o autor narra experiências de sua prisão. Nos 15 anos seguintes, o autor escreve o restante de sua produção literária.

Nesse contexto, o romancista vive entre a necessidade de escrever e a não menos importante necessidade de sustentar os seus. Aqui se localiza *Vidas Secas*. Em maio de 1937, o romance começa a ser escrito. Segundo o autor, um “troço difícil”, visto que tentara adivinhar o que se passava na alma de uma cachorra, no caso, a personagem *Baleia*.

Ao contar para sua esposa, por meio de carta, sobre o capítulo que estava escrevendo, Graciliano menciona o momento em que a cachorra morre desejando comer preás, e compara: “Exatamente o que todos nós desejamos. (...) no fundo todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamos preás” (RAMOS, 1980, p. 194). O substantivo *preás*, um ícone de fartura, de garantia de alimento para toda a família, não passava de um delírio do animal à beira da morte, algo que viesse em socorro, que os salvasse do castigo da seca.

A obra é publicada integralmente em 1938, durante o Estado Novo, dois anos após a prisão de seu autor, acusado de subversão. A contradição, tema investigado por Felipe (2017), era patente na realidade da época. O pesquisador Alfredo Bosi relata em suas histórias concisas

que o “velho mundo” não foi completamente abolido pelo tenentismo e pela política getulista. “Embora acenassem com lemas patrióticos ou populares para o crescente operariado e as crescentes classes médias” (BOSI, 2000, p. 384), a estrutura que subjazia ao governo era composta pelas oligarquias regionais e pelas “antigas estruturas partidárias”.

O autor de *História concisa da literatura brasileira* organiza o romance brasileiro, a partir dos anos 30, em quatro tendências, “segundo o grau crescente de tensão entre o ‘herói’ e o seu mundo”. Segundo o crítico, seriam romances de tensão: a) mínima; b) crítica; c) interiorizada ou d) romances de tensão transfigurada (BOSI, 2000, p. 392). As obras de Graciliano Ramos seriam, segundo esse estudioso, “romances de tensão crítica”. Aqueles em que “o herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social, (...)”. Mais adiante o estudioso afirma que

Nos romances em que a tensão atingiu ao nível da crítica, os fatos assumem significação menos “ingênua” e servem para revelar as graves lesões que a vida em sociedade produz no tecido da pessoa humana: logram por isso alcançar uma densidade moral e uma verdade histórica muito mais profunda (BOSI, 2000, p. 393).

É essa crítica, nada ingênua, que subjaz aos romances *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas Secas*. A trama textual dessas obras não se limita à exposição quase fotográfica do homem sertanejo e do agreste brasileiro. A obra de Graciliano Ramos é uma iconicidade literária, vai do ícone ao símbolo em todos os aspectos.

A escolha do enredo de *Vidas Secas* é percebida como portadora de intencionalidade por parte do autor. A fala de Pacheco (2015, p. 37), segundo a qual o romance não comungava com o cenário nacional, corrobora a afirmação de um possível projeto comunicativo do autor na composição de seus romances. Para a autora, a obra de Graciliano Ramos se apresenta “Contra o pano de fundo dos anos iniciais do nacional-desenvolvimentismo”. Pacheco afirma ainda que a história da família de retirantes, “história dos vencidos”, não coaduna com a “ideia de nação e de desenvolvimento falsamente universais” que impulsionava o chamado “romance de 30”. Ainda acrescenta que

a obra de Graciliano parece constituir resposta única num contexto em que a representação do subtrabalhador chegava ao esgotamento; quando à denúncia literária da vida dos mais pobres seguiu-se uma literatura de recreação, para inglês ver (PACHECO, 2015, p. 37).

Esse foi o desafio desse autor neorrealista em sua necessidade de expressão: retratar a vida do povo brasileiro, sem maquiagem, sem retoques, com tudo o que subjaz à sua história. Coube a ele retratar uma realidade conturbada, perdida entre o prometido e o real, entre o visto

e o desejado. Uma realidade que influenciou na reconfiguração de inúmeras identidades, individuais e coletivas.

5 ANÁLISE DO CÓRPUS

A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso, a palavra foi feita para dizer.

Graciliano Ramos (Apud SALLA, 2014, p.77)

Ler a palavra nas obras de Graciliano Ramos consiste num exercício que ultrapassa a simples tradução do código linguístico, elas não foram feitas para enfeitar, conforme o romancista declara. Em seus textos, a palavra vai além do espaço ocupado na folha em branco. Por isso, a necessidade de um olhar cuidadoso e profundo, com o intuito de recuperar as pistas deixadas no texto pelo autor alagoano.

A análise do córpus está organizada em dois capítulos. Neste, é apresentado o resultado das investigações em torno da construção da identidade de cada protagonista; no capítulo seguinte, é abordada a crise dessa mesma identidade. Acrescentam-se ainda alguns dados importantes para a compreensão das obras e de sua contribuição para os estudos da identidade.

5.1 O léxico na representação da identidade

A representação da identidade nacional constituiu parte importante da literatura pós-modernista, com os assim chamados “Romances de 30”, obras que intentaram representar o homem do interior que, até então, não figurava nos romances. Com o momento político-econômico bastante conturbado, os autores da década de 1930 aplicaram em suas obras “*uma visão crítica das relações sociais*” (BOSI, 2000, p. 389). Segundo o crítico, esse posicionamento dos romancistas revelava uma oposição ao “realismo ‘científico’ e ‘impessoal’ do século XIX, razão pela qual o criador de *Baleia* é considerado um autor neorrealista. Graciliano Ramos emprestou a seus textos “a grandeza severa de um testemunho e de um julgamento” (BOSI, 2000, p. 389). O testemunho de Bosi é uma das razões pelas quais não se pode ler Graciliano sem a devida associação ao momento histórico ao qual estão diretamente conectadas as suas obras.

A proposta do meio literário tinha por objetivo traçar o perfil do brasileiro, calcado nas regiões do país, dando origem aos romances chamados *regionalistas*. Nesse período, surgiram obras literárias que intentaram retratar o homem das regiões mais distantes dos grandes centros urbanos, o homem do interior, especialmente o homem sertanejo.

Nesse contexto de tensões político-ideológicas é que se desenvolve o presente capítulo, em torno das questões básicas apresentadas na introdução desta tese. Neste capítulo, pretende-se responder às seguintes questões, indicadas na página 19 desta tese: é possível identificar traços de identidade a partir do estudo da iconicidade lexical nas obras em foco? Sendo possível essa identificação, pergunta-se ainda, o que provoca essa crise de identidade? Essas questões serão respondidas no decorrer das considerações aqui apresentadas e retomadas nas conclusões desta tese.

Defende-se a hipótese de que as personagens *Paulo Honório*, *Luís da Silva* e *Fabiano* – protagonistas de *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas Secas* – representam, respectivamente, a estrutura tridimensional de formação da identidade: em relação ao outro, em relação a si mesmo e em relação à sociedade. Essa estrutura tripartida na construção da identidade, inerente a todos os seres humanos, desenvolve-se simultaneamente; contudo, nem sempre isso ocorre de modo equilibrado. A preponderância de uma em relação às outras será crucial no desenvolvimento das idiossincrasias, no “saber estar” consigo mesmo ou em sociedade.

Em função dessa possibilidade de desequilíbrio entre as partes e a despeito da formação tridimensional, a análise foi calcada na dimensão de maior destaque em cada uma das personagens. Repetindo a abordagem proposta: Paulo Honório, narrador-personagem de *São Bernardo*, foi analisado em sua relação com o outro; Luís da Silva, protagonista de *Angústia*, em sua relação consigo mesmo e Fabiano, protagonista de *Vidas Secas*, teve sua análise voltada para sua relação com a sociedade. Essa configuração vem do entendimento da identidade como fator individual, mas com atuação no coletivo. As afirmações aqui apresentadas são embasadas nos pressupostos teóricos dos autores analisados, apresentados no capítulo 3 desta tese.

O tema *identidade* subjaz a todas as obras de Graciliano Ramos, principalmente àquelas reconhecidamente autobiográficas. No entanto, os romances selecionados para este estudo remetem a uma identidade externa ao autor: a identidade do sertanejo, do homem comum, do perfil que pode ser encontrado sem muito esforço no seio de qualquer grupo social. Essa característica faz dos romances do autor neorrealista uma galeria de tipos; personagens com potencial de representatividade em qualquer sociedade.

Com o objetivo de investigar o processo de construção da identidade de alguns dos tipos representados nas obras em tela, investigam-se as estratégias usadas na execução do perfil das

principais personagens dos romances-cópus, a partir das dimensões apresentadas. Vale destacar que, apesar da atualidade, a abordagem do tema não é recente. Segundo Shepherd,

Um dos conceitos mais discutidos desde a Grécia Antiga centra-se no papel da linguagem na formação e na expressão da identidade. A noção de identidade como produto de discurso, de linguagem em uso, também não é recente (SHEPHERD, 2006, p. 125).

Segundo a autora, as pesquisas em torno da produção do discurso e da “Análise Crítica do Discurso têm observado a interface entre linguagem e construção de identidade (...)” (SHEPHERD, 2006, p. 126). Essa afirmação respalda as investigações ora propostas em torno do processo de construção da identidade, sua configuração e representação nas narrativas apresentadas.

Uma vez que a língua é a principal representação da cultura e as escolhas lexicais são reflexo dessa experiência, sustenta-se a possibilidade de rastrear o processo de construção da identidade, assim como a repercussão de sua crise nos romances de Graciliano Ramos, produzidos na década de 1930.

Com a finalidade de melhor apresentar os resultados da análise, optou-se por organizar os tópicos dentro do que foi apresentado no capítulo 4 quanto à formação da identidade, segundo os filósofos estudados. Ou seja, o perfil identitário das personagens seguirá a configuração, *Eu X outros*, *Eu X Eu*, *Eu X mundo* proposta por Edgar Morin.

5.2 A construção do perfil: o léxico e a iconicidade identitária

No período histórico no qual se inserem os romances, ainda restavam traços da cultura do fidalgo, a partir da valorização do “nome de família” dentro da sociedade. Essa herança trazia consigo uma série de privilégios, a depender da importância daquele nome no meio social. Famílias tradicionais passavam a seus descendentes uma herança não só de bens materiais, mas também de privilégios. Em oposição à cultura da fidalguia, os desafortunados eram relegados à própria sorte, uma vez que não carregavam um nome de família que lhes abrisse portas, ou lhes garantisse privilégios. Essa tradição é iconicamente representada nos textos-cópus, conforme segue.

5.2.1 Paulo Honório – um homem sem origem

Sem origem conhecida, Paulo Honório se define como “o iniciador de uma família” (*São Bernardo*, 1972, p. 67). De seu nascimento só guarda a informação de que nascera no “Dia de São Pedro”, ou seja, no dia 29 do mês de junho. Fora criado pela negra Margarida e, ainda na infância, fora guia de cego.

Por sua infância humilde, submetido a sofrimento e humilhações, desenvolve uma personalidade agressiva. Sua vida gira em torno da busca por riqueza e poder, como se observa em sua própria fala: “O meu fito na vida foi apossar-me das terras de S. Bernardo” (*São Bernardo*, 1972, p. 65). Desse modo, não se furta a qualquer ação que lhe favoreça.

Retomando essas informações iniciais, pode-se perceber o potencial sógnico delas. Uma informação que, a princípio sem muita importância na narrativa, pode passar despercebida pelo leitor é o dia de nascimento da personagem “Dia de São Pedro”. O narrador cita, simulando despreensão, o apóstolo de Cristo, São Pedro na Igreja Católica, por esta considerado o fundador da Igreja Cristã em Roma. Com o fito de despistar o leitor dessa informação, o narrador relata que

Para falar com franqueza, o número de anos assim positivo e a data de São Pedro são convencionais: adoto-os porque estão no livro de assentamentos de batizados da freguesia (*São Bernardo*, 1972, p. 67).

Contudo, o caráter simbólico dessa informação se concretiza no parágrafo seguinte quando Paulo Honório conclui “Sou, pois, o iniciador de uma família” (*São Bernardo*, 1972, p. 67). À semelhança do apóstolo fundador da Igreja Cristã, a personagem “funda” uma família. Sua importância é, pois, a de uma pedra angular.

A história de Paulo Honório direciona o olhar do leitor à fome de poder e de riqueza. Entretanto, é possível perceber que, na verdade, o que o protagonista desejava era o reconhecimento, a fama; por isso escreve o livro, para ter seu nome na capa. Além da necessidade de reconhecimento, os principais traços a se destacar nas características de Paulo Honório são: a superstição, a ironia e a falsidade.

A superstição figura no texto com referência ao substantivo *coruja*. Aparecendo no texto por sete vezes, a coruja não é bom prenúncio. A esse respeito, vale citar mais uma vez a definição dada por Luís da Câmara Cascudo para o verbete: “Anunciam a morte, quando voam sobre a casa dos enfermos, e avisam desgraças, pela simples audição do canto lúgubre”

(CASCUDO, 2012, p. 232). Além disso, a configuração do perfil de Paulo Honório se completa, principalmente, com a frequência massiva de expressões lexicalizadas. A expressividade linguístico-cultural das frases-feitas traz ao texto as principais características do protagonista.

Em leitura superficial do romance *São Bernardo*, o leitor já percebe a presença considerável das expressões lexicalizadas no desenvolvimento da narrativa. Uma análise mais atenta permite que se perceba a intenção desse uso na construção do texto, uma vez que a quase totalidade dessas formas são incorporadas à fala da personagem principal, e também narrador, Paulo Honório. Em função disso, foram rastreados os grupos de palavras que alcançam no texto certo grau de estabilidade de sentido. A partir da identificação de 85 expressões lexicalizadas, foi possível traçar o perfil do protagonista que faz uso dessas formas linguísticas.

Para melhor compreensão, o conteúdo identificado está organizado em duas partes: primeiramente apresentam-se as expressões lexicalizadas seguidas dos respectivos sentidos, registrados em dicionários especializados ou, na ausência de registro, inferidos com base no contexto da obra. Num segundo momento, são apresentadas reunidas de acordo com o contexto de uso.

Foram pesquisadas diversas fontes para o conhecimento do sentido das expressões encontradas: dicionários regionais, dicionários gerais, dicionário de provérbios e sites na *Internet*. Contudo, algumas das formas não apresentaram registro nas fontes consultadas. Nesses casos, atribuiu-se às expressões o sentido inferido pelo contexto da narrativa. O quadro 5 apresenta o total de frases com os respectivos significados, conforme citado. Acrescenta-se que as expressões com mesmo sentido foram organizadas em sequência, ainda que não apareçam nessa ordem na obra de origem, evitando a repetição desnecessária. Vale ressaltar que foram usadas siglas para representar as fontes consultadas, conforme lista de siglas na página 10.

Quadro 5 – Expressões lexicalizadas e seus respectivos sentidos (continua)

	Expressão lexicalizada	Sentido
1	“levou água na fervura” (p. 61)	Colocar água na fervura: Acalmar os ânimos, contemporizar. Sin.: botar panos quentes, colocar panos quentes. Equiv. em: botar panos quentes (DEI)
2	“o mingau virou água” (p. 63)	Algo que não deu certo, desandou, estragou os planos (IC).

Fonte: A autora

Quadro 5 – Expressões lexicalizadas e seus respectivos sentidos (continuação)

3	“todo o caminho dá na venda” (p. 64)	Sentido de não importarem os meios usados ou caminhos seguidos para alcançar o que se deseja (IC).
4	“ela estava na vida” (p. 68)	Certamente, o mesmo sentido de “mulher da vida”: prostituta [euf.; pej.; refere-se à prostituta como uma mulher que, por não possuir uma família estruturada, sobrevive com os “meios” que a vida lhe oferece, que é o sexo]. Sin.: mulher da rua, mulher da zona, mulher de má vida, mulher de vida fácil. Equiv. em: mulher da rua. (DEI)
5	“com doença do mundo” (p. 68)	Estar com doença sexualmente transmissível (IC).
6	“bicho na capação” (p. 69)	Estar preso a determinada condição, sem poder livrar-se (IC).
7	“levou músculo e nervo” (p. 69)	No contexto, tem conotação de que houve exagero no sofrimento sofrido/provocado (IC).
8	“na hora de a onça beber água” (p. 69)	"Hora da onça beber água" ou "hora do vamos ver", são expressões populares que significam: Uma situação ou momento difícil, tenso, que exige uma solução imediata (DI).
9	“deu-me com o cotovelo” (p. 69)	O mesmo sentido de “passar para trás”. Não cumprir com um acordo, Passar pra trás: utilizar procedimentos desleais para prejudicar alguém. [referente àquele que leva o outro a recuar, por meio de estratégias desonestas e traiçoeiras]. Sin.: dar uma rasteira, passar a perna, passar uma rasteira, puxar o tapete. Equiv. em: dar uma rasteira (DEI).
10	“duro como beira de sino” (p. 69)	Conotação de firmeza, dureza, sem expressar uma reação (IC).
11	“chorei minhas desgraças” (p. 69)	O mesmo sentido de “chorar miséria”: reclamar muito por pouca coisa. [alusão à situação de um miserável que teria realmente motivos para reclamar]. Sin. e equiv. em: chorar as pitangas (DEI).
12	“Tinha obrigações em penca” (p. 69)	Às pencas: em grande número; em grande quantidade. [intens.; palavra empregada exclusivamente nessa expressão]. Sin.: à beça [2], a dar com (o, um) pau, aos borbotões, aos montes, a rodo, pra chuchu, pra dar e vender. Equiv. em: à beça [2] (DEI).
13	“passou um esbregue” (p. 69)	Dar bronca, repreender, esculhambar. (DI)
14	“quem tem roupa na mochila” (p. 69)	Linguagem popular, essa expressão significa ver quem tem razão, quem tem direito, quem pode. (SD)

Fonte: A autora (continua)

Quadro 5 – Expressões lexicalizadas e seus respectivos sentidos (continuação)

15	“com quantos paus se faz uma canoa” (p. 69)	“Com quantos paus se faz uma jangada”. Mostrar com quantos paus se faz uma canoa: dar uma lição em alguém. [iron.; refere-se ao conhecimento que se deve ter para uma atividade, aludindo ao potencial de um indivíduo de ensinar algo a outro]. Sin.: chamar na chincha, dar uma descascada, dar uma dura, dar um esfrega, dar um pito, passar um sabão, pregar um sermão, puxar as orelhas. Equiv. em: chamar na chincha (DEI).
16	“ensinou rato a furar almotolia” (p. 69)	“Ensinar rato a furar” ¹⁰ . 1. Fazer e acontecer, dar nó em pingo d’água, superar-se 2. Diz-se, da mesma forma, de quem é especialista em golpes financeiros e falcatruas: cuidado, rapaz, que aquele ali ensinou rato a furar”. (DN).
17	“fazendo munganga ao sol” (p. 70)	Munganga ou muganga: careta, trejeito. Quando estivesse morto com os dentes para fora. (DN)
18	“não bebia água na ribeira do Navio” (p. 70)	Não se arriscar (IC)
19	“estava no pau de arara” (p. 74)	Estar sem dinheiro, sem provisões, “pendurado” (IC)
20	“não vale o que um periquito rói” (p. 74)	Pode ser associado à forma “Não vale uma cibazol” ¹⁰ , que quer dizer “não vale nada” (DN).
21	“tinha ensebado as canelas” (p. 77)	Passar sebo nas canelas: apressar-se. [recorre à imagem que passa “sebo” (como lubrificante) nas canelas, para prepará-las à movimentação intensa em uma corrida] (DEI).
22	“era um deus-nos-acuda” (p. 77)	Ser um deus-nos-acuda: ser muito confuso, complicado. [menção ao clamor a Deus para indicar confusão generalizada]. Sin. e equiv. em: ser o fim do mundo (DEI).
23	“deixei-o de tanga” (p. 69)	Ficar de tanga – perder tudo, arruinar-se (DEPB).
24	“deixo-lhe de camisa e ceroula” (p. 79)	“Com uma mão na frente outra atrás”: sem nada para oferecer ou sem ter conseguido nada [referência à situação em que um indivíduo estaria nu, apenas tapando as partes pudicas com as mãos]. Sin.: com as mãos abanando, de mãos abanando, de mãos vazias. Equiv. em: com as mãos abanando (DEI).
25	“uma mão atrás, outra adiante” (p. 203)	

Fonte: A autora (continua)

¹⁰ “Era um remédio popular e barato comercializado antigamente, mas com a chegada de novos medicamentos perdeu o valor e desapareceu do mercado, sendo hoje sinônimo para qualquer coisa sem valor.” Disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br/cibazol/>. Acesso em 23.Maio.2019.

Quadro 5 – Expressões lexicalizadas e seus respectivos sentidos (continuação)

26	“ficar sem mel nem cabaço” (p. 144)	Ficar sem uma coisa nem outra. (SD)
27	“com a corda no pescoço” (p. 79)	Em grandes dificuldades ou com graves preocupações. [orig.: refere-se à força]. (DEI).
28	“tocar fogo na binga” (p. 79)	Sentido de destruir tudo (IC).
29	“fica de saco nas costas” (p. 79)	Conotação de “ir embora sem nada”. Possivelmente semelhante a “ficar com uma mão na frente e outra atrás” (IC).
30	“lusco-fusco” (p. 79)	Pelo contexto, refere-se ao crepúsculo (IC).
31	“um fumo para o acordo” (p. 80)	Semelhante a “mandar às favas” (IC).
32	“meteu o rabo na ratoeira” (p. 81)	Deixar-se levar por: ser influenciado. [pej.: alusão à imagem de algo ou alguém que é levado por uma força superior, sem poder ou querer reagir]. Pode deixar-se levar pelos sentimentos e pelo impulso ou pode escolher a resposta adequada a cada problema. Sin.: cair na ratoeira, cair na rede, cair no laço, ir na conversa, ir na onda, morder a isca. Equiv. em : cair na ratoeira (DEI).
33	“paguei-lhe na mesma moeda” (p. 83)	Pagar com a (na) mesma moeda: fazer para alguém o mesmo que lhe fizeram. [orig.: Bíblia; a expressão vem de um dos pressupostos de que não se deve revidar qualquer tipo de agressão, tomando-se por base a relação de troca na época dos primeiros cristãos, que era com a mesma moeda, em sentido literal]. Sin.: dar o troco, responder à altura. Equiv. em: dar o troco (DEI).
34	“vendendo macacos” (p. 85)	Fazer qualquer coisa para sobreviver (IC).
35	“Dormindo como pedra” (p. 87)	Dormir como uma pedra: dormir muito profundamente. [intens.; comparação entre a imobilidade de uma “pedra” e a de uma pessoa em estado de sono profundo] (DEI).
36	colocar “panos mornos” (p. 89)	O mesmo sentido de “colocar panos quentes”: acalmar os ânimos, temporizar. [referência à ação de se colocar panos quentes para amenizar algum problema de saúde ou dor em alguma parte do corpo humano]. Sin.: botar panos quentes, jogar água na fervura, por panos quentes. Equiv. em: botar panos quentes (DEI).

Fonte: A autora (continua)

Quadro 5 – Expressões lexicalizadas e seus respectivos sentidos (continuação)

37	“bateu as botas” (p. 90)	Bater as botas: morrer [euf.; imagem de um costume antigo segundo o qual as famílias colocam as melhores botas em seus defuntos]. Sin.: bater a caçoleta, comer capim pela raiz, comer grama pela raiz, descer ao túmulo, entregar a alma, esticar as canelas, passar desta para melhor, perder a vida, vestir o pijama de madeira, virar presunto, voltar ao pó. Equiv. em : bater a caçoleta (DEI).
38	“chupando uma barata” (p. 91)	Faz referência a quem está “na miséria”, sem condição de sustento (IC).
39	“ a decisão do major era um prego” (p. 92)	Remete a uma situação incômoda, que trazia prejuízos (IC).
40	“metam o pau” (p. 96)	Descer o pau em: falar mal de alguém ou de alguma coisa [intens.; “pau” aludindo à agressividade para indicar difamação]. Sin.: baixar o pau, baixar o sarrafo, descer a lenha, meter a boca, meter a lenha, meter o pau. Equiv. em: baixar o pau (DEI).
41	“caiu-me em cima uma nuvem de marimbondos” (p. 99)	Faz referência a “mexer em casa de marimbondo”: provocar propositalmente grande agitação, grande inquietude [intens.; menção ao inseto que pica quando se sente ameaçado]. Sin.: mexer em vespeiro (DEI).
42	“remexia o quengo” – (p. 104)	Faz referência a ficar pensando (IC).
43	“pisado em casca de banana” (p. 109)	Meter-se, por inadvertência, em situação confusa ou perigosa. (DECB)
44	“dar murro em ponta de faca” (p. 110)	Esforço prejudicial [intens.; alusão à imagem insólita de um ato que só pode trazer prejuízo; em português a expressão é bem usual com o verbo “dar”] (DEI).
45	“emprenha pelos ouvidos” (p. 110)	Ser facilmente influenciado por intrigas ou mexericos (IC).
46	“inteligência de peru novo” (p. 110)	Diz-se de quem é ingênuo, patureba, bobo (DN).
47	“besta como aruá” (p. 110)	Pessoa tola, idiota (DN).
48	“levou taboca” (p. 111)	Perder, ser derrotado, ser logrado, ser enganado (DN).
49	“foi ao barro” (p. 111)	Ir ao chão, cair. (DN)
50	“rabo de saia” (p. 115)	Mulher (DI).
51	“ninguém mija fora do caco” (p. 116)	Apresenta sentido de ter um caso amoroso ou sexual fora da relação ‘oficial’ (IC).

Fonte: A autora (continua)

Quadro 5 – Expressões lexicalizadas e seus respectivos sentidos (continuação)

	Expressão lexicalizada	Sentido
52	“embarcando em canoa furada” (p. 117)	Canoa furada: empreendimento arriscado, provavelmente destinado ao fracasso. [iron.; menção à óbvia ideia de naufrágio em uma embarcação com problemas; mais usual com os verbos “embarcar”, “entrar” e “estar”] (DEI).
53	“andam com saltos de pulga” (p. 117)	Tem a mesma conotação de “andar de mansinho” para não ser flagrado em ações indevidas (IC).
54	“Juízo de galinha” (p. 117)	O mesmo que “juízo de camarão” ou “cabeça de camarão”. “Diz-se de pessoa ignorante, ‘cabeça de bagre’, estúpida” (DN).
55	“tem barriga de ema” (p. 118)	Ter estômago de avestruz: ter uma grande facilidade em digerir e um apetite voraz. [intens.; refere-se ao grande volume do estômago desse animal]. A ema também tem “estômago de avestruz”. Na narrativa, tem sentido de não se satisfazer com pouco dinheiro. (DEI).
56	“sou como peixe fora da água” (p. 131)	Estar constrangido, nada à vontade em alguma atividade [refere-se a esse animal que não consegue viver fora de seu habitat natural, a água] (DEI).
57	“arreio a trouxa e falo com o coração na mão” (p. 145)	Tem conotação de estar falando com grande sinceridade ou franqueza, inquietação ou preocupação (IC).
58	“contou os fios do bordado” (p.147)	“Ficar sem jeito”, sem reação em relação a algum fato (IC).
59	“cada macaco no seu galho” (p. 158)	Cada um deve ater-se à sua condição ou função, sem se preocupar com as dos outros (DECB).
60	“esmola grande” (p. 163)	Ditado popular usado para defender certa desconfiança de alguém quando esta pessoa está sendo muito boazinha, além do normal. Apresenta algumas variações: “quando a esmola é grande o cego desconfia”, “quando a esmola é grande até o Santo desconfia” (DECB).
61	“estar parida” (p. 168)	Parir = dar a luz, produzir, causar. No texto tem sentido de estar comprometida com alguém (IC).
62	“comigo é trás zás nó cego” (p. 171)	Zás-trás-nó-cego: é imediatamente, no mesmo instante, com rapidez (DEPB)
63	“cada qual tem lá seus modos de matar pulgas” (p. 175)	Para justificar uma ação diferente da de outras personagens (IC).

Fonte: A autora (continua)

Quadro 5 – Expressões lexicalizadas e seus respectivos sentidos (continuação)

	Expressão lexicalizada	Sentido
64	“tirar as peias da língua” (p. 183)	Não ter papas na língua: falar francamente, sem rodeios. [pej.; orig.: difunde-se que a expressão vem de origem castelhana “no tener pepitas en la lengua”, na qual “pepitas”, traduzível por “papas”, designa uma espécie de tumor que nasce na língua de algumas galinhas e as impede de cacarejar]. Sin.: dizer com todas as letras, ser curto e grosso. Equiv. em: dizer com todas as letras (DEI).
65	“não me bota papa na língua não” (p. 204)	
66	“caindo de podre” (p. 185)	Usada para referir-se a algo já ultrapassado (IC).
67	“ficava pela hora da morte” (p. 185)	Hora da morte: por preço muito alto, exagerado (DEPB).
68	“não deitava água a pinto” (p. 192)	Tem conotação de <i>não perder tempo</i> (IC).
69	“tinha-me encangado a Madalena” (p. 200)	Sentido de <i>estar preso</i> . Colocar canga = prender, subjugar (IC).
70	“cavar um osso” (p. 203)	Usada com sentido de <i>buscar recursos, sustento</i> (IC).
71	“chove-não-molha” (p. 204)	1. [Brasil] Situação que não se resolve, que não avança nem re-cua. 2. [Brasil] Ramerrão (DN).
72	“Tira o cavalo da chuva” (p. 204)	Tirar o cavalo (cavalinho) da chuva: desistir de algo que se desejava [euf.; orig.; menção a tempos antigos em que o anfitrião convidava o hóspede a entrar só se fosse bem-vindo, e lhe dizia por costume para deixar que guardassem seu cavalo; expressão geralmente empregada com sentido imperativo] (DEI).
73	“papagaio come milho, periquito leva fama” (p. 205)	É quando uma pessoa faz algo extraordinário e quem não fez leva a fama e é premiado (DI).
74	“chovendo no molhado” (p. 205)	Chover no molhado: explicar inutilmente o que já é evidente [pleonástica; referência ao efeito da chuva onde já havia chovido, aludindo a algo que se repete desnecessariamente]. Sin. equiv.: arrombar porta aberta [2] (DEI).

Fonte: A autora (continua)

Quadro 5 – Expressões lexicalizadas e seus respectivos sentidos (conclusão)

	Expressão lexicalizada	Sentido
75	“dar com os burros na água” (p. 208)	Dar com os burros n’água: fracassar, não servir para mais nada [orig. sup.: divulga-se que provém de um conto popular vulgarizado oralmente e que fala sobre o fracasso de dois tropeiros que perderam toda a carga de sal e algodão ao atravessarem um rio, na disputa por uma bonificação]. Sin.: cair por terra, dar em água de barrela, ir a pique, ir por água abaixo, ir pra(s) cucuia(s), ir pro beleléu, ir pro brejo, ir pro buraco. Equiv. em: cair por terra (DEI).
76	“cavalo amarrado também come” (p. 209)	Faz referência ao homem que, mesmo preso a determinada condição (idade, casamento ou pobreza), pode interessar-se por outra mulher (IC).
77	“mulher não vai com carrapato porque não sabe qual é o macho” (p. 209)	Faz referência à vulgarização da figura feminina, desvalorizando-a (IC).
78	“subiu ladeira a vara e a remo” (p. 209)	Sentido de andar devagar, sustentando-se em algum suporte e vagarosamente (IC).
79	“eu picado para linguiça” (p. 211)	Desgastado, cansado (IC).
80	“sabia gramática por baixo da água” (p. 216)	Ter grande saber (IC).
81	“podia viver aí até criar canhão” (p. 229)	Mesmo sentido de “criar raízes”: passar a ter vínculos emocionais geralmente com lugar ou cultura em que se nasceu ou viveu [orig.: Botânica; referente às plantas que se fixam num local por meio de suas raízes] (DEI).
82	“lhe pisava os calos” (p. 229)	Usado no sentido de não incomodar, certamente o mesmo sentido de “onde o calo (lhe) dói”: onde está o problema que mais incomoda [intens.; alusão ao “calo”, problema que ocorre na pele e causa dor ou desconforto] (DEI).
83	“deus-dará” (p. 229)	“Ao realengo”, “ao relento, abandonado, ao ‘deus-dará, em desordem” (DN).
84	“com uma no cano, outra no fecho” (p. 229)	“Em situação de penúria, de pobreza absoluta, equivalente à expressão ‘com uma mão na frente e outra atrás” (DN).
85	“bebeu água de chocalho” (p. 232)	“Beber água de chocalho” – “falar fluentemente”, “caracteriza qualquer pessoa que fala demais” (DN).
86	“torrei nos cobres” (p. 239)	Torrar nos cobres – 1. Pop. Vender por qualquer preço, pela primeira oferta de dinheiro; queimar, torrar [Cf. o sintagma <i>torrar os cobres</i> 'torrar o dinheiro, gastá-lo todo, esbanjá-lo'.] (AULETE).

Fonte: A autora

Foram identificadas, no texto-cópus, 86 expressões lexicalizadas. Ressalta-se que quase a totalidade dessas expressões, 76 delas, constam da fala de *Paulo Honório*, seja na voz de narrador, seja na fala de personagem. Nessas últimas foram concentradas as investigações cujos resultados são apresentados a seguir. As ocorrências foram organizadas em quadros com a indicação de quatro situações nas quais *Paulo Honório* está envolvido, a saber: 1) quando se sente prejudicado em determinada negociação: a) exagera no sofrimento ou b) desvaloriza o opositor; 2) quando ameaça alguém; 3) quando procura se justificar ou 4) quando descreve uma pessoa ou situação.

1. Quando se sente prejudicado em determinada negociação

Quando se sente ameaçado por alguém ou prejudicado em alguma situação, *Paulo Honório* tem uma das seguintes reações: ou exagera nas expressões, aumentando a intensidade do próprio sofrimento, ou desvaloriza seu opositor, inclusive proferindo ofensas. No primeiro caso, o opressor representa sempre alguém, de certa forma, superior ao protagonista (com mais posses ou a quem a personagem devia algo). A segunda reação, no entanto, configura-se sempre em relação a alguém, a seus olhos, inferior.

Quadro 6 – Relação de expressões lexicalizadas usadas quando há exagero no sofrimento

Exagero no sofrimento		
1	“me levou músculo e nervo” (p. 69)	Tem conotação de que houve exagero no sofrimento sofrido/provocado (IC).
2	“deu-me com o cotovelo” (p. 69)	Mesmo sentido de “passar para trás”. Não cumprir com um acordo, Passar pra trás: utilizar procedimentos desleais para prejudicar alguém. [referente àquele que leva o outro a recuar, por meio de estratégias desonestas e traiçoeiras]. Sin.: dar uma rasteira, passar a perna, passar uma rasteira, puxar o tapete. Equiv. em: dar uma rasteira (DEI).
3	“chorei minhas desgraças” (p. 69)	Mesmo sentido de “chorar miséria”: reclamar muito por pouca coisa. [alusão à situação de um miserável que teria realmente motivos para reclamar]. Sin. e equiv. em: chorar as pitangas (DEI).

Fonte: A autora (continua)

Quadro 6 – Relação de expressões lexicalizadas usadas quando há exagero no sofrimento (conclusão)

Exagero no sofrimento		
4	“Tinha obrigações em penca” (p. 69)	Às pencas: em grande número; em grande quantidade. [intens.; palavra empregada exclusivamente nessa expressão]. Sin.: à beça [2], a dar com (o, um) pau, aos borbotões, aos montes, a rodo, pra chuchu, pra dar e vender. Equiv. em: à beça [2] (DEI).
5	“passou um esbregue” (p. 69)	Dar bronca, repreender, esculhambar. (DI)
6	“a decisão do major era um prego” (p. 92)	Faz referência a uma situação incômoda, que trazia prejuízos (IC).
7	“caiu-me em cima uma nuvem de marimbondos” (p. 99)	Faz referência a “mexer em casa de marimbondo”: provocar propositalmente grande agitação, grande inquietude [intens.; menção ao inseto que pica quando se sente ameaçado]. Sin.: mexer em vespeiro (DEI).
9	“na tábua da venta” (p. 200)	Significa falar “na presença, nas bochechas” (DEPB)

Fonte: A autora

Os fragmentos 2 a 5 são pronunciados na cena em que Paulo Honório narra o quanto sofrera, tentando receber o pagamento de um negócio. O comprador, Dr. Sampaio, além de não honrar o tratado, ameaça o protagonista. Destaca-se que, a despeito de queixar-se do sofrimento de modo exagerado, Paulo Honório não se deixa vencer. Pelo contrário, reage com vingança. Essa reação é registrada pelas expressões lexicalizadas pronunciadas pelo narrador, conforme Quadro 7.

Quadro 7 – Relação de expressões lexicalizadas usadas quando desvaloriza o opositor

Desvalorização do opositor		
1	“estar parida” (p. 168)	Parir = dar a luz, produzir, causar. No texto tem sentido de estar comprometida com alguém (IC).
2	“chove-não-molha” (p. 204)	1. [Brasil] Situação que não se resolve, que não avançam nem recua. 2. [Brasil] Ramerrão (DN).

Fonte: A autora

Quadro 7 – Relação de expressões lexicalizadas usadas quando desvaloriza o opositor (conclusão)

Desvalorização do opositor		
3	“não me bota papa na língua não” (p. 204)	Não ter papas na língua: falar francamente, sem rodeios. [pej.; orig.: difunde-se que a expressão vem de outra de origem castelhana “no tener pepitas en la lengua”, na qual “pepitas”, traduzível por “papas”, designa uma espécie de tumor que nasce na língua de algumas galinhas e as impede de cacarejar]. Sin.: dizer com todas as letras, ser curto e grosso. Equiv. em: dizer com todas as letras (DEI).
4	“Tira o cavalo da chuva” (p. 204)	Tirar o cavalo (cavalinho) da chuva: desistir de algo que se desejava [euf.; orig.; menção a tempos antigos em que o anfitrião convidava o hóspede a entrar só se fosse bem-vindo, e lhe dizia por costume para deixar que guardassem seu cavalo; expressão geralmente empregada com sentido imperativo] (DEI).
5	“cavalo amarrado também come” (p. 209)	Homem que, mesmo preso a determinada condição (idade, casamento ou pobreza), pode interessar-se por outra mulher (IC).
6	“mulher não vai com carrapato porque não sabe qual é o macho” (p. 209)	Faz referência à vulgarização da figura feminina, desvalorizando-a (IC).

Fonte: A autora

Pode-se verificar a importância da seleção lexical nas relações interpessoais travadas por *Paulo Honório*. As situações apresentadas denotam a relação de poder entre a personagem e seus interlocutores. Segundo Simões (2004, p. 106), “é possível apontar o léxico como demarcador de territórios socioculturais a partir das referências que evocam”. A visão que a personagem tem de si mesmo e de seus opositores é refletida nas expressões usadas. No primeiro grupo, o exagero no próprio sofrimento é representado por expressões que denotam *dor* e *sofrimento*. No segundo grupo, o protagonista expõe seu opositor ora demonstrando a intenção deste em enganá-lo, ora proferindo humilhações, principalmente relacionadas ao campo sexual.

2. Quando ameaça alguém

Nas cenas em que ameaça seu opositor, percebem-se três intenções: a) o desejo de apropriação dos bens do inimigo (expressões 1, 4 e 6), a determinação de espaços de autoridade

(expressão 2), o tom de vingança e agressividade (expressões 3, 5, 7, 8, e 9). Destaca-se a maior incidência das expressões com carga de agressividade e tom de vingança de *Paulo Honório* em relação aos que atrapalhavam seus interesses. Vale ressaltar que, com exceção da última expressão do quadro a seguir, todas as outras foram proferidas em situações nas quais havia desavenças em negociações.

Quadro 8 – Relação de expressões lexicalizadas usadas em momento de ameaça proferida

1	“deixei-o de tanga” (p. 69)
2	“quem tem roupa na mochila” (p. 69)
3	“com quantos paus se faz uma canoa” (p. 69)
4	“deixo-lhe de camisa e ceroula” (p. 79)
5	“tocar fogo na binga” (p. 79)
6	“fica de saco nas costas” (p. 79)
7	“paguei-lhe na mesma moeda” (p. 83)
8	“metam o pau” (p. 96)
9	“ninguém mija fora do caco” (p. 116)

Fonte: A autora

3. Quando procura se justificar

As cenas nas quais *Paulo Honório* tenta justificar-se de alguma ação da qual se arrepende, são raríssimas. Essa escassez denota o orgulho, traço do perfil psicológico, da personagem. Em poucas cenas reconhece seu erro e, quando o faz, disfarça para não ter de se desculpar por seus atos.

Quadro 9 – Relação de expressões lexicalizadas usadas em justificativas

1	“comigo é trás zás nó cego” (p. 171)
2	“arreio a trouxa e falo com o coração na mão” (p. 145)
3	“cada qual tem lá seus modos de matar pulgas” (p. 175)
4	“eu picado para linguiça” (p. 211)

Fonte: A autora

As expressões listadas no quadro anterior foram proferidas em interlocução com sua esposa. *Madalena* era a única pessoa que conseguia, ainda que minimamente, “tocar” as

emoções de *Paulo Honório*. A presença da mulher, sua educação e bons modos moviam o homem rude, embaraçando-o por não saber lidar com bons sentimentos.

4. Quando descreve uma pessoa ou situação

O maior número de ocorrências é observado quando o narrador descreve um acontecimento. Como já advertido pelo narrador, ele não tinha conhecimentos gramaticais ou estilísticos para produzir literatura. *Paulo Honório* usa as *frases-feitas* para descrever o mundo a seu redor. O uso dessa forma linguística encaixa-se no perfil daqueles que, por fazerem uso dessas expressões, são vistos como desprovidos de discurso próprio. Possivelmente por isso, o texto é repleto de *expressões lexicalizadas*, em sua maioria pronunciadas pelo narrador-personagem.

Quadro 10 – Relação de expressões lexicalizadas usadas em descrições (continua)

1	“levou água na fervura” (p. 61)
2	“o mingau virou água” (p. 63)
3	“ela estava na vida” (p. 68)
4	“com doença do mundo” (p. 68)
5	“bicho na capaço” (p. 69)
6	“na hora de a onça beber água” (p.69)
7	“duro como beira de sino” (p. 69)
8	“ensinou rato a furar almotolia” (p. 69)
9	“fazendo munganga ao sol” (p.70)
10	“não bebia água na ribeira do Navio” (p. 70)
11	“não vale o que um periquito róí” (p. 74)
12	“tinha ensebado as canelas” (p. 77)
13	“era um deus-nos-acuda” (p. 77)
14	“com a corda no pescoço” (p. 79)
15	“lusco-fusco” (p. 79)

Fonte: A autora

Quadro 10 – Relação de expressões lexicalizadas usadas em descrições (continuação)

16	“meteu o rabo na ratoeira” (p. 81)
17	“vendendo macacos” (p. 85)
18	“Dormindo como pedra” p. 87)
19	colocar “panos mornos” (p. 89)
20	“bateu as botas” (p. 90)
21	“remexia o quengo” (p. 104)
22	“pisado em casca de banana” (p. 109)
23	“emprenha pelos ouvidos” (p. 110)
24	“inteligência de peru novo” (p. 110)
25	“besta como aruá” (p. 110)
26	“levou taboca” (p. 111)
27	“foi ao barro” (p. 111)
28	“rabo de saia” (p. 115)
29	“Juízo de galinha” (p. 117)
30	“embarcando em canoa furada” (p. 117)
31	“andam com saltos de pulga” (p. 117)
32	“ficar sem mel nem cabaço” (p. 144)
33	“contou os fios do bordado” (p. 147)
34	“cada macaco no seu galho” (p. 158)
35	“esmola grande” (p. 163)
36	“tirado as peias da língua” (p. 183)
37	“caindo de podre” (p. 185)
38	“ficava pela hora da morte” (p. 185)
39	“não deita água a pinto” (p. 192)
40	“tinha-me encangado a Madalena” (p. 200)
41	“dar com os burros na água” (p. 208)
42	“sabia gramática por baixo da água” (p. 216)

Fonte: A autora (continua)

Quadro 10 – Relação de expressões lexicalizadas usadas em descrições (conclusão)

43	“podia viver aí até criar canhão” (p. 229)
44	“lhe pisava os calos” (p. 229)
45	“deus-dará” (p. 229)
46	“com uma no cano, outra no fecho” (p. 229)
47	“bebeu água de chocalho” (p. 232)
48	“torrei nos cobres” (p. 239)

Fonte: A autora

Muitas outras expressões fixas podem ser encontradas no romance *São Bernardo*. Nesta abordagem, foram elencadas aquelas que contribuem diretamente para a composição do perfil da personagem. A formação dessas expressões é feita de formas diversas, sua estrutura comporta os tipos mencionados por Fulgêncio (2008), segundo a qual,

Do ponto de vista estrutural, algumas expressões fixas são SNs, como *contrato de gaveta*; outras são sintagmas preposicionados, como *em petição de miséria* ou *a sangue frio*; outras têm a função de qualificativos, como *podre de rico*; outras são conectivos, como *por conseguinte*; outras são sintagmas adverbiais, como *direto e reto*; outras são sintagmas verbais como *dar o braço a torcer*; e, por fim, outras são orações inteiras, como *os últimos serão os primeiros* ou *Não me diga!* (FULGÊNCIO, 2008, p. 31) [grifo nosso].

A narrativa do texto-cópus apresenta todos os tipos de *expressões lexicalizadas* apresentadas na citação anterior; contudo, as de maior ocorrência são as que se apresentam em forma de oração, como se podem observar nos quadros anteriores. A análise cuidadosa dessas expressões oferece subsídios para um conhecimento mais consistente das relações interpessoais representadas no texto literário. Segundo Fulgêncio,

Quem pretendesse empreender um estudo da performance deveria levar em conta ainda outras considerações de ordem pragmática e discursiva, como por exemplo aspectos de interação entre falante e ouvinte específicos, num contexto específico. (FULGÊNCIO, 2008, p. 21).

Um breve exemplo disso pode ser observado na sequência de cenas que narram as crises de ciúmes de *Paulo Honório* em relação à *Madalena*. Completamente transtornado pelas dúvidas de uma possível infidelidade da mulher, fica claro no texto o preconceito que a personagem nutre pela figura feminina: “mulher não vai com carrapato porque não sabe qual é o macho” (*São Bernardo*, 1972, p. 209).

Os exemplos destacados demonstram a importância dos estudos dialetológicos a partir de um alcance que vai além do aspecto descritivo. O mapeamento das ocorrências permite a exposição da

relação existente entre uma dada configuração dialetológica e o contexto extralinguístico no qual ela se encontra e a partir do qual ela se organiza, entendido esse contexto não apenas como um conjunto de fatores referentes aos informantes, tais como faixa etária, sexo, escolaridade, mas como um contexto tão dinâmico quanto a história e as diversas relações sociais que se dão entre os falantes (ROCHA, 2016, p. 48).

Em função do exposto, não há como ignorar a importância dos estudos dialetológicos, incluídas aqui as expressões lexicalizadas, nos estudos de Língua e Literatura.

5.2.2 Luís da Silva – um Silva qualquer

A investigação em torno da personagem Luís da Silva perscruta a visão que o próprio protagonista tem de si mesmo, a partir da relação *Eu X Eu*, já citada. Por isso, analisou-se a construção da identidade e respectiva crise do protagonista de *Angústia*, conforme as pistas deixadas na narrativa.

Desde o início do romance, o leitor é envolvido no percurso vertiginoso dos pensamentos de Luís da Silva. A princípio, não há oportunidade de se acompanhar o processo de construção da identidade da personagem, uma vez que o leitor já o encontra saindo de um surto psicótico, a partir do qual esteve doente, trancado em seu quarto.

Contudo, no decorrer da leitura, a análise atenta dos signos deixados pelo autor no tecido textual permite que as pistas sejam recuperadas, reconstituindo o caminho percorrido na construção da identidade do protagonista e o desenvolvimento da respectiva crise. Suas principais características podem assim serem resumidas: um ser solitário, tem baixa autoestima, é vingativo. Desde a infância, Luís da Silva apresenta traços de sua personalidade doentia.

Às vezes punha-me a tossir, para me convencer de que não tinha ficado surdo. Era como se a gente houvesse deixado a Terra. De repente surgiam vozes estranhas. Que eram? Ainda hoje não sei. Vozes que iam crescendo, monótonas, e me causavam medo. Um alarido, um queixume, clamor enorme, sempre no mesmo tom. As ruas enchiam-se, a saleta enchia-se – e eu tinha a impressão de que o brado lastimoso saía das paredes, saía dos móveis. (*Angústia*, 1987, p. 17)

A sensação de estar sendo perseguido ultrapassava os limites do real, fato que o mantinha isolado. As brincadeiras da infância eram solitárias: “sempre brinquei só” (*Angústia*, 1987, p. 13), confessa o protagonista, jogar pião sozinho ou empinar papagaio eram suas distrações quando criança. Buscando uma identidade perdida no tempo, o funcionário público vive em permanente conflito interior. Esse retorno à infância é frequente na narrativa. Seu isolamento do mundo permanece na vida adulta, a fuga de tudo e de todos a seu redor transforma-o em um ser isolado. Era homem inseguro, com mania de perseguição cujos pensamentos são atormentados com as lembranças de um passado sofrido e com as opressões do presente.

Luís da Silva conta sua própria história. Ou seja, a narrativa é construída calcada na subjetividade do narrador, o que permitiu que ele interpretasse as situações como lhe era conveniente. É bastante conveniente para quem vive constantemente com a sensação de ser alvo do desprezo e do julgamento de todos que o cercam. Dono de uma personalidade doentia, o protagonista circula num ambiente cujas características remetem ao período histórico que acolhe a publicação do romance.

Sua baixa autoestima também perpassa toda a narrativa. Desde a infância até a idade adulta, são muitos os relatos que funcionam como índice dessa característica. No relato de seu primeiro contato com a escola, lembra,

Meteram-me na escola de seu Antônio Justino, para desasnar, pois, como disse Camilo quando me apresentou ao mestre, eu era um cavalo de dez anos e não conhecia a mão direita (*Angústia*, 1987, p. 13).

A história do protagonista está estreitamente ligada às suas origens, que, por sua vez, está ligada ao panorama histórico da década de 1930. O enquadramento do romance nesse período é essencial para que se compreenda a mensagem crítica incorporada na malha textual dos romances. Sem esse entendimento, resta prejudicada a percepção da complexidade do perfil das personagens.

A origem familiar de Luís da Silva remete a uma pequena elite agrária da década de 1930. O enredo da narrativa funciona como índice que aponta para a realidade imediata, remetendo ao período histórico da ditadura Vargas, durante o qual o protecionismo do Governo alcançava uma pequena parcela de grandes produtores, restando aos pequenos produtores rurais a decadência absoluta. Essa realidade é representada na narrativa de *Angústia* com o avô de Luís da Silva, um fazendeiro que experimenta a decadência não apenas de sua propriedade, mas também de sua dignidade.

Nesse contexto de derrota moral e financeira, o protagonista passa sua infância, testemunhando o abandono da fazenda e as transformações sociais. Dentre outros exemplos da mudança radical nos contornos sociais, apresenta-se *mestre Domingos*, ex-escravo, “possuidor de uma venda sortida” (*Angústia*, 1987, p. 12), que aparece na narrativa como um socorro ao velho Trajano, que cambaleia bêbado pela cidade – ícone da decadência do antigo “coronel”. Diante dessa “humilhação”, o coronel recusa a ajuda do ex-escravo, acusando-o de desrespeito.

Já adulto, não satisfeito com a mudança radical pela qual passa, Luís da Silva desenvolve um espírito angustiado, insatisfeito com sua condição e com sua aparência. Alimenta sentimento de raiva por tudo e por todos que lhe pareçam superiores. No decorrer da narrativa, o leitor é levado pelo fluxo de consciência do protagonista. Numa narrativa vertiginosa, Luís da Silva alterna as lembranças de um passado sofrido com o momento presente, demandando do leitor grande habilidade de leitura. É nesse turbilhão de sensações e impressões subjetivas, que a mentalidade doentia da personagem vai sendo desenhada.

A cultura do fidalgo é indicialmente representada na genealogia de Luís da Silva: neto de fazendeiro rico e poderoso, um bom exemplo dos antigos “coronéis” do Nordeste brasileiro. *Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva* é índice dessa cultura. O patriarca, com poder político e financeiro, agia em prol dos próprios interesses, afrontando, inclusive, as ordens do delegado da cidade.

Quando a política de padre Inácio caiu, o delegado prendeu um cangaceiro de Cabo Preto. O velho Trajano sumiu da vila e pediu ao doutor juiz de direito a soltura do criminoso. Impossível. Andou, virou, mexeu, vasto dinheiro com habeas-corpus - e o doutor duro como chifre.

- Está direito, exclamou Trajano plantando o sapato de couro cru na palha da cadeira do juiz. Eu vou soltar o rapaz.

No sábado reuniu o povo da feira, homens e mulheres, moços e velhos, mandou desmanchar o esforço do vigário, armou todos com estacas e foi derrubar cadeia (*Angústia*, 1987, p. 29).

O excerto mostra a influência do fazendeiro sobre os poderes constituídos, suas ações não encontravam barreiras. Seu nome extenso é associado à sua influência na sociedade, quanto maior o nome, mais importante ou influente é quem o tem; representa nome de família que tem domínio e poder na região. Contudo, acompanhando o momento vivenciado na realidade pelo autor, a obra apresenta a decadência financeira de inúmeras famílias que perderam a condição econômica, a posição na sociedade e, no plano narrativo, o nome. O resultado dessa decadência é representado coerentemente com o processo de falência paulatina, sofrido pela família.

Vale a pena destacar o vínculo dos “atos da lei” ao momento político; a prisão do cangaceiro só é efetivada após a derrota de certa posição política do Padre Inácio, antes disso, os crimes do Cabo Preto eram ocultados pelos mandantes, dentre eles, o velho Trajano.

A origem de Luís da Silva tem início com *Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva*. Nome forte, pomposo, *Trajano* – do latim *Trajanus*, “o rei Jano” ou “a divindade Jano¹¹”; remete a “um imperador romano que recebeu o apelido de ‘o Ótimo’ e ‘Pai da Pátria’”. Ícone de prosperidade, o “reinado de Jano correspondeu a uma Idade de Ouro (v.), e se caracterizou pela honestidade generalizada, pela paz, e pela abundância de todos os bens” (KURY, 2009), abundância também observada na vida do fazendeiro. Concomitantemente à iconicidade do nome, o velho Trajano termina seus dias amargando a decadência financeira e o fim de sua influência. Como consequência, o filho do fazendeiro, é atingido pelas consequências da falência. *Camilo Pereira da Silva* não herda a fazenda próspera, a riqueza nem o nome de família. A narrativa apresenta a derrocada da família e do nome, contudo, deixa na teia textual o índice do orgulho da elite passado de geração em geração, como vemos no decorrer do romance. O trecho a seguir denota o espírito de grandeza que permaneceu no pai de Luís da Silva. Ele próprio relata o sonho que o pai alimentava acordado, quando diz:

Os negócios na fazenda andavam mal. E meu pai, reduzido a *Camilo Pereira da Silva*, ficava dias inteiros manzanzando numa rede armada nos esteios do copiar, cortando palha de milho para cigarros, lendo o Carlos Magno, sonhando com a vitória do partido que padre Inácio chefiava. (*Angústia*, 1987, p. 11) [grifo nosso].

Ainda que “reduzido” a Camilo Pereira da Silva, a personagem não perde a vontade de ser grande. Essa característica subjetiva é iconicamente representada pelo tempo que, preguiçosamente, dedicava lendo Carlos Magno “sonhando com a vitória do partido que padre Inácio chefiava”. (*Angústia*, 1987, p. 11). Percebe-se, também nesse trecho, que a mudança do “estado de coisas” dependia de uma mudança política. Uma política que voltasse a valorizar as pequenas elites, representadas pelos pequenos produtores.

De origem etrusca, o nome Camilo remete a “liberto que serve os sacerdotes nos sacrifícios”, usado também “com o sentido religioso de ‘sacerdote’ por algumas famílias romanas”. Camilo Pereira da Silva parece funcionar como sacerdote que oferece seu filho ao sacrifício. Sua existência marca profundamente a identidade de seu herdeiro, a quem tratava

¹¹ **Jano** (L. *Ianus*). Jano era representado com duas faces (*bifrons*), uma voltada para a frente e a outra para trás, sugerindo vigilância constante ou simbolizando sua sabedoria, como conhecedor do passado e adivinho do futuro (KURY, 2009).

com indiferença e brutalidade. Luís da Silva relembra a cena em que, numa espécie de batismo, seu pai o mergulhava no Poço da Pedra.

Quando eu ainda não sabia nadar, meu pai me levava para ali, segurava-me um braço e atirava-me num lugar fundo. Puxava-me para cima e deixava-me respirar um instante. Em seguida repetia a tortura (*Angústia*, 1987, p. 15).

Sem os privilégios que o nome de família poderia conceder, Graciliano Ramos apresenta o protagonista Luís Pereira da Silva, o herdeiro, reduzido a *Luís da Silva*. Amargava a falência da propriedade e do nome de família, culminando na falência da própria identidade. Em um dos momentos de autocomiseração, afirma que “está claro que todo o desarranjo é interior. Por fora devo ser um cidadão como os outros, um diminuto cidadão que vai para o trabalho maçador, um Luís da Silva qualquer” (*Angústia*, 1987, p. 23). Interessante observar o reconhecimento da personagem em relação à sua subjetividade “o desarranjo é interior”, ou seja, era ele que não conseguia lidar com as situações cotidianas.

Segundo o Regina Obata, o substantivo Luís remete à forma primitiva do nome, que tem origem no

germânico *Hluot-wig*, ‘combate, invicto, glorioso’ ou ‘ilustre na guerra, guerreiro famoso’. Evoluiu rapidamente para *Clodovicus* e depois *Ludovicus*, para, finalmente, adquirir a forma moderna. Concorrem também para a formação do nome *All-wisa*, ‘sábio eminente’, que origina Aloísio (...) (OBATA, 1986, p. 131)

Em contraposição ao nome que configura um índice de luta e vitória sobre as dificuldades, além de sabedoria e fama, a trajetória desenhada para a personagem remete aos mergulhos a que era imposto no Poço da Pedra e ao anonimato social. A construção de sua identidade oscila entre o sentimento de inferioridade que o persegue e a ambição de fama e sucesso que alimenta. Os movimentos de imersão e emersão, que lhes eram impostos pelo pai, são iconicamente representados pelos mergulhos de volta às lembranças que o atormentavam, sempre na tentativa de fugir ao tormento do presente ao qual era obrigado a retornar.

A partir desse cenário, Luís da Silva desenvolve uma personalidade doentia. Algumas pistas são deixadas pelo autor ao longo da narrativa. Fatos que, a princípio, parecem denotar sentimento de inferioridade, configuram-se índice da reação irascível que o invade quando “emerge do poço”.

Dois ícones contribuem nessa caracterização, ambos com dupla iconicidade, uma vez que representam, simultaneamente, objetos diversos dentro do contexto da narrativa. O primeiro remete à sua posição na sociedade, “Uma criaturinha insignificante, um *percevejo*

social, acanhado, encolhido para não ser empurrado pelos que entram e pelos que saem” (*Angústia*, 1987, p. 26) [grifo nosso].

De modo geral, o verbete em destaque remete a um inseto de “cheiro repugnante que infesta habitações humanas onde faltam higiene e limpeza”. O potencial sógnico de *percevejo*, no contexto de realização, por si só direciona a compreensão do leitor para o sentimento de inferioridade que assola a personagem; repugnante aos próprios olhos. Contudo uma informação adicional contribui para o entendimento da associação desse inseto à identidade do protagonista do romance. O percevejo, um ectoparasita humano¹², tem no homem seu hospedeiro natural, ou seja, alimenta-se do sangue humano. Escondido nas frestas de paredes, nos móveis ou colchões, atingem seus hospedeiros, normalmente, durante a noite. Essa informação comporta um índice de falsidade, de traição, que coincide com a ação traiçoeira de Luís da Silva, principalmente, quando assassina seu rival Julião Tavares.

Quadro 11 – Função semiótica da expressão *percevejo social*

Fragmento	Unidades lexicais	Informação subjacente	Função semiótica
“Uma criaturinha insignificante, um percevejo social, acanhado, encolhido para não ser empurrado pelos que entram e pelos que saem” (<i>Angústia</i> , 1987, p. 26)	Percevejo social	Representa a não aceitação pela sociedade ou pelos seus pares.	Índice de inferioridade
		Alimenta-se do sangue humano, vive escondido nas frestas de paredes, nos móveis ou colchões, atingem seus hospedeiros, normalmente, durante a noite	Índice de falsidade

Fonte: A autora

Outro ícone, usado pelo próprio narrador, também oferece dupla significação no enredo analisado. A própria personagem, em referência à sua vida e trabalho, analisa:

Esta vida monótona, agarrada à banca das nove horas ao meio-dia e das duas às cinco, é estúpida. *Vida de sururu*. Estúpida. Quando a repartição se fecha, arrasto-me até o relógio oficial, meto-me no primeiro bonde de Ponta-da-Terra (*Angústia*, 1987, p. 9) [grifo nosso].

O texto remete ao substantivo que identifica um molusco típico do Nordeste brasileiro. Sua iconicidade pode ser resgatada da origem Tupi – *çururu* – cujo significado remete a

¹² <http://www.ufrgs.br/para-site/siteantigo/Imagensatlas/Athropoda/Cimex.htm>

“atolado, que vive na lama”¹³; mais uma vez, corroborando a ideia de inferioridade social. Contudo, encontra-se respaldo na narrativa para o surgimento de dois índices a partir de três, das cinco acepções apresentadas no dicionário Michaelis. Destacam-se aqui as últimas acepções no respectivo verbete. A de número três remete a “briga ou conflito sem graves consequências”, fato que era sempre iminente no comportamento instável de Luís da Silva ou, pelo menos, em suas conjecturas. A quarta acepção, diretamente ligada ao uso regional alagoano, refere-se às “partes sexuais da mulher” – também aqui, percebe-se estreita ligação com a narrativa, uma vez que nos períodos de instabilidade emocional, esse era um pensamento recorrente à personagem. A quinta refere-se à “moléstia venérea”, o que remete ao contexto da sexualidade reprimida demonstrada por Luís da Silva e do julgamento que fazia acerca das mulheres de modo geral. Essas duas últimas funcionam como índice na narrativa do romance.

Quadro 12 – Função semiótica do substantivo *sururu*

Fragmento	Unidade lexical	Informação subjacente	Função semiótica
Esta vida monótona, agarrada à banca das nove horas ao meio-dia e das duas às cinco, é estúpida. Vida de <i>sururu</i> . Estúpida.	<i>sururu</i>	“atolado, que vive na lama”	Ícone de inferioridade
		“briga ou conflito sem graves consequências”	Índice de confusão
		“partes sexuais da mulher”	Índice de sexualidade

Fonte: A autora

Neste ponto das análises, vale relembrar o suporte dado pela trama textual à compreensão do texto literário, tanto para o leitor comum, quanto para o leitor experiente. São as pistas deixadas na malha textual que permitem a reconstrução do sentido do texto por parte do “leitor modelo-crítico” (ECO, 2000, p. 11-12). Esse leitor consegue compreender a mensagem que subjaz às escolhas dos signos e em que medida os índices apontam para a realidade externa ao texto. Por outro lado, Eco define também o “leitor modelo-ingênuo” cuja competência leitora alcança apenas os ícones que aparecem na superfície do texto, em função de sua semelhança com a realidade.

Para o leitor comum, será possível perceber o perfil doentio da personagem, denotando sentimento de inferioridade. Já o leitor semiótico terá condições de perceber, num primeiro

¹³ Dicionário de Expressões Populares Brasileiras.

momento, que esse sentimento não impedirá Luís da Silva de vingar-se daqueles que, em sua mente doentia, o perseguem. Num segundo momento, poderá remeter a instabilidade emocional da personagem à realidade sócio-histórica, indicialmente representada na narrativa do romance com a perda da estabilidade financeira e do poder político dos produtores do sertão nordestino. Ao longo desta tese, são apresentados outros dados que complementam a análise aqui apresentada.

O perfil do assassino Luís da Silva vai sendo construído ao longo da narrativa. O substantivo *corda*, instrumento usado para enforcar Julião Tavares, aparece em vários momentos do texto, sendo computado um total de 66 ocorrências. Como ícone, apresentado pela linguagem denotativa ou como índice, em linguagem conotativa, apontando para o assassinato, o substantivo é frequente na narrativa, como no trecho “O cano estirava-se como uma corda grossa bem esticada, uma corda muito comprida” (*Angústia*, 1987, p. 97).

Outra referência funciona como índice do assassinato, a constante lembrança que Luís da Silva tem da personagem Cirilo de Engrácia, um cangaceiro enforcado por causa de seus crimes. Segundo Fernando Cristóvão, essas recordações “são dominadas pelo presságio da morte de Julião Tavares, e adensam a atmosfera para o momento do crime” (CRISTÓVÃO, 1986, p. 66). Uma menção que, a princípio parece despreziosa, “obedece a um esquema mental de tipo anafórico, pois é seguida de nova evocação, desta vez reveladora da sua função de presságio: ‘Cirilo de Engrácia morto de pé, amarrado a uma árvore, (...)’”. Segundo Cristóvão, a lembrança da morte de Cirilo incita Luís da Silva a matar seu oponente (CRISTÓVÃO, 1986, p. 66).

5.2.3 Fabiano – apenas mais um retirante

O perfil do retirante é construído a partir de um olhar externo, do narrador-observador. Sua principal característica é não ter voz própria. A narrativa em terceira pessoa, construída, basicamente, em discurso indireto e indireto-livre, não oferece a Fabiano a oportunidade de expressão. Nas poucas cenas em que lhe é oferecido o poder da fala, sua inabilidade linguística lhe impõe o silêncio.

Fabiano é desarraigado da própria terra, tangido pela seca, representa uma personagem sem origem conhecida cuja árvore genealógica é omitida – uma única vez, relembra sua infância com seu pai –, o sertanejo não é um fidalgo, mas um filho da terra. É dessa configuração que

vem sua identidade, da terra. Em dissertação do Mestrado, já fora apresentado o processo de significação do substantivo *Fabiano*: um nome que remete à natureza, à fartura, índice de um homem “dotado de sorte e prosperidade”. Segundo Felipe

A definição desse substantivo não encontra representatividade na caracterização da personagem de Graciliano Ramos, o que aponta para uma contradição na escolha do nome do sertanejo. Em outras palavras, a vida de Fabiano só pode ser associada a uma metáfora com a palavra “fava”: o pouco ou quase nada que possuía eram “favas contadas”: a mulher, os filhos e Baleia. (FELIPE, 2017, p. 30).

Sem direito a sobrenome, carrega apenas o prenome *Fabiano*. Substantivo, ícone de dupla significação, que contrasta à realidade apresentada na narrativa. Sua identidade construída no tecido textual apresenta um homem limitado pela força da natureza, representada pela seca, pela linguagem reduzida e pelas relações de poder narradas no romance.

O simbolismo da personagem rendeu-lhe um verbete especial em uma entrada em um dicionário geral; com referência ao uso regional alagoano, o Novo Aurélio Século XXI registra Fabiano como “1. Indivíduo inofensivo; pobre-diabo. 2. Indivíduo qualquer, desconhecido, sem importância. V. João ninguém” (FELIPE, 2017, p. 30).

O vaqueiro personifica um sem-número de sertanejos que migram para outras regiões em busca de meios de sobrevivência. Como a própria personagem assevera no fim do romance ao afirmar que “Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá” (*Vidas Secas*, 1970, p. 172). A narrativa aponta para inúmeros retirantes que, num processo migratório, enfrentam situações que os levam a questionamentos quanto à sua identidade.

Os diversos paradigmas, a partir dos quais as identidades podem ser construídas ou fragmentadas, são frequentes no meio sociocultural. Woodward afirma que

(...) As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções frequentemente na forma de oposições. (...) A marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação” (WOODWARD, 2017, p. 42).

Além dos fatores políticos, “Outros conflitos surgem das tensões entre as expectativas e as normas sociais” (WOODWARD, 2017, p. 33). Para Fabiano, essas expectativas e normas sociais eram bem claras. O seu lugar na sociedade estava marcado por um determinismo. Nascera para obedecer. Quando lidava com outras pessoas, tentava adequar-se ao meio como, por exemplo, às normas do “bem falar”. Em função disso, atrapalhava-se ao tentar imitar a fala

polida de seu Tomás da bolandeira, personagem que representa a pessoa letrada, que goza de valorização no seio da sociedade em função do conhecimento demonstrado.

O sistema de classificação citado por Woodward remete ao momento, quando o soldado amarelo fala “aqui tem gente” (*Vidas Secas*, 1970, p. 63), estabelecendo uma distinção entre ele e Fabiano, assim como em relação aos demais indivíduos presentes no momento, deixa clara a posição a partir da qual está falando. Seu posto de soldado, supostamente superior aos outros, demarca essa diferença, destituindo os outros de sua própria humanidade.

O desencadeamento da crise de identidade de Fabiano dá-se a partir de dois fatos fundamentais. Primeiramente, de sua condição de itinerante, forasteiro em seu próprio país, em função das condições impostas pela seca estava sempre sujeito a um não-lugar. O sertanejo não experimentava o sentimento de pertencimento, tão necessário à estabilização da identidade. Woodward constata que

Ao analisar como as identidades são construídas, sugeri que elas são formadas relativamente a outras identidades, relativamente ao ‘forasteiro’ ou ao ‘outro’, isto é, relativamente ao que não é. Essa construção aparece, mais comumente, sob a forma de oposições binárias (...). Essa concepção de diferença é fundamental para se compreender o processo de construção cultural das identidades, (...). A diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como ‘outros’ ou forasteiros (WOODWARD, 2017, p. 50).

Fabiano estava sempre chegando ou saindo de um novo lugar. Quando acontecia de, metaforicamente, “criar raízes”, logo chegava a seca e o tangia para longe. Em certo ponto da narrativa, satisfeito com a chegada das chuvas, o narrador relata que o vaqueiro “Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado” (*Vidas Secas*, 1970, p. 54). Essa condição era temporária, enquanto as aves de arrição não chegavam e a seca não os expulsava dali. A ideia de estar plantado denota uma adaptação ao lugar. Contudo, Fabiano estava sempre sujeito à transitoriedade no espaço, à desterritorialização, fatos inerentes à sua condição de migrante e determinantes no desenvolvimento da crise da identidade.

A segunda causa decorre da combinação: ser “um bicho” e ser gente, espaço estreito no qual o vaqueiro figurava, visto que não se enxergava completamente homem, nem totalmente bicho. Para Fabiano, parecer-se com um animal era motivo de orgulho; “Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades” (*Vidas Secas*, 1970, p. 54). Contudo, em vários momentos da narrativa, Fabiano tenta convencer-se de sua humanidade. Não se vê exatamente como um bicho, mas também não se vê como ser humano por não ser como seus iguais e não ser tratado como tal.

Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem.
 - Um homem, Fabiano.
 Coçou o queixo cabeludo, parou, reacendeu o cigarro. Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma res na fazenda alheia (*Vidas Secas*, 1970, p. 60).

Retomando Woodward, o processo binário instala uma contradição na mente da personagem: *ser bicho X ser homem*. A identidade é construída a partir não apenas das semelhanças, mas também das diferenças. É nesse processo que Fabiano experimenta um não pertencimento, pois não se identifica completamente com nenhuma das duas possibilidades que a vida lhe apresenta: bicho ou homem.

O determinismo da obra é representado a partir da postura assumida pelo protagonista de *Vidas Secas*. Fabiano acreditava que aquele era seu destino e de outros sertanejos. Sua obediência às autoridades calcava-se na sua predestinação a ser um “cabra” mandado. Quando Fabiano fala “Você é um bicho, Fabiano” (*Vidas Secas*, 1970, p. 53), a visão de mundo impregnada nessa fala é aquela imposta pela sociedade da qual era apenas um coadjuvante.

No romance, o substantivo *bicho* é citado 18 vezes (FELIPE, 2017, p. 41). Desse total, dez estão relacionadas a Fabiano e sua família.

Das 10 ocorrências em que a palavra bicho é direcionada à caracterização das personagens, em apenas duas [...] o vocábulo não apresenta carga negativa. Nas demais, o tom é pejorativo. Fabiano era um bicho: “não tinha onde cair morto”, “vivía longe dos homens”, “entocado” (FELIPE, 2017, p. 41).

A insistência na repetição de uma palavra com tom depreciativo traz lume às intenções do narrador. Segundo Bakhtin, por mais que as palavras ou as frases repetidas sejam idênticas, como enunciado, elas jamais serão iguais. Afirma ainda que

enquanto enunciado (ou fragmento de enunciado), nenhuma oração, ainda que constituída de uma única palavra, jamais pode ser repetida, reiterada, duplicada: sempre teremos um novo enunciado (mesmo que em forma de citação) (BAKHTIN, 1997, p. 313).

O que está implícito na repetição é parte da estratégia de caracterização zoomorfizada do homem sertanejo, distanciando-o de sua essência humana. O processo de despersonalização atinge diretamente a identidade da personagem quando esta assume para si o que lhe é imposto repetidamente. Veja-se a fala de um estudioso da obra de Graciliano Ramos, em relação à cena em que o protagonista é castigado injustamente pelo fazendeiro que o empregava. Cristóvão assevera que

Fabiano verifica que o proprietário o repreende injustamente, pois todo o serviço decorria segundo as normas estabelecidas, mas comenta a anomalia *invocando uma espécie de lei social*: é da natureza deste tipo de relações humanas o domínio do mais

forte traduzir-se pelo desrespeito do mais fraco (CRISTÓVÃO, 1986, p. 203) [grifo nosso].

O processo de coisificação ao qual a personagem é submetida sugere um comportamento social repressivo personificado, no romance, por personagens que representavam autoridade sobre Fabiano: o patrão, o fiscal da prefeitura e o soldado amarelo. A configuração dessa relação de poder está analisada no capítulo 7 desta tese, em que é abordada a crise da identidade do retirante.

Segundo Felipe (2017) o processo de desumanização de Fabiano é concomitante ao processo de humanização de Baleia, a cadela de estimação da família de retirantes. Em análise detalhada, a autora demonstra como homem e animal são equiparados em suas ações e, até mesmo, em seus pensamentos. O raciocínio de Baleia, impossível a um animal racional, torna-se possível com o recurso do discurso indireto-livre desenvolvido pelo autor. O animal pensa, julga e raciocina tanto quanto seu dono.

A essência humana, representada pelo poder de raciocínio e de comunicação, é negada à família de retirantes. A realidade apresentada por Graciliano Ramos não se limita à paisagem nordestina, vai além do visível. Bakhtin analisa o processo de coisificação com a seguinte afirmação:

O realismo coisifica frequentemente o homem, mas isso não é uma aproximação com este. (...) O enfoque 'indutivo', que aparentemente é próprio do realismo, é, no fundo, uma explicação causal coisificante no homem. Aí, as vozes (no sentido de estilos sociais coisificados) se transformam simplesmente em indícios das coisas (ou sintomas de processos), a elas já não se pode responder, com elas já não se pode discutir, extinguem-se as relações dialógicas com tais vozes. (BAKHTIN, 1997, p. 317-318)

São muitas as vozes que, sem diálogo, ecoam na narrativa de *Vidas Secas* e reverberam, de geração em geração, determinando a saga dos sertanejos. As relações entre o mundo macro, da sociedade e dos governos, com o mundo micro do indivíduo provocam embates que, invariavelmente, desencadeiam uma crise na identidade do cidadão. A cisão entre esses dois mundos, concretizada no romance pela impossibilidade de diálogo entre o vaqueiro e a sociedade como um todo, é indicialmente representada pela ausência de desenvoltura linguística do protagonista, reforçado pelo processo de coisificação, citado por Bakhtin.

As obras de Graciliano Ramos aqui investigadas destacam-se na abordagem do ser humano em sua essência. Logo, a despeito da localização de qualquer obra literária em um tempo e um espaço determinados ou de sua classificação em um estilo literário, o potencial sógnico de sua composição ultrapassa qualquer enquadramento ou limite cronológico.

A relação não dialógica apresentada nos textos-cópus desta tese ultrapassa a fronteira do romance e alcança o ser humano naquilo que o identifica. Calcada nessa possibilidade de abordagem, buscou-se compreender o processo de cisão, ou de desencadeamento, da crise da identidade dos protagonistas conforme referido no início deste capítulo. Os resultados dessa investigação são apresentados no capítulo seguinte.

6 A ALTERIDADE E A CRISE DA IDENTIDADE

Quando a realidade me entra pelos olhos, o meu pequeno mundo desaba.

Luís da Silva – Angústia

A fala de Luís da Silva, destacada na epígrafe de abertura deste capítulo, é bastante representativa para aqueles cuja realidade é a causa de seus sofrimentos. No entanto, esse é apenas um dos fatores que contribuem para o desenvolvimento da identidade humana, assim como para a sua crise. Destarte, para falar da crise na identidade das personagens, traz-se a contribuição da Psicanálise a este capítulo. Em *O mal-estar na civilização*, o Pai da Psicanálise afirma que

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de *nosso próprio corpo*, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do *mundo externo*, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de *ossos relacionamentos* com os outros homens. (FREUD, 1997, p. 25) [grifo nosso].

As três direções apresentadas por Freud encontram terreno fértil na análise das personagens eleitas para este estudo. Retomando alguns conceitos trabalhados no capítulo 4, a abordagem deste capítulo consiste na apresentação dos fatores desencadeadores da crise na identidade experimentada pelos protagonistas *Paulo Honório, Luís da Silva e Fabiano*.

A modificação de paradigmas, a partir dos quais a vida é conduzida ou as ações são orientadas, é uma das causas da crise de identidade citada por Woodward (WOODWARD, 2014, p. 20). Quando a dúvida e a incerteza pairam sobre “algo que se supõe fixo, coerente e estável” (WOODWARD, 2014, p. 20), inicia-se o processo de desconstrução. A instalação da dúvida e da incerteza é uma das causas da instabilidade vivenciada pelas personagens de *São Bernardo, Angústia e Vidas Secas*.

O primeiro, a partir do contraste do sentimento de individualidade com a alteridade; o segundo, calcado nas contradições intrínsecas à aceitação da própria identidade, a despeito da alteridade que o confronta; o terceiro, a partir do sentimento de estar no mundo, de sentir-se parte de algo maior, segundo sua cosmovisão.

6.1 Paulo Honório e Madalena

O romance *São Bernardo*, publicado no ano de 1934, conta a história de Paulo Honório; um homem rude cuja infância sofrida imprimiu-lhe características necessárias à sobrevivência. Com sérias dificuldades para estabelecer relações interpessoais de modo saudável, o protagonista trata a todos de forma grosseira e usa meios escusos para alcançar seus objetivos. Sua linguagem, representada significativamente por expressões lexicalizadas, é apenas um dos instrumentos que utiliza para se impor e vencer suas batalhas com as pessoas e com a vida. Machista, ganancioso e supersticioso são alguns dos adjetivos que caracterizam o protagonista, a partir dos ícones e índices rastreados, conforme análise do capítulo 6.

A crise da identidade de Paulo Honório inicia quando do convívio com sua esposa Madalena. A princípio, o protagonista não tinha interesse em casamento. A visão que alimentava acerca das mulheres não era boa. Acerca do matrimônio, afirma que

Foi uma ideia que me veio sem que nenhum rabo de saia a provocasse. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar” (*São Bernardo*, 1972, p. 115).

Paulo Honório não estabelece nenhuma relação que não lhe seja vantajosa. Mais adiante na narrativa, acrescenta seu “desejo de preparar um herdeiro para as terras de S. Bernardo” (*São Bernardo*, 1972, p. 115). Com esse objetivo, Paulo Honório procura uma mulher que lhe seja útil na conquista de seus propósitos. Ao conhecer Madalena, acredita estar diante da mulher perfeita para seus intentos de iniciar uma família.

Sua identidade, solidificada a partir das normas patriarcais, demonstra uma personalidade embrutecida e machista. Não vê em Madalena uma ameaça, uma pessoa “miudinha, fraquinha” (*São Bernardo*, 1972, p. 124) não seria uma ameaça ao protagonista. Contudo, a identidade de Paulo Honório entra em colapso ao confrontar-se com uma mulher forte, determinada com opiniões firmes e contrárias às suas.

Nutrido pelo sentimento de propriedade, a partir do qual tornara-se dono da fazenda *São Bernardo*, o protagonista relaciona-se com tudo e com todos calcado nessa ótica. Ao referir-se à velha Margarida, o fazendeiro faz questão de dizer o que oferece e o custo desse benefício: “A velha Margarida mora aqui em S. Bernardo, numa casinha limpa, e ninguém a incomoda. Custa-me dez mil-réis por semana, quantia suficiente para compensar o bocado que me deu” (*São Bernardo*, 1972, p. 68). Esse sentimento de propriedade se estendia em relação a todas as

peessoas. Paulo Honório pensava e agia como se fosse dono também delas. Referindo-se a seus empregados, diz

As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os currais que se escoram uns aos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus (*São Bernardo*, 1972, p. 242).

Em todas as interações de Paulo Honório, seus atos e palavras convergiam para uma postura agressiva em relação aos seus interlocutores, ações que redundavam em ameaças ou em desvalorização de seu opositor, conforme capítulo 6 desta tese. Dentro desse contexto, a convivência com a esposa é fato determinante para a crise pela qual passa o protagonista de *São Bernardo*.

É no universo de autoritarismo e intolerância que circula, após o casamento, a causa principal da crise de identidade de Paulo Honório: a generosidade de Madalena em oposição à avareza do protagonista. Destaca-se a observação de Rui Mourão em relação ao desespero da personagem.

Havendo se esmerado em conseguir um casamento como ato unilateral de vontade e conveniência de sua parte, não sabia mais se se apropriara da mulher ou fora por ela apropriado. Aqui, é preciso insistir em que o desespero de Paulo Honório diante de Madalena até o fim aparecerá como decorrência da sua oposição ao princípio abstrato da generosidade e não como simples reação de avarento em face dos gestos históricos de desprendimento daquela (MOURÃO, 1971, p. 77).

O confronto com o que é diferente faz parte da construção da identidade. O processo de identificação com o seu *igual* ocorre na mesma proporção com o distanciamento do *outro*, a partir das diferenças. Contudo, nem sempre esse processo ocorre pacificamente. Segundo Woodward, a identificação da diferença pode acarretar o processo negativo por “meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como ‘outros’ ou forasteiros” (WOODWARD, 2017, p. 50).

Esse processo de marginalização do que lhe era diferente subjaz a todas as etapas do perfil construído para o protagonista de *São Bernardo*. Contudo, Madalena foi a maior resistência por ele enfrentada. Instalada a crise em sua identidade, Paulo Honório sente que perde o controle de tudo. Sua reação é a agressividade em relação à causadora de tudo. Sem saber a causa exata de seu incômodo relata o dia em que começou a sentir ciúmes da esposa. Compara sua fisionomia bruta às características de Nogueira e conclui: “Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena – e comecei a sentir ciúmes” (*São Bernardo*, 1972, p. 189).

O que segue na narrativa são cenas de ciúme e agressões verbais, até Paulo Honório ouvir uma frase que passa a incomodá-lo. Tentando defender-se das acusações do marido enciumado, Padilha¹⁴ diz a Paulo Honório: “O senhor conhece a mulher que possui” (*São Bernardo*, 1972, p. 205). Essa frase não sai da mente do protagonista, até concluir que, na verdade, não conhecia Madalena.

A análise do conteúdo linguístico neste tópico é concentrada nas expressões lexicalizadas, pronunciadas pelo protagonista, no processo de interação com a figura feminina. Para tanto, há que se resgatar o contexto em que foram pronunciadas, visto o entendimento da língua como produto cultural, instrumento de comunicação, de conhecimento e de representação de mundo. Traz-se a contribuição de Antunes (2009) quando afirma que

Restringir-se, pois, à análise dos fatos da língua, como se ela estivesse *fora das situações de interação*, é obscurecer seu sentido mais amplo de *condição mediadora das atuações sociais* que as pessoas realizam quando falam, escutam, leem ou escrevem (ANTUNES, 2007, p. 95) [grifos da autora].

Como já relatado no capítulo 6 desta tese, na análise do romance *São Bernardo*, foram identificadas 86 expressões lexicalizadas, das quais 76 pronunciadas por seu narrador e protagonista, conforme quadro 5. Entretanto, para as análises deste tópico, serão retomadas apenas aquelas com as quais o protagonista se refere à figura feminina.

Quadro 13 – Expressões de desvalorização da figura feminina

1	“rabo de saia” (p. 115)	Mulher (DI).
2	“estar parida” (p. 168)	Parir = dar a luz, produzir, causar. No texto tem sentido de estar sofrendo por alguém (IC).
3	“tinha-me encangado a Madalena” (p. 200)	Usado no texto com sentido de <i>estar preso</i> . Colocar canga = prender, subjugar (IC).
4	“cavalo amarrado também come” (p. 209)	No contexto faz referência ao homem que, mesmo preso a determinada condição (idade, casamento, religião ou pobreza), pode interessar-se por outra mulher (IC).
5	“mulher não vai com carrapato porque não sabe qual é o macho” (p. 209)	No contexto, faz referência à vulgarização da figura feminina, desvalorizando-a (IC).

Fonte: A autora

¹⁴ Personifica o homem fracassado, herdeiro da fazenda *São Bernardo*, comprada por Paulo Honório.

Os contextos de uso dessas expressões, são destacados a seguir. No fragmento 1, Paulo Honório começa a pensar na possibilidade de casar-se e fala consigo “Foi uma ideia que me veio sem que nenhum rabo de saia a provocasse” (*São Bernardo*, 1972, p. 115). O casamento não passava de uma convenção social, até mesmo para conquistar certo “respeito” na sociedade, fato que explica o tratamento sem importância à figura da mulher, citada apenas como “rabo de saia”. No segundo fragmento, a cena remete ao momento em que Madalena intervém em favor de Marciano, um empregado da fazenda, com o objetivo de defendê-lo de um castigo imposto por Paulo Honório. A atitude da esposa não encontra o respaldo do marido que, enciumado, questiona: “Que diabo tem você com o Marciano para estar tão parida por ele?” (*São Bernardo*, 1972 p. 168).

O contexto do terceiro fragmento apresenta o arrependimento do protagonista pelo fato de ter-se casado com Madalena. Depois de a esposa acusá-lo de assassinato, Paulo Honório lamenta “tinha-me encangado a Madalena. Canga infeliz! Não era melhor que eu tivesse quebrado uma perna?”. Como em outras cenas da narrativa, o protagonista demonstra sua inabilidade em resolver problemas. Não mantém boas relações com ninguém que não lhe seja submisso. O sofrimento físico lhe era menos penoso que sentir-se “encangado”, preso a alguém.

No fragmento 4, como narrador, Paulo Honório faz conjecturas sobre a possibilidade de uma traição de Madalena com o Padre Silvestre, afirmando que, mesmo o sacerdote estando preso à sua condição religiosa, continuava sendo homem. Ressalta-se que esse fragmento não é direcionado à esposa. Contudo, ela faz parte do contexto devido ao ciúme que ela desperta no marido. Esse trecho denota a falta de confiança de Paulo Honório, pelo fato de duvidar de Madalena até mesmo em relação ao clérigo.

O último fragmento apresenta as conjecturas de Paulo Honório quanto à fidelidade de Madalena. Entre acreditar no que seus olhos viam e confiar na esposa, o fazendeiro verbaliza o preconceito instaurado em sua mente, a desconfiança que tira sua paz, em relação a todas as mulheres: “Mulher não vai com carrapato porque não sabe qual é o macho” (*São Bernardo*, 1972, p. 209). A ausência do artigo definido generaliza, estende a todas as mulheres, o conceito que alimenta em relação à Madalena.

A referência ao contexto sócio-histórico representado no romance *São Bernardo* remonta a um período patriarcal, de não valorização da mulher. Em função disso, no nível de análise linguístico-cultural (cf. Quadro 3), o fato textual, representado na narrativa pelas expressões lexicalizadas, imprime ao texto as características inerentes ao narrador/personagem cuja fala, impregnada da cultura patriarcal, denota um tom de autoritarismo e preconceito com a figura feminina, inferiorizada, tratada como objeto (cf. Quadro 9).

A identidade desenvolvida para o protagonista, refletida em sua linguagem, é apresentada na obra como consequência do meio social. Em cenas, nas quais apresenta lampejos do reconhecimento de sua culpa nas desavenças com Madalena, Paulo Honório afirma que a culpa seria “desta vida agreste, que me deu uma alma agreste” (*São Bernardo*, 1972, p. 159).

A isotopia “desvalorização da figura feminina”, deflagrada pelo perfil linguístico traçado para a personagem, encontra perfeita sincronia com preconceitos inerentes aos dias atuais. Apesar da atual configuração do papel feminino na sociedade, uma falsa aceitação desse novo perfil permeia toda a sociedade. O fato de ainda se observarem, hodiernamente, atitudes preconceituosas nesse âmbito, atesta a atemporalidade do texto literário, conforme proposto por Simões (2004, p. 104), como fenômeno observável no tecido textual (cf. Quadro 3).

Essa configuração da narrativa condiz com a fala de Xatara e Succi em relação aos estudos das expressões lexicalizadas. Citando Drucrot, as autoras afirmam que

Muitas vezes, porém, estudar a ideologia de um provérbio é também saber ler o que está “por trás”, no “não-dito” (Ducrot, 1987), porque a intenção não vem expressa literalmente. O machismo, porém, não é peculiar somente a uma determinada cultura. A mentalidade machista pode ser constatada abundantemente em provérbios brasileiros: “Mulher, cachaça e bolacha, em toda parte se acha”; “A mulher e a mula, o pau as cura”(…) (XATARA E SUCCI, 2008, p. 40)

Em toda a narrativa, o leitor é incitado a perceber o “não-dito” do romance. Ao final do texto, percebe-se uma personagem modificada após a perda da esposa e da franca decadência de seu patrimônio. Conforme atesta Mourão, “[...] O universo de seus valores havia realmente vindo abaixo. Sente-se em meio a inexistências, anda pisando em falso no seu delírio” (MOURÃO, 1971, p. 82). A crise na identidade de Paulo Honório, a partir do contraste com a alteridade, mostra ao leitor o que é defendido pelos estudiosos acerca da mutabilidade da identidade.

Paulo Honório entra num processo de reconstrução da identidade. Reconhece seus erros “Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo” (*São Bernardo*, 1972, p. 247). Vale destacar a fala de Rui Mourão acerca dessa mudança.

Paulo Honório não se dá conta de que neste mesmo instante está recomeçando tudo de novo e já se encontra profundamente modificado. Nascera outra vez, agora edificando a sua vida exclusivamente sobre valores morais e espirituais. Começa a existir humanamente e sente, em toda a extensão, o dramático que se encerra nesse fato simples – existir humanamente – com plena consciência das suas limitações e das suas grandezas (MOURÃO, 1971, p. 83).

O processo que representa a crise da identidade é desencadeado por um acontecimento desestabilizador da identidade inicial. No caso de Paulo Honório, o marco desses dois momentos do protagonista está configurado na personagem de Madalena.

6.2 A subjetividade de Luís da Silva

A identidade de Luís da Silva fora desenvolvida em torno de dois paradigmas: o tratamento violento recebido do pai e a valorização do *status* social. O tratamento recebido na infância é sempre deflagrado nas memórias que atormentam o protagonista de *Angústia*. A lembrança dos mergulhos que o pai lhe impunha no Poço da Pedra e o tratamento desumano a que fora submetido contribuíram para o desenvolvimento de um sentimento de não pertencimento. Quando fala da morte do pai, não se sente parte do contexto que o cerca, “Sentia ira e pena de mim mesmo. A casa era dos outros, o defunto era dos outros” (*Angústia*, 1987, p. 17).

Na ausência do amor paterno, o texto faz apenas uma referência à figura da mãe em um de seus momentos de delírio

O som de uma vitrola coava-se nos meus ouvidos, acariciava-me, e eu diminuía, embalado nos lençóis, que se transformavam numa rede. Minha mãe me embalava cantando aquela cantiga sem palavras. A cantiga morria e se avivava. Uma criancinha dormindo um sono curto, cheio de estremecimentos. Em alguns minutos a criancinha crescia, ganhava cabelos brancos e rugas. Não era minha mãe a cantar: era uma vitrola distante, tão distante que eu tinha a ilusão de que sobre o disco passeavam pernas de aranha. (*Angústia*, 1987, p. 226-227)

Essa referência, no entanto, não passa de uma ilusão. A infância abandonada desenvolve o perfil depressivo da personagem. A realidade da narrativa, associada à perda do *status* de pequena burguesia, representa iconicamente a realidade histórica de inúmeras famílias, decorrente da crise que atingira os pequenos e médios produtores rurais na década de 1930. A soma desses fatores exerceu grande influência na vida de Luís da Silva. Refletindo na perda do nome de família, reduzido a um Silva qualquer, o protagonista luta para reconquistar a dignidade social perdida. Dedicar-se à escrita de artigos e considera-se um bom usuário da língua culta. Seu trabalho é sua fonte de prazer. Na busca pelo prazer a partir da satisfação profissional, Luís da Silva delira

Visto-me à pressa e corro para a repartição. Enquanto estou fumando, nu, as pernas estiradas, dão-se grandes revoluções na minha vida. Faço um livro, livro notável, um romance. Os jornais gritam, uns me atacam, outros me defendem. O diretor olha-me com raiva, mas sei perfeitamente que aquilo é ciúme e não me incomoda. Vou crescer muito. Quando o homem me repreender por causa da informação errada, compreenderei que se zanga porque o meu livro é comentado nas cidades grandes. E ouvirei as censuras resignado. Um sujeito me dirá:

- Meus parabéns, seu Silva. O senhor escreveu uma obra excelente. Está aqui a opinião dos críticos.

- Muito obrigado, doutor. (*Angústia*, 1987, p. 137)

A busca pela fama e, conseqüentemente, o reconhecimento da sociedade é o maior objetivo da personagem. Ao falar das técnicas usadas pelas pessoas na busca pela felicidade, Freud afirma, em nota de rodapé, que

Nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à realidade quanto a ênfase concedida ao trabalho, pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana. (FREUD, 1997, p. 29).

O porto seguro de Luís da Silva era o seu trabalho. Era dele que o protagonista tirava seu pouco prazer. Seguia com sua “vida de sururu” à espera de reconhecimento social, até que sua vida é desestabilizada com a chegada de Julião Tavares.

O caminho que a sociedade percorria caminhava em direção à conquista de um diploma e deixava as habilidades práticas em segundo plano. Luís da Silva observa a inutilidade do diploma em comparação à experiência

O outro sujeito inútil que nos apareceu era muito diferente. Gordo, bem vestido, perfumado e falador, tão falador que ficávamos enjoados com as lorotas dele. Não podíamos ser amigos. Em primeiro lugar o homem era bacharel, o que nos distanciava. Pimentel, forte na palavra escrita, anulava-se diante de Julião Tavares. Moisés, apesar de falar cinco línguas, emudecia. Eu, que viajei muito e sei que há doutores quartos, metia também a viola no saco. (*Angústia*, 1987, p. 50)

Estava deflagrada a crise da identidade cultivada a tanto custo pelo funcionário público subserviente. De nada adiantava sua obediência servil em comparação ao modo falastrão de Julião Tavares. O peso desse nome é tão forte na vida do protagonista que o sobrenome Tavares ocorre exatas 115 vezes no romance.

Além de lhe roubar a possibilidade de brilhar no seu fazer linguístico, Julião Tavares rouba-lhe também a futura esposa; Marina, comprometida com Luís da Silva, envolve-se com Julião Tavares. Em sua luta interior, incapaz de externar suas emoções, o protagonista mergulha, em vão, em suas lembranças, à procura de algo que lhe proporcione momentos de prazer. Segundo Mourão,

Realmente, trata-se de uma fuga, e agora temos noção mesmo da força que o impele. Diz: “*não sou um rato, não quero ser um rato*”. Naquele momento sentia-se um rato e partia para o encontro de outros momentos em que não se sentiria um rato” (MOURÃO, 1971, p. 94).

A fragmentação da identidade de Luís da Silva reflete diretamente nas imagens que cria em seu imaginário e no léxico que emerge do texto. São frequentes as imagens criadas a partir de partes de corpos.

Veio-me o pensamento maluco de que tinham dividido Marina. Serrada viva, como se fazia antigamente. Esta ideia absurda e sanguinária deu-me grande satisfação. Nádegas e pernas para um lado, cabeça e tronco para outro. A parte inferior mexia-se como um rabo de lagartixa cortado. (*Angústia*, 1987, p. 62)

Fragmentado pelos ataques internos e externos que sofria, o resultado da crise de identidade de Luís da Silva é a incapacidade de fazer o que lhe dava prazer: escrever.

6.3 As relações de poder na cosmovisão de Fabiano

A identidade de Fabiano é construída a partir de dois paradigmas. O primeiro, calcado no sentimento de pertencimento à terra, sentimento que passava de geração em geração, “Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também” (*Vidas Secas*, 1970, p. 139). O cuidado com a terra e com o gado era tudo o que o vaqueiro sabia fazer. O segundo paradigma diz respeito à autoridade estabelecida. Fabiano entendia a estruturação da sociedade em classes sociais, na qual os que tinham melhor condição financeira, ou maior conhecimento, eram superiores aos desafortunados como ele.

O primeiro paradigma é quebrado pela própria condição de itinerante dos sertanejos. Em tempos de seca, a escassez de recursos e de água impõe a migração como condição necessária à sobrevivência. O processo de desterritorialização é uma das causas da crise de identidade de Fabiano, um homem da terra, que tem seu sentimento de pertencimento destruído por causa da seca.

Quem é do chão não se trepa. Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se (*Vidas Secas*, 1970, p. 135).

Sem condições de viver da terra nem do gado, Fabiano se sujeita a viver de fazenda em fazenda, trabalhando em troca do suficiente para sobreviver à seca. Por outro lado, o respeito ao governo e às autoridades estabelecidas, reconhecidas pelo sertanejo, também estão em colapso, uma vez que tais paradigmas entram em franco processo de contradição.

Isso fica claro no respeito que devotava a seu Tomás da bolandeira por causa de seu conhecimento, na obediência ao fiscal da prefeitura e na submissão aos desmandos do soldado amarelo e do patrão. A desconstrução dessa identidade inicia quando Fabiano percebe as contradições de tudo aquilo em que acreditava. Primeiramente, acreditava na importância de seu Tomás da bolandeira, homem letrado, de quem o vaqueiro tentava copiar umas palavras em “momentos de precisão”. “Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto etc. É conforme” (*Vidas Secas*, 1970, p. 63). As palavras difíceis de seu Tomás da bolandeira de nada lhe adiantam com a chegada da seca.

Pois viera a seca, o pobre do velho, tão bom e tão lido, perdera tudo, andava por aí, mole. Talvez já tivesse dado o couro às varas, que pessoa como ele não podia aguentar verão puxado (*Vidas Secas*, 1970, p. 57).

Por outro lado, ao ver-se pressionado pelo fiscal da prefeitura a pagar imposto por causa da carne de porco que fora vender na cidade, Fabiano tenta protestar, mas, não havendo argumentos para fugir da lei, restava-lhe obedecer.

Nem lhe restava o direito de protestar. Baixava a crista. Se não baixasse, desocuparia a terra, largar-se-ia com a mulher, os filhos pequenos e os cacarecos. Para onde? Hem? Tinha para onde levar a mulher e os meninos? Tinha nada! (*Vidas Secas*, 1970, p. 138-139).

O fiscal da prefeitura e o soldado amarelo representam autoridades oficiais, o governo que, em sua concepção, tem obrigação de proteger as pessoas. No entanto, não é essa a experiência que Fabiano tem no contato com os representantes da lei. A figura do soldado amarelo é um símbolo das contradições de um governo que apregoa uma coisa, mas age de forma oposta.

O próprio nome que identifica o representante da autoridade, *soldado amarelo*, carrega em si uma ambiguidade. Segundo Felipe,

O *soldado amarelo*, também portador de dupla iconicidade, tem os ícones de autoridade, força e coerção [provenientes do significado do substantivo *soldado*] associados aos índices de fraqueza e covardia [provenientes do adjetivo *amarelo*]. Ressalta-se ainda que a função exercida por essa personagem está acima do indivíduo. O *soldado amarelo* não tem nome, é o agente / símbolo de um Governo ambíguo e contraditório (FELIPE, 2017, p. 91) [grifos do autor].

A despeito das limitações impostas a Fabiano, seu poder de raciocínio não é afetado. O sertanejo tem consciência de que o fiscal da prefeitura e o soldado amarelo são apenas peças na engrenagem chamada governo. Em suas conjecturas, Fabiano assevera “Os soldados amarelos são uns desgraçados que precisam morrer. Mata o soldado amarelo e os que mandam nele” (*Vidas Secas*, 1970 p. 157).

O discurso indireto-livre, signo icônico a partir do qual a narrativa é construída, mistura o pensamento do protagonista com o do narrador. Convencido da autoridade inerente ao representante do governo, o sertanejo relativiza a surra que levava “Enfim apanhar do governo não é desfeita, e Fabiano até sentiria orgulho ao recordar-se da aventura” (*Vidas Secas*, 1970, p. 149).

Voltando à citação do início deste capítulo, defende-se a ideia de que os três protagonistas configuram as três direções apontadas por Freud. No âmbito dos relacionamentos, encontra-se Paulo Honório, com grave comprometimento nas relações interpessoais. No trato do “nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução” (FREUD, 1997, p. 25), Luís da Silva é aprisionado pela própria mente. No relacionamento com as forças destrutivas e esmagadoras do mundo externo, a vida marginalizada é configurada pela cosmovisão da personagem de Fabiano, completamente ignorado, fora do mundo. Um mundo reconhecido por ele próprio como distante, “Para lá dos montes afastados havia outro mundo, um mundo temeroso; mas para cá, na planície, tinha de cor plantas e animais, buracos e pedras” (*Vidas Secas*, 1970, p. 169). Na verdade, as três direções estão presentes na formação da identidade das três personagens. Contudo, uma sempre é preponderante em relação às outras.

A crise de identidade instalada em cada uma das personagens analisadas deixa clara a configuração das obras na direção da tese aqui proposta. As identidades construídas e desconstruídas no decorrer das narrativas analisadas corroboram a ideia de que os romances *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938), são índices de uma crise de identidade, desencadeada no homem sertanejo. Crise essa provocada pelos acontecimentos vigentes no Governo Vargas cujos reflexos foram vivenciados em três planos: social, individual e regional, conforme cada personagem aqui analisada.

Contudo, a universalidade do tema identidade, associada à atemporalidade do texto literário, permite que se conceba a obra de Graciliano Ramos como uma trilogia de cabal importância, não apenas na literatura, mas especialmente nos estudos linguísticos.

7 A CONFISSÃO NO OLHAR

Os olhos são a lâmpada do corpo. Portanto, se teus olhos forem bons, teu corpo será pleno de luz. Porém, se teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em absoluta escuridão¹⁵

Bíblia Sagrada

O versículo bíblico que serve de epígrafe ao presente capítulo propicia duas considerações. A primeira diz respeito ao modo como se vê o mundo, o julgamento que se faz acerca dos acontecimentos e das pessoas. Dentro dessa ótica, está a origem do pré-conceito, do conceito antecipado que se faz do outro, sem mesmo conhecê-lo. Se o juízo que se faz do outro, desconhecido, é um mau juízo, na verdade essa essência subjaz no íntimo de quem vê. Atitudes preconceituosas marcam o perfil dos protagonistas dos romances *São Bernardo e Angústia*. O protagonista de *Vidas Secas*, pelo contrário, não age com preconceito, reflete ainda uma identidade pacífica que é confrontada pelo sistema governamental.

A segunda consideração remete a uma possível influência do texto bíblico na sabedoria popular. Provavelmente, o versículo foi a fonte de inspiração para a construção de expressões como: “os olhos são as janelas da alma e o espelho do mundo”, cuja autoria é atribuída a Leonardo da Vinci. A referência ao texto bíblico e à fala de Da Vinci serve para fomentar as análises aqui propostas.

A tematização da visão, ou da cegueira, é recorrente na obra de Graciliano Ramos. Em seu romance bibliográfico *Infância*, há o relato dos períodos de cegueira que experimentara em função de uma doença nos olhos que o assolava, quando adolescente. Devido a essa enfermidade, fora tratado com diferença, inclusive pela própria mãe, que o apelidara “bezerro encourado¹⁶” e “cabra cega”.

A despeito da importância de cada sentido na constituição humana, a visão parece ser aquele com o qual o homem estabelece um maior contato com a realidade. O olhar tem o potencial não só de apreender o que é externo ao corpo, mas também de demonstrar avaliação,

¹⁵ Mateus capítulo 6, versículos 22 e 23.

¹⁶ s.m. Enjeitado, ‘patinho feio’, ‘ovelha negra’ da família (...) Bezerro encourado ‘-e um intruso. Quando uma cria morre, tiram-lhe o couro, vestem com ele um órfão, que neste disfarce, é amamentado. A vaca sente o cheiro do filho, engana-se e adota o animal (DN).

juízo e de transmitir o pensamento mais íntimo. Em função desse potencial de expressão, muitas são as metáforas construídas. No âmbito da Literatura, os "olhos de ressaca", da personagem *Capitu*, de Machado de Assis, talvez seja a mais conhecida.

A importância desse tema nos textos de Graciliano Ramos justifica a necessidade de sua abordagem. Portanto, o presente capítulo apresenta o rastreamento de palavras a partir do campo semântico *visão*, que desenha uma trilha de significação nos três romances analisados. Essa investigação tem por objetivo destacar a importância dessa isotopia na configuração da identidade dos protagonistas aqui analisados.

A riqueza lexical dos romances permite a reconstrução do sentido em várias direções. Contudo, a trajetória centrípeta dessas vertentes aponta a uma mesma configuração sógnica, que deflagra um possível projeto comunicativo do autor de *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas Secas*. Nessa construção, identifica-se a contribuição significativa do aporte lexical, como já se demonstrou em outros capítulos desta tese.

A presente análise ultrapassa o simples rastreamento de palavras. Ela tem por objetivo apresentar o modo como a questão do olhar contribui na configuração do perfil dos personagens e, conseqüentemente, na exposição das respectivas identidades. Os critérios de inclusão e exclusão para essa abordagem obedecem a dois fatores principais: o primeiro, de ordem morfológica, recai sobre a importância do substantivo no processo de conhecimento e representação do mundo. O segundo decorre do potencial de significação no corpo do texto, podendo a análise lexical ser feita a partir de outra classe que não os substantivos, fato que ocorre com o romance *São Bernardo*. Foram excluídas dessas análises as palavras derivadas, para fugir a uma listagem mecânica, sem acréscimo substancial de significação. Por isso, foram selecionados dois vocábulos: os substantivos *olho* e *olhos* com ocorrência nas três obras. Ressalte-se ainda que os vocábulos analisados estão vinculados ao protagonista ou à sua fala como narrador.

7.1 “Ver para crer” em *São Bernardo*

Nem todas as ocorrências estão diretamente ligadas à fala de Paulo Honório como protagonista. Contudo, a importância de sua análise decorre do fato de ser o romance narrado em primeira pessoa. Ou seja, o texto apresenta a visão do narrador-protagonista em relação aos seus interlocutores. Fato importante na configuração do perfil de Paulo Honório, visto que se

busca apresentar a construção de sua identidade em relação à alteridade. Por isso, foram analisadas todas as ocorrências das palavras pertencentes ao campo semântico *visão*, seja na fala do protagonista, seja na narrativa do texto.

O vocábulo *olho* apresentou cinco ocorrências; dessas, uma se refere ao verbo *olhar*, conjugado na primeira pessoa do singular, conforme segue.

Aqui sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, suspendo às vezes o trabalho moroso, *olho* a folhagem das laranjeiras que a noite enegrece, digo a mim mesmo que esta pena é um objeto pesado. Não estou acostumado a pensar (*São Bernardo*, 1972, p. 64) [grifo nosso].

Nesse fragmento, o verbo *olhar* denota uma contemplação do entorno como fuga à ação dificultosa da escrita. As demais ocorrências são representadas pelo substantivo homônimo, apresentando quatro campos semânticos distintos.

7.1.1 Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do substantivo *olho*

Paulo Honório precisava ver para garantir sua segurança. Não à toa, alimentou dúvida em relação à fidelidade de Madalena. Em seus pensamentos, não conseguia acreditar que seus olhos o haviam enganado. O quadro a seguir apresenta fragmentos com o substantivo *olho* e seu potencial sígnico na narrativa.

Quadro 14 – Isotopias deflagradas pela caracterização do substantivo *olho* em *São Bernardo*

	Fragmento	Índice	Valor semântico na narrativa
1	Levantando-se da mesa, Padilha, de olho vidrado, pediu-me em voz baixa cinquenta mil-réis. (p. 100)	Tensão	Negativo
2	“Resolvi abrir o olho para que vizinhos sem escrúpulos não se apoderassem do que era delas.” (p. 101)	Vigilância, prontidão	Negativo
3	“D. Marcela era um pancadão. Cada olho!” (p. 118)	Parte do corpo	Positivo
4	“Nogueira, de olho duro, gramando aquilo!” (p. 192)	Tensão/Interesse	Negativo

Fonte: A autora

Vale destacar que, nessas ocorrências, apenas uma remete ao próprio narrador (fragmento 2). O fragmento apresenta sua desconfiança em relação a todos que o cercavam. Por isso, era necessário ficar de “olho aberto”, ser vigilante, por precaução.

Observe-se, ainda, que, dos campos semânticos levantados, apenas um remete diretamente à parte do corpo humano. As demais ocorrências conotam sentido para além do aspecto físico. *Vigilância* e *Interesse* são recorrentes no perfil das personagens em foco, *Paulo Honório* e *Nogueira*, respectivamente. O primeiro estava sempre atento às oportunidades em que poderia ser beneficiado em negociações. O segundo com interesse em Madalena.

7.1.2 Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do substantivo *olhos*

Das 38 ocorrências do substantivo *olhos*, são analisadas 24, que são significativas para mostrar a forma como o protagonista observa seus oponentes; essa configuração é denotada a partir da caracterização do substantivo. Em expressões como: “grandes olhos azuis”; “olhos vermelhos”; “olhos miúdos”; “olhos baixos”, apenas a primeira não conota uma avaliação do caráter do oponente. No contexto da narrativa, ela é uma característica positiva acerca da beleza dos olhos de Madalena, faz referência direta à parte do corpo. Uma vez que os objetivos aqui propostos são relativos à identificação do caráter da personagem, decidiu-se desprezar as ocorrências que remetem estritamente ao elemento físico. Nos demais usos, o substantivo *olhos* conota uma forma de estar no mundo. Seja como reação às intempéries, seja como forma de imposição perante a alteridade. Contudo, a expressividade do substantivo ganha maior relevância no contexto de enunciação. Por isso, a importância da seleção lexical das palavras que compõem o sintagma, formador do índice que, conseqüentemente, conota o valor semântico na narrativa.

Quadro 15 – Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do substantivo *olhos* em *São Bernardo* (continua)

	Fragmento	Índice	Valor semântico na narrativa
1	“Luís Padilha abriu a boca e arregalou os olhos miúdos” (p. 79)	Medo	Negativo
2	“Mendonça, de longe, ainda se virou, sorrindo e pregando-me os olhos vermelhos” (p. 83)	Raiva	Negativo

Fonte: A autora

Quadro 15 – Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do substantivo *olhos* em *São Bernardo* (continuação)

	Fragmento	Índice	Valor semântico na narrativa
3	“Julga o mestre-escola uma criatura superior, porque usa livros, mas para manifestar esta opinião arregala os olhos e dá um pequeno assobio” (p. 112)	Espanto, atenção	Neutro
4	“Tentou endireitar o espinhaço emperrado e, antes de lançar-me os olhos brancos, reconheceu-me pela voz” (p. 113)	Cegueira	Neutro
5	“Bons olhos o vejam. Que sorte! Sim senhor, precisamos conversar” (p. 128)	Falsidade	Negativo
6	“De repente voltou-se e, com voz rouca, uma chama nos olhos azuis, que estavam quase pretos” (p. 168)	Raiva	Negativo
7	“O constrangimento foi desaparecendo. Padilha tinha os olhos baixos” (p. 180)	Vergonha	Negativo
8	“Picando fumo com a faca de ponta e preparando o cigarro de palha, deitava os olhos de cão ao prado, ao açude, à igreja, às plantações” (p. 181)	Submissão	Negativo
9	“Com a proclamação da república ficaram custando os olhos da cara” (p. 186)	Exorbitância	Negativo
10	“D. Glória, cheia de comida e de calor, ia cerrando os olhos, já indiferente ao perigo que anunciavam” (p. 188)	Omissão	Negativo
11	“Madalena soltava o bordado e enfiava os olhos na paisagem” (p. 191)	Fuga	Negativo
12	“Os olhos cresciam. Lindos olhos” (p. 191)	Expressão	Neutro
13	“Vejo muita coisa e fecho os olhos, filho de Deus” (p. 204)	Dissimulação	Negativo
14	“— Isto vai mal, Casimiro, dizia eu com os olhos” (p. 207)	Declaração velada	Neutro
15	“Passadas mansinhas, olhos baixos, voz sumida” (p. 208)	Dissimulação	Negativo

Fonte: A autora (continua)

Quadro 15 – Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do substantivo *olhos* em *São Bernardo* (conclusão)

	Fragmento	Índice	Valor semântico na narrativa
16	“Os meus olhos me enganavam. Mas se os olhos me enganavam, em que me havia de fiar então?” (p. 209)	Confusão	Negativo
17	“Afinal que fazia ali, com a mão na chave e os olhos esbugalhados para Madalena?” (p. 212)	Ameaça	Negativo
18	“Com um ligeiro desvio de olhos, afastava a cena familiar e corriqueira” (p. 214)	Fuga	Negativo
19	“Zumbiam-me os ouvidos, dançavam-me listras vermelhas diante dos olhos” (p. 217)	Confusão	Negativo
20	“Esperei que ela me sacudisse desaforos, mas enganei-me: pôs-se a observar-me como se me quisesse comer com os olhos muito abertos” (p. 217)	Ódio	Negativo
21	“Madalena tinha os olhos presos na vela” (p. 221)	Fuga	Negativo
22	“Madalena estava estirada na cama, branca, de olhos vidrados, espuma nos cantos da boca” (p. 223)	Morte física	Negativo
23	“Se me vejo ao espelho, a dureza da boca e a dureza dos olhos me descontentam” (p. 245)	Insensibilidade	Negativo
24	“Fecho os olhos, agito a cabeça para repelir a visão que me exhibe essas deformidades monstruosas” (p. 247)	Fuga	Negativo

Fonte: A autora

Destaca-se que, das 24 ocorrências analisadas, não há nenhuma com conotação positiva. Vinte delas têm conotação negativa e quatro têm valor semântico neutro. Vale a pena destacar alguns índices bastante condizentes com o perfil do personagem com o qual se refere. Os índices *medo* e *vergonha* estão relacionados a Padilha, personagem caracterizada por uma tibieza de espírito, razão de sua falência financeira e pessoal. Já o índice *submissão* está relacionado a Casimiro Lopes, capataz de Paulo Honório. Essas duas personagens não se opunham aos desmandos do protagonista, um por medo, o outro por sua própria condição social.

O índice *raiva* remete ao sentimento que Paulo Honório provocava nos outros. Nos exemplos, os fragmentos referem-se, respectivamente às personagens Mendonça e Madalena em cenas que deflagram a reação das personagens às imposições do fazendeiro.

Os índices dissimulação e omissão são coerentes com a visão do narrador sobre D. Glória, uma mulher com ares de falsidade: “uma velha bisbilhoteira e de mãos lastimáveis, que deitavam a perder o que pegavam” (*São Bernardo*, 1972, p. 175).

Nove índices com valor semântico negativo referem-se ao protagonista do romance. Os índices *dissimulação* e *ameaça* são recorrentes nas relações interpessoais de Paulo Honório – conforme explicitado nas análises das expressões lexicalizadas. Contudo, vale destacar a ocorrência de dois outros índices: *confusão* e *fuga da realidade*. Esses índices figuram na narrativa a partir da atuação de Madalena, cujas opiniões contrastavam com as do protagonista. As cenas de ciúme evidenciavam a confusão instalada no pensamento de Paulo Honório. Nesse contexto, o fazendeiro buscava um ponto de fuga dessa realidade, fosse na paisagem de sua propriedade, fosse, simplesmente, fechando os olhos.

Concomitantemente, Madalena também passa por um processo de transformação, configurado nos índices que conotam *raiva* e *fuga da realidade*. Os índices não foram agrupados, tirando-os da ordem cronológica dentro do texto, para que se pudesse observar a relação entre sua ocorrência e o andamento da narrativa. Observe-se que esses índices, sempre relacionados à convivência com o marido, se alternam na narrativa, até o índice *morte física*, que representa o destino da personagem, com o suicídio cometido.

Como se pode observar, os olhos de Paulo Honório não conseguiam enxergar qualidade que não fosse externa, visível aos olhos. Seus olhos só enxergavam os defeitos ou as fraquezas de qualquer um que se opusesse a ele ou que atravessasse seu caminho. Na mesma proporção, seu modo de agir não lhe rendia uma boa imagem perante os outros. A alteridade era gravemente comprometida com seu modo de ver o outro.

Os olhos de Paulo Honório perscrutavam a tibieza de espírito e a dor moral de Padilha, “Aprumou-se, lançou um olhar amargurado às cadeiras, ao soalho, às lâmpadas” (*São Bernardo*, 1972, p. 109). Por um lado, um índice de frouxidão de espírito, do empregado é denotado a partir do olhar que não se prende ao seu interlocutor, buscando um ponto de fuga. Por outro, a caracterização do adjetivo *amargurado* traz ao texto o sofrimento de Padilha em função de voltar à fazenda – da qual um dia fora herdeiro – agora, como simples empregado.

Esse trecho apresenta o olhar de Paulo Honório em relação a Padilha. O protagonista tinha seu opositor como um homem fraco, covarde, sem capacidade de gerir uma fazenda do

porte de *São Bernardo*. Por isso, o protagonista usara de todos os meios e artimanhas para apossar-se da propriedade e, conseqüentemente, vingar-se de seu ex-patrão Salustiano Padilha.

7.1.3 Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do verbo *ver*

Em *São Bernardo*, o verbo *ver* também alcança uma significativa participação na construção do sentido do texto. Esse potencial sígnico do verbo é devido ao fato de o protagonista não depositar confiança em ninguém. Por isso, a necessidade de ver para tomar as próprias decisões. Logo, excepcionalmente, ele será incluído nas análises deste capítulo. Esse verbo apresenta 23 ocorrências e está associado a 9 índices deflagradores de isotopias organizadas na Quadro 16, a seguir.

Quadro 16 – Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do verbo *ver* em *São Bernardo* (continua)

	Fragmento	Índice	Valor semântico alcançado na narrativa
1	“acabara morrendo do estômago e de fome sem ver na família o título que ambicionava” (p. 71)	Testemunho	Negativo
2	“Não tenciono ver um camarada com a corda no pescoço” (p. 79)		
3	“Metam pessoal letrado na apanha da mamona. Não de ver a colheita.” (p. 100)		
4	“Faz até raiva ver uma pessoa de certa ordem sujeitar-se a semelhante miséria” (p. 132)		
5	“Só queria ver padre Silvestre fardado de tenente (p. 235)”		
6	“O que deseja é ver a gazeta de mangas arregaçadas” (p. 237)		
7	“Ao ver a letra, fingi desprendimento” (p. 71)	Avaliação	Negativo
8	“Esta visita me traz uma penca de vantagens. Um capital. Quero ver quanto rende” (p. 101)		
9	“Penetrei no jardim e encaminhei-me ao pomar, fazendo tenção de ver se a poda estava em regra” (p. 216)		

Fonte: A autora

Quadro 16 – Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do verbo *ver* (conclusão)

	Fragmento	Índice	Valor semântico alcançado na narrativa
10	“Atravessei a pinguela e fui ver o último produto limosino-caracu” (p. 177)	Avaliação	Neutro
11	“Vamos ver, Padilha. Dinheiro é dinheiro” (p. 74)	Pensamento	Neutro
12	“Até logo, vou ver” (p. 117)		
13	“D. Marcela tinha acabado um, de aventuras. Ia ver se se lembrava do enredo” (p. 122)	Pensamento	Neutro
14	“Aquela resistência enfureceu-me: — Deixa ver a carta, galinha” (p. 199)	Desconfiança	Negativo
15	“Afastava-me, lento, ia ver o pequeno, que engatinhava pelos quartos, às quedas, abandonado” (p. 193)		
16	“Madalena agarrou uma folha que ainda não havia sido dobrada. — Não tem que ver. Só interessa a mim” (p. 199)		
17	“Levantei-me e encostei-me à balaustrada para ver de perto o touro limosino que Marciano conduzia ao estábulo” (p. 63)	Observação	Neutro
18	“Uma tarde subi à torre da igreja e fui ver Marciano procurar corujas” (p. 214)		
19	“Por que diabo estou mexendo nisto? Ah! sim! ver as horas” (p. 212)	Verificação	Neutro
20	“Que horas são? Não posso ver o mostrador assim às escuras” (p.162)	Visão	Neutro
21	“Parecia-me ver d. Glória malucando no pomar, com o romance” (p. 239)		
22	“Vão ver aquele infeliz. Isso tem jeito? Aí na prosa, e pode o mundo vir abaixo. A criança esgoelando-se!” (p. 181)	Cuidado	Positivo
23	“Vamos ver quem tem roupa na mochila. Agora eu lhe mostro com quantos paus se faz uma canoa” (p. 69)	Ameaça	Negativo

Fonte: A autora

A isotopia com maior incidência no texto está relacionada ao índice *testemunho* – com seis ocorrências, das 23 registradas. Esse registro denota a visão de mundo de Paulo Honório que associa a necessidade de testemunhar os fatos da realidade ao ato de ver; remetendo ao ditado “ver para crer” cuja origem remete ao apóstolo Tomé, que fora convidado por Jesus a colocar a mão na ferida decorrente da crucificação, para que cresse que Ele era o Cristo ressurreto. Apesar de o ato de testemunhar não ter valor negativo em sua essência, essa conotação é construída no contexto da narrativa, conforme se verifica no texto. Sobre esse fenômeno, Simões assevera que

A função lexicológico-semiótica faz das palavras (signos atualizados em contextos frasais) signos evocadores de imagens, impregna-as de conceitos (emergentes da cultura em que se inserem) por meio dos quais o redator tenta estimular a imaginação do leitor (SIMÕES, 2009, p. 59-60).

O olhar de Paulo Honório também é instrumento de avaliação da realidade que o envolve, decorre da necessidade de avaliar o comportamento da esposa, o serviço dos funcionários, o valor de seus bens ou mesmo o resultado de uma negociação. Essa necessidade denota a desconfiança intrínseca ao protagonista. Paulo Honório desconfiava de todos e, por isso, o seu olhar avaliativo é frequente na narrativa. Esse olhar avaliativo está estreitamente ligado ao anterior – olhar de testemunho – visto que, ambos associam a confiança ao ato de ver.

O ato de pensar também é associado ao verbo ver. Vale lembrar que o próprio narrador confessa não estar acostumado a pensar. Possivelmente, essa é a razão da preferência do verbo *ver* nos trechos em que necessita usar essa habilidade.

A desconfiança está diretamente ligada ao campo semântico da visão e ao perfil do narrador de *São Bernardo*. O contexto da narrativa aponta para o ciúme que Paulo Honório nutre em relação à sua esposa, que culmina na dúvida em torno da paternidade da criança. Sua desconfiança em relação à fidelidade da esposa, leva-o a duvidar de que era o pai da criança. Por isso, “ia ver o pequeno”(São Bernardo, 1972, p. 193) analisando-lhe as feições.

O simples ato de observação do protagonista não se distancia de um processo de avaliação, seja em relação aos seus bens, seja em relação ao serviço de seus empregados. Paulo Honório está sempre olhando, observando e avaliando toda as ações e todo o seu patrimônio. Já o *ver*, como simples verificação ou em referência ao ato de enxergar um objeto, ocorrem como atos mecânico de conferir a hora no relógio, sem alteração significativa no plano da narrativa.

Os dois últimos exemplos do quadro remetem a sentimentos díspares de Paulo Honório. Se, por um lado, o excerto 22 apresenta um índice de cuidado com a criança que chorava

enquanto as mulheres conversavam, denotando sentimento de alteridade em relação ao filho, fato que não se consuma em outras partes do romance; por outro lado, o fragmento 23 aponta para o tom de ameaça em relação ao Dr. Sampaio que não tinha honrado o pagamento na compra do gado do fazendeiro. Após aplicar uma surra no devedor, Paulo Honório continua impondo ameaça ao seu opositor.

A análise da última coluna do quadro destaca a preponderância da carga semântica negativa do verbo *ver* na narrativa de *São Bernardo*, cuja frequência conta com 13 vezes associadas à ideia negativa no uso do vocábulo. O uso neutro do verbo, denotando, simples registro atitudinal, ocorre 9 vezes no texto. Já a carga semântica de valor positivo do mesmo vocábulo foi evidenciada apenas uma vez. Essa incidência negativa deflagra o olhar negativo do narrador perante a alteridade. Era essa a postura de Paulo Honório perante o outro que ele tratava como um simples instrumento para a realização de seus intentos.

Diferentemente das ocorrências de *São Bernardo*, no romance *Angústia* sua presença é abundante, conforme se verifica a seguir.

7.2 Olhar para existir em *Angústia*

Diferentemente de *São Bernardo*, em *Angústia* o vocábulo registra um total de 28 ocorrências, em oposição às quatro na primeira obra. Em *Angústia*, o campo semântico visão é a essência do tema que perpassa toda a narrativa. Essa característica do romance decorre do perfil do narrador-personagem que apreende o mundo com seu olhar perscrutador e julgador.

7.2.1 Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do substantivo *olho*

Os excertos elencados das obras foram agrupados segundo seu potencial sígnico. Desse modo, não foi obedecida uma ordem de aparição no texto narrativo. Contudo, os fragmentos, como tem sido feito nesta tese, estão acompanhados das respectivas páginas, caso haja necessidade de consulta ao texto.

Quadro 17 – Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do substantivo *olho* em *Angústia* (continua)

	Fragmento	Potencial sínico	Valor semântico alcançado na narrativa
1	“Padre Inácio cravava nos ofertantes o olho duro e imóvel” (p. 124)	Índice de censura	Negativo
2	“Julgando-me distraído, afasta-se nas pontas dos pés, olhando-me com o rabo do olho, e vai apanhar alfaces” (p. 33)	Índice de desconfiança	Negativo
3	“E ali estava espiando o quintal com o rabo do olho” (p. 59)		
4	“O sujeito cabeludo espiou-me com o rabo do olho e amoitou-se” (p. 173)		
5	“Antônia dava uma risadinha ruim e piscava um olho” (p. 220)	Índice de dissimulação	Negativo
6	“Com o livro esquecido nos joelhos, o cigarro apagado, o olho meio cerrado” (p. 37)	Índice de falsidade	Negativo
7	“D. Rosália esquecia os meninos e ficava horas ganhando calos nos cotovelos, o olho pregado na casa da família esquisita” (p. 65)	Índice de intriga	Negativo
8	“Era impossível saber onde se fixava o olho de padre Inácio, duro, de vidro, imóvel na órbita escura” (p. 18)	Ícone de imobilidade	Negativo
9	“O olho de vidro de padre Inácio, imóvel na órbita escura, tinha uma dureza sinistra” (p. 124)		
10	“O olho de vidro de padre Inácio estava parado, suspenso no ar, fora do corpo” (p. 229)	Índice de morte física	Negativo
11	“A casa devia estar cheia, o homem da bilheteria cochilava. Um olho, no palco, observava a plateia por um buraco do pano de boca” (p. 125)	Índice de observação	Neutro
12	“Olhei-o com um olho por cima do ombro, vi-o levantar a cabeça e bulir nos Molambos” (p. 209)		
13	“Toda a minha atenção se concentrou num olho, porque na esquina em que me achava apenas apresentava à rua uma banda da cara” (p. 171)	Índice de observação	Negativo
14	“Um minuto depois tinha desaparecido, a banda do rosto crispada, o olho disponível voltado para mim com um brilho de ódio” (p. 135)	Índice de ódio	Negativo
15	“A mulher tinha desaparecido, a banda do rosto passara cravando-me o olho carregado de ódio” (p. 136)		

Fonte: A autora

Quadro 17 – Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do substantivo *olho* em *Angústia* (conclusão)

	Fragmento	Potencial sínico	Valor semântico alcançado na narrativa
16	“Um ventre enorme crescia na parede uma criatura mal vestida passava arrastando a filha pequena, um brilho de ódio no olho único” (p. 234)	Índice de ódio	Negativo
17	“Com uma das mãos segurava o braço de uma criança magra e pálida, com a outra escondia o olho e um pedaço de cara” (p. 135)	Ícone de parte do corpo	Neutro
18	“A bochecha era pintada, a metade da boca excessivamente vermelha, o olho único muito azul” (p. 137)		
19	“Mas os cangaceiros ainda se descobriam quando o avistavam, tipo sararás de olho vermelho, caboclos de músculos de ferro” (p. 147)		
20	“O olho descoberto, os beijos contraídos, as rugas da cara exprimiam espanto, raiva e dor” (p. 135)	Índice de raiva	Negativo
21	“Entrava num bonde, espalhava-se no banco, feliz, o olho aceso, o charuto aceso” (p. 186)	Índice de vigilância	Negativo
22	“O ouvido atento a qualquer rumor que viesse do caminho estreito, o joelho no chão, em cima do chapéu de couro, o olho na mira, a arma escorada a uma forquilha, com certeza não pensava, não sentia” (p. 196)		
23	“O paletó me espiava com um olho amarelo que mudava de lugar” (p. 228)		
24	“Com o olho guloso em cima das mulheres bonitas” (p. 78)	Índice de volúpia	Negativo
25	“a cara redonda se afogueava, as bochechas moles inchavam, o olho azulado queria escapular-se da órbita e meter-se no seio das mulheres” (p. 161)		
26	“Lá estava amolando outro, com o cotovelo no mármore, a voz oleosa, o olho derramado sobre as mulheres” (p. 161)		

Fonte: A autora

A direção do olhar para as análises desses fragmentos leva em consideração a narrativa em primeira pessoa e o perfil doentio de Luís da Silva. O olhar de julgamento dessa personagem é constante, tanto como narrador, quanto como protagonista do romance. Esse traço de

personalidade pode ser verificado no julgamento que faz das outras personagens a partir dos índices apresentados na Quadro 17.

O “olho duro, imóvel” (fragmento 1) e “olho de vidro” (fragmentos 8 e 9) de Padre Inácio configuram, respectivamente, um índice e um ícone na narrativa. O índice de *censura* é coerente com o contexto de referência e com o contexto da narrativa, porque faz o olhar se revestir de um traço de censura às ações de Luís da Silva. Além disso, o índice de *morte física* a partir do *olho de vidro suspenso no ar* (fragmento 10), remete ao momento de delírio do protagonista de *Angústia*, depois de assassinar Julião Tavares. O ícone de *imobilidade* remete ao olho postiço de Padre Inácio, característica dessa personagem já referida no romance biográfico *Infância*, obra que também faz referência à postura severa do padre. Nesse contexto, o olho de vidro de Padre Inácio também está associado à censura.

A desconfiança de Vitória e do bodegueiro (fragmentos 2 e 4) é reflexo das ações escusas de Luís da Silva. A sua própria desconfiança, sempre olhando de “rabo de olho” (fragmento 3), observando tudo e todos a seu redor, fazia com que visse também desconfiança nas ações alheias. O olhar enviesado do protagonista fazia com que caracterizasse outros personagens com traços de dissimulação e intriga.

Os índices de ódio (fragmentos 15 e 16) e raiva (fragmento 20) ou mesmo os ícones que identificam parte do corpo (fragmentos 17, 18 e 19) estão relacionados a uma personagem desconhecida na narrativa: uma transeunte que é abalroada por Luís da Silva enquanto caminhava distraído, absorto por seus pensamentos em torno de Marina. Essa personagem desconhecida marca significativamente o protagonista. A importância que o narrador atribui a esse encontro, que não dura mais de um minuto, deve-se, muito provavelmente, a dois aspectos básicos. O primeiro, ao estado de gravidez da mulher, o tamanho da barriga impressiona e ameaça Luís da Silva, “A barriga disforme resistia ao pano desbotado que tentava contê-la e empinava-se, tinha uma forma agressiva. Estava ali um cidadão que, antes de nascer, ameaçava a gente” (*Angústia*, 1987, p. 135). O segundo aspecto diz respeito ao estado precário da mulher.

Era uma mulher gorda, amarela, mal vestida, com uma barriga monstruosa. Não sei como podia andar na rua conduzindo aquela gravidez que estava por dias. A saia, esticada na frente, levantava-se exibindo pernas sujas e inchadas. Os pés, sujos e inchados, cresciam demais nos sapatos cheios de buracos (*Angústia*, 1987, p. 135).

As pessoas que, aos olhos de outras personagens, poderiam comover ou despertar sentimento de pena ou de solidariedade provocavam um prazer mórbido em Luís da Silva. Ele mesmo confessa na mesma cena que sentira “um desejo idiota de rir” (*Angústia*, 1987, p. 135).

O índice de vigilância, apresentado nos fragmentos 21, 22 e 23, remete, respectivamente a Julião Tavares, José Baía e ao paletó de Luís da Silva. O primeiro refere-se à cena em que a personagem, que roubara a mulher com quem o protagonista pretendia casar, anda à procura de uma nova conquista. Segundo o narrador, “Julião Tavares farejava as datilógrafas como um bode” (*Angústia*, 1987, p. 186). Não à toa, os *índices* de volúpia (fragmentos 24, 25 e 26) estão também associados a Julião Tavares.

O segundo fragmento desse índice, remete a José Baía, pistoleiro que trabalhava para o avô de Luís da Silva. O excerto narra as lembranças do narrador, em um momento de delírio, remetendo a alguma cena em que o atirador faz tocaia para matar algum desafeto de Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva.

O terceiro fragmento do índice de *vigilância* (fragmento 23) surpreende pelo inusitado da cena, “O paletó me espiava com um olho amarelo que mudava de lugar” (*Angústia*, 1987, p. 228). O trecho faz parte da cena em que Luís da Silva está em delírio, logo depois do assassinato de Julião Tavares. O olho do paletó e o olho de vidro de Padre Inácio, associados a outros elementos, fazem parte do momento de delírio do assassino Luís da Silva.

A análise desses fragmentos e do potencial de significação que assumem na narrativa aponta para a personalidade doentia de Luís da Silva. Uma personagem com mania de perseguição, sentindo-se vigiado por todos, e desconfiando de todos.

7.2.2 Isotopias deflagradas pelo contexto de uso do substantivo *olhos*

A frequência e o valor semântico do substantivo *olhos* corrobora as análises desenvolvidas no tópico anterior. São 138 ocorrências que direcionam o olhar do leitor para um campo semântico negativo na narrativa. Nove ocorrências atribuem um valor neutro do contexto semântico, a maior parte faz referência à parte do corpo humano. Do total, 20 ocorrências figuram em campo semântico de valor positivo, referentes à beleza da cor dos olhos femininos. Dessa forma, a maior parte das ocorrências, 109 delas, cumprem um papel negativo na narrativa do romance.

Quadro 18 – Potencial sógnico de valor semântico *neutro* deflagradas pelo contexto de uso do substantivo *olhos* em *Angústia*

	Fragmento	Potencial sógnico
1	“Em seguida vinha a banca de revisão: seis horas de trabalho por noite, os olhos queimando junto a um foco de cem velas, cinco mil-réis de salário” (p. 28)	Ícone de parte do corpo
2	“Agora mesmo temo deixar aqui uma sucessão de peças e de qualidades: nádegas, coxas, olhos, braços, inquietação, vivacidade, amor ao luxo, quentura, admiração a d. Mercedes” (p. 69)	Ícone de parte do corpo
3	“Posso obrigar uma pessoa a não olhar para mim? Posso furar os olhos do povo?” (p. 86)	Índice de repressão
4	“Pois bem, minha filha, não vale a pena falar mais nisso. Enxugue os olhos” (p. 86)	Ícone de parte do corpo
5	“Marina, bamba, apertava os olhos, encolhia-se no vestido machucado, bocejava” (p. 103)	Índice de sono
6	“Dei um passo para trás e distingui uma criatura enorme que também havia recuado com o choque e estava diante de mim, a mão cobrindo um dos olhos, onde tinha batido a aba do chapéu” (p. 135)	Ícone de parte do corpo
7	“O homem para um lado, ela para outro, arrastando a filha pequena, a barriga deformada, estazando-se, aguentando pancadas nos olhos” (p. 136)	Ícone de parte do corpo
8	“Quando passasse por mim, levantaria os olhos – e estaria tudo perdido” (p. 211)	Índice de atenção
9	“Olhos atentos, sob a mão em pala na testa, deviam estar observando o número da casa. Isso durou um minuto” (p. 218)	Índice de atenção

Fonte: A autora

Os ícones e índices de valor semântico *neutro* configurados pelo substantivo *olhos* não são muito frequentes na narrativa. Os ícones remetem à identificação de parte do corpo humano. Os índices dividem-se na indicação de *repressão*, *sono* e *atenção*, não acrescentando informação significativa ao perfil do protagonista, referem-se apenas a fatos recorrentes da atividade humana.

Contrariamente a essa primeira, os dois próximos quadros trazem importante análise acerca do perfil de Luís da Silva, ratificando seu perfil doentio.

Quadro 19 – Potencial sógnico de valor semântico *positivo* deflagradas pelo contexto de uso do substantivo *olhos* em *Angústia* (continua)

	Fragmento	Potencial sógnico
1	“Era uma sujeitinha vermelhaça, de olhos azuis e cabelos tão amarelos que pareciam oxigenados” (p. 34)	Índice de beleza
2	“Marina sensibilizou-se. Os olhos aguaram-se, o beicinho tremeu” (p. 63)	Índice de comoção
3	“Bonitinha, com olhos verdes e rosto de santa” (p. 94)	Índice de beleza
4	“Quando menos esperava, surgiam os olhos de gato da datilógrafa” (p. 94)	Índice de beleza
5	“Provavelmente a datilógrafa dos olhos verdes, enquanto sorria para mim no bonde ou na esquina” (p. 94)	Ícone de beleza
6	“A menina dos olhos agateados desaparecera” (p. 98-99)	Índice de beleza
7	“A criatura faminta da Rua da Lama, seu Ivo, Moisés, a menina dos olhos agateados, tudo isto me passava pelo espírito sem se fixar” (p. 99)	Índice de beleza
8	“Onde estaria a datilógrafa? Bonitinha, com uns olhos de gato que acariciavam a gente” (p. 101)	Índice de beleza
9	Onde andaria a datilógrafa dos olhos agateados? (p. 101)	Índice de beleza
10	“Absurdo pretender que uma pessoa passe a vida com os olhos fechados e vá abri-los exatamente na hora em que aparecemos diante dela” (p. 106)	Índice de inocência
11	“Sinhá Germana só tinha aberto os olhos diante do velho Trajano” (p. 107)	Índice de despertamento
12	“Apertavam-se para enganar o frio, e os moleques que passavam na calçada metiam os olhos pelos buracos das janelas e gritavam” (p. 157)	Índice de curiosidade
13	“Talvez a datilógrafa dos olhos agateados morasse por ali, num dos becos que iam ter à rua suja” (p. 170)	Índice de beleza
14	“Escondida num quarto escuro a datilógrafa dos olhos agateados ocupava-se em bater na máquina um boletim subversivo” (p. 170)	Índice de beleza
15	“datilógrafa dos olhos de gato copiava um boletim na máquina estragada” (p. 183)	Índice de beleza
16	“Pensei numa das filhas de Lobisomem e na datilógrafa dos olhos verdes” (p. 186)	Índice de beleza
17	“mas a verdade é que durante dias me atormentou a ideia de que Julião Tavares havia seduzido a menina dos olhos verdes” (p. 186)	Índice de beleza
18	“Porque se tinha escondido a datilógrafa dos olhos verdes?” (p. 186)	Índice de beleza

Fonte: A autora

Quadro 19 – Potencial sígnico de valor semântico *positivo* deflagradas pelo contexto de uso do substantivo *olhos* em *Angústia* (conclusão)

	Fragmento	Potencial sígnico
19	“Marina, a mocinha sardenta, a datilógrafa dos olhos de gato, não valem nada” (p. 197)	Índice de beleza
20	“A datilógrafa dos olhos agateados tossia, as filhas de Lobisomem encolhiam-se por detrás das outras letras” (p. 233)	Índice de beleza

Fonte: A autora

Das 20 ocorrências em que o substantivo *olhos* alcança um valor semântico positivo, 16 delas referem-se à cor ou ao formato dos olhos femininos. A cor dos olhos das mulheres atrai Luís da Silva. Essa parte do corpo funciona como um anzol que fiska o protagonista arrastando-o para um emaranhado de pensamentos e sensações. A datilógrafa – profissão imaginada por Luís da Silva para uma desconhecida com quem se depara na rua – era “bonitinha, com olhos verdes e rosto de santa” (fragmento 3). Marina, por sua vez, tinha “pimenta nos olhos azuis”” (*Angústia*, 1987, p. 62).

Os índices *comoção*, *inocência*, *despertamento* e *curiosidade* ocorrem uma única vez no potencial sígnico do vocábulo em análise. O primeiro remete a uma cena em que Marina aparenta comoção, queixando-se de sua mãe que deseja arrumar-lhe um emprego. O segundo índice, *olhos fechados*, é associado a certa inocência devido à ausência da prática sexual. Já o terceiro índice remete à inocência que Luís da Silva atribuía à sua avó Germana, que só conhecera a atividade sexual a partir do casamento com o velho Trajano, “sinhá Germana, doente ou com saúde, quisesse ou não quisesse, lá estava pronta, livre de desejos, tranquila, para o rápido amor dos brutos. Malícia nenhuma” (*Angústia*, 1987, p. 106). O quarto índice remete à curiosidade natural da adolescência de querer descobrir, conhecer, aprender e, também, olhar a vida alheia.

A maior quantidade de ocorrência do substantivo *olhos* configura o lado negativo de seu uso. As 109 ocorrências apresentam potencial sígnico diverso configurando o perfil problemático do protagonista. O substantivo *olhos* permite a construção do aspecto semântico, por um lado, como o protagonista julga as pessoas, por outro como ele se mostra ao leitor.

As 109 ocorrências com valor semântico negativo são organizadas a partir do seguinte critério. Primeiramente, são apresentados os fragmentos que configuram índices negativos em relação a personagens secundárias na narrativa, um total de 35 excertos de pessoas sem muita participação no enredo. Num segundo momento, são mostrados os trechos referentes a Julião

Tavares, um total de três fragmentos. Os dois quadros seguintes apresentam os signos referentes a Marina e Luís da Silva, respectivamente. Este com índices que intensificam sua identidade doentia; aquela com índices que ressaltam sua sexualidade.

Quadro 20 – Potencial sógnico de valor semântico *negativo* deflagrado pelo contexto de uso do substantivo *olhos* em relação a personagens secundários (continua)

	Fragmento	Potencial sógnico
1	“Que está me dizendo? Estranhava o velho arregalando os olhos quase cegos. Quando foi isso?” (p. 13)	Índice de espanto
2	“Filipe Benigno é um pouco nebuloso: só percebo dele claramente as barbas brancas e os olhos miúdos” (p. 20)	Ícone de falsidade
3	“Vitória estica-se, o pescoço encarquilhado incha, os olhos miúdos fuzilam, as verrugas tremem indignadas” (p. 32)	Índice de ódio
4	“Seu Ivo metia os olhos gulosos pelos vidros do guarda-comidas” (p. 50)	Índice de necessidade
5	“Talvez houvesse também alguma inteligência perdida por detrás daqueles olhos mortos pela cachaça” (p. 50)	Índice de entorpecimento
6	“D. Adélia, bamba, a voz sumida, os olhos assustados, parecia viver escondendo-se.” (p. 53)	Índice espanto
7	“Falava de cabeça baixa, os olhos no chão, os músculos da cara imóveis, a boca entreaberta, a voz branda, provavelmente pelo hábito de obedecer” (p. 55)	Índice de subserviência
8	“D. Adélia, mexendo-se aflita na cadeira, que rangia sob as banhas excessivas, baixava os olhos, escondia as mãos papudas debaixo do avental” (p. 72)	Índice de omissão
9	“D. Adélia, com os olhos suplicantes, pedia silêncio” (p. 73)	Índice de vergonha
10	“Deus me livre, seu Luís, exclamava a mulher recuando e arregalando os olhos” (p. 91)	Índice de embaraço
11	“Um sujeito gordo, vermelho, suado, bem falante, de olhos abotoados” (p. 93)	Índice de falsidade
12	“Talvez D. Adélia estivesse ali, um pouco afastada, os olhos atentos, observando o que se passava por baixo da mesa” (p. 98)	Índice de desconfiança
13	“Atracados, os olhos vermelhos, baba no canto da boca, uns bichos” (p. 98)	Índice de gozo
14	“As três filhas de Lobisomem apareciam juntas num feixe, confusão de cabelos arrepiados e olhos espantados” (p. 100)	Índice de ocultação

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 20 – Potencial sógnico de valor semântico *negativo* deflagrado pelo contexto de uso do substantivo *olhos* em relação a personagens secundários (continuação)

	Fragmento	Potencial sógnico
15	“E o pessoal se calava, arregalava os olhos para Marina que não ligava importância a ninguém” (p. 100)	Índice de desejo
16	“Na sala de espera toda a gente se voltava, com uma pergunta nos olhos” (p.100)	Índice de intriga
17	“Antônia chegava à minha janela e, piscando os olhos, segredava” (p. 105)	Índice de dissimulação
18	“O homem calvo e moreno, com os olhos abotoados, fungava e arquejava” (p. 109)”	Índice de falsidade
19	“Estava mesmo assim: os olhos arregalados, as ventas muito abertas, a boca pingando gosma, a cara barbuda arranhando e escovando o couro de d. Rosália” (p. 109)	Índice de gozo
20	“Mal respirava, magrinha como um palito, e por cima dos olhos vidrados as moscas passeavam” (p. 114)	Índice de morte física
21	“Marina passeava o <i>lorgnon</i> pelos camarotes, indiferente, e os rapazes abotoavam para ela os olhos gulosos” (p. 125)	Índice de desejo
22	“Tinha vergonha de chamá-la, temia que ela me pregasse os olhos brancos e cansados, cheios de aflição” (p. 132)	Índice de cegueira,
23	“Em sonhos ou acordado, vi-o roxo, os olhos esbugalhados a língua fora da boca” (p. 145)	Índice de morte física
24	“Seu Ivo arregalou os olhos, e isto me paralisou o riso idiota” (p. 152)	Índice de avaliação
25	“onde o corpo de Fabrício estava exposto, o tronco nu, os olhos vidrados” (p. 152)	Índice de morte física
26	“Olhei com desgosto os olhos sem brilho de seu Ivo” (p. 153)	Índice de ausência de vitalidade
27	“O caboclo abriu os olhos, espantado” (p. 153)	Índice de surpresa
28	“Quando ele chegava à calçada, toda a gente se espremia, abrindo caminho, e os olhos se arregalavam num pasmo quase religioso, mistura de aprovação e medo” (p. 155)	Índice de medo
29	“Os olhos cansaram, a memória emperrou, os braços descarnados não tiveram força para manejar a enxada” (p. 156)	Índice de morte física
30	“Outras vezes surgiam a barba branca, a língua fora da boca, os olhos abotoados, a careca, e era como se ele fosse dar um salto” (p. 158)	Índice de morte física

Fonte: elaborado pela autora (continua)

Quadro 20 – Potencial sógnico de valor semântico *negativo* deflagrado pelo contexto de uso do substantivo *olhos* em relação a personagens secundários (conclusão)

	Fragmento	Potencial sógnico
31	“As bochechas vermelhas se tornariam roxas, os olhos se rodeariam de olheiras roxas” (p. 162)	Índice de morte física
32	“havia promessas nos olhos das mulheres que se desviavam dos homens” (p. 166)	Índice de sexualidade
33	“Seu Ivo andava assim, zambeta, balançando, os olhos vidrados, sem ver ninguém” (p. 203)	Índice de ausência de vitalidade
34	“Entre duas tabuinhas afastadas distinguia a cara amarela, os olhos abotoados e os cabelos ruivos da filha de Lobisomem” (p. 217)	Índice de falsidade
35	“Porque tinha ele suspenso a leitura e esbugalhava para mim aqueles olhos de mal-assombrado?” (p. 233)	Índice de questionamento

Fonte: A autora

O olhar negativo com que Luís da Silva avaliava as outras pessoas fica bastante claro nos trechos do quadro 20. Todos os índices desse quadro remetem ao modo como o narrador percebia o olhar das pessoas. Não se pode esquecer do caráter subjetivo dessa avaliação do narrador. Sua opinião não é garantia absoluta da verdade narrativa. Contudo o que se pode perceber é o olhar negativo com que o protagonista avaliava sua alteridade.

Além da avaliação crítica que fazia, percebe-se também o aspecto mórbido de suas memórias. São frequentes as lembranças de Luís da Silva em relação aos mortos que vira em alguns momentos. Nessas recordações, os olhos dos defuntos eram o que mais o impressionava. Pensando nos olhos de Julião Tavares, indaga, “Como estariam os olhos dele? Os de seu Evaristo, que vi de longe” (*Angústia*, 1987, p. 199). Quando lembra da morte de Cirilo de Engrácia, mantendo certa identidade com essa personagem, parece conversar, “Os teus olhos claros se arregalavam num espanto verdadeiro” (*Angústia*, 1987, p. 196). O quadro a seguir apresenta o potencial do substantivo *olhos* em referência a Julião Tavares.

Quadro 21 – Potencial sógnico de valor semântico *negativo* deflagrado pelo contexto de uso do substantivo *olhos* em relação a Julião Tavares (continua)

	Fragmento	Potencial sógnico
1	“Julião Tavares pregava os olhos em Marina” (p. 78)	Índice de desejo
2	“Julião Tavares era uma sombra, sem olhos, sem boca, sem roupa, sombra que se dissipava na poeira de água” (p. 195)	Índice de morte física

Fonte: A autora

Quadro 21 – Potencial sógnico de valor semântico *negativo* deflagrado pelo contexto de uso do substantivo *olhos* em relação a Julião Tavares (conclusão)

	Fragmento	Potencial sógnico
3	“Provavelmente Julião Tavares tinha também os olhos muito abertos e o queixo desgovernado” (p. 199)	Índice de morte física

Fonte: A autora

A despeito de a personagem *Julião Tavares* ser citada nominalmente por 187 vezes no texto, o potencial sógnico de seus olhos é mencionado apenas três vezes. Uma vez com conotação de desejo em relação a Marina, duas vezes com referência à morte física. Supõe-se que Luís da Silva investira tanto tempo observando seu rival, nutrindo o ódio que sentia, mas não conseguia concluir o enfrentamento, o “olho no olho”, muito possivelmente por medo de Julião. Esse medo é configurado na constante fuga que os olhos do protagonista empreendiam quando do enfrentamento com a realidade.

Os olhos de Marina também são bastante significativos para Luís da Silva, conforme se verifica no quadro a seguir.

Quadro 22 – Potencial sógnico de valor semântico *negativo* deflagrado pelo contexto de uso do substantivo *olhos* em relação a Marina (continua)

	Fragmento	Potencial sógnico
1	“Não pude dormir: os cabelos de fogo, os olhos e especialmente as pernas da vizinha começaram a bulir comigo” (p. 39)	Índice de sedução
2	“Marina admirava-a com exagero, arregalando os olhos: - D. Mercedes é linda. Parece uma artista de cinema” (p. 43)	Índice de inveja
3	“Marina se movia, andava, desesperadamente bonita, o peitinho redondo subindo e descendo, a querer saltar pelo decote baixo, pimenta nos olhos azuis, os cabelos de fogo desmanchando-se ao vento morno e empestado que soprava dos quintais” (p. 62)	Índice de sexualidade
4	“recebia as faíscas dos olhos azuis e deixava enxugar com beijos a saliva que umedecia os beijos um pouco grossos da minha amiga” (p. 62)	Índice de sexualidade
5	“ao pé das estacas podres que Vitória remove todos os meses, desafiava-me com os olhos e com os dentes miúdos” (p. 62)	Índice de sexualidade
6	“Quando nos separamos, ficamos comendo-nos com os olhos, tremendo” (p. 64)	Índice de sexualidade
7	“e tinha provavelmente os olhos acesos e esbugalhados” (p. 72)	Índice de sexualidade

Fonte: A autora

Quadro 22 – Potencial sógnico de valor semântico *negativo* deflagrado pelo contexto de uso do substantivo *olhos* em relação a Marina (conclusão)

	Fragmento	Potencial sógnico
8	“A neta emproava-se, a vaidade pingava do leque, do <i>lorgnon</i> , dos olhos” (p. 103)	Índice de sedução
9	“Não havia motivo para Marina esconder os olhos” (p. 175)	Índice de vergonha
10	“A cliente mordía as cobertas sujas, continha a respiração, fechava os olhos, apertava as coxas e engolia o choro” (p. 176)	Índice de vergonha
11	“Aqueles modos pudicos, aqueles movimentos quase imperceptíveis das pálpebras roxas que velavam olhos inúteis, irritaram-me” (p. 180)	Índice de vergonha
12	“As pálpebras roxas ocultando olhos aguados, o beijo trêmulo” (p. 183)	Índice de vergonha
13	“Os beijos de Marina estavam como os de uma defunta, os olhos procuravam socorro, e eu cravava as unhas nas palmas das mãos” (p. 184)	Índice de culpa
14	“A voz morria-lhe na garganta, sons roucos e incompreensíveis, mas os olhos apavorados negavam” (p. 184)	Índice de pavor
15	“os mesmos cabelos que pareciam oxigenados, os mesmos olhos traquinas” (p. 190)	Índice de sensualidade
16	“os cabelos amarelos caíam sobre a testa enrugada, os olhos baixavam-se, cheios de culpa, desviando-se dos outros olhos” (p. 190)	Índice de culpa e vergonha

Fonte: A autora

As 16 ocorrências do índice *olhos* em relação a Marina estão organizados em ordem cronológica na narrativa. Observe-se que até quase a metade da narrativa de *São Bernardo*, a personagem mantém, aos olhos do narrador, um padrão de conduta de sedução ligado ao seu olhar. A partir de sua gravidez, fruto do seu envolvimento com Julião Tavares, quando estava comprometida com Luís da Silva, os olhos de Marina passam a apontar outro caminho. O caminho da vergonha e da culpa. O fragmento 15 retoma o aspecto da sensualidade a partir das lembranças do protagonista-narrador.

O quadro 23, a seguir, remete diretamente ao personagem principal, Luís da Silva, mais uma vez, corroborando as análises empreendidas. Das 55 ocorrências, foram destacadas 34 delas, evitando-se muitas repetições.

Quadro 23 – Potencial sógnico de valor semântico *negativo* deflagrado pelo contexto de uso do substantivo *olhos* em relação a Luís da Silva (continua)

	Fragmento	Potencial sógnico
1	“Penso no meu cadáver, magríssimo, com os dentes arreganhados, os olhos como duas jabuticabas sem casca” (p. 9)	Índice de morte física
2	“Enfiando os olhos pela janela, vi na rua o meu vizinho Joaquim Sabiá” (p. 16)	Índice de curiosidade
3	“Não quero vê-lo, baixo os olhos para não vê-lo” (p. 20)	Índice de fuga da realidade
4	“Retraía-me como um animal acuado, fechava os ouvidos às consolações, cerrava os olhos, apalpava a cabeça e sentia a dureza de ossos” (p. 23)	Índice de fuga da realidade
5	“Os ouvidos são para ele, os olhos para as figuras habituais do café” (p. 25)	Índice de ansiedade
6	“Os olhos estão quase invisíveis por baixo da aba do chapéu, e uma folha da porta oculta-me o corpo” (p. 25-26)	Índice de dissimulação
7	“Além de tudo sei que sou feio. Perfeitamente, tenho espelho em casa. Os olhos baços, a boca muito grande, o nariz grosso” (p. 35)	Índice de morte espiritual
8	“Um sujeito feio: os olhos baços, o nariz grosso, um sorriso besta e a atrapalhação, o encolhimento que é mesmo uma desgraça” (p. 35)	Índice de morte espiritual
9	“Mas o dedo fatigava-se, entorpecia, e os olhos desviavam-se das letras, pregavam-se na toalha, nas moscas adormecidas sobre as nódoas” (p. 104)	Índice de ansiedade
10	“No quarto, escuro para a conta da Nordeste não crescer, a luz que havia era a do cigarro, que me fazia desviar os olhos de um lado para outro” (p. 106)	Índice de ansiedade
11	O cheiro e o som tornavam-se insuportáveis. Esforçava-me por esquecer o nariz e o ouvido, abria os olhos” (p. 117)	Índice de ansiedade
12	“A figura de Cirilo de Engrácia passou-me diante dos olhos, mas desapareceu logo” (p. 192)	Índice de obsessão
13	“Abria os olhos desmedidamente, mas tinha medo de virar a cabeça para ver o corpo que se alongava e emagrecia” (p. 204)	Índice de pouca visão
14	“Escancarei os olhos. O que vi foi o corpo de Julião Tavares deformado pela escuridão” (p. 207)	Índice de pouca visão
15	“Cheguei à sala de jantar às apalpadelas, abri o comutador e fiquei ao pé da mesa, piscando os olhos à luz” (p. 212)	Índice de cansaço
16	“Os olhos, ordinariamente embaciados, tinham um pequeno brilho duro” (p. 212)	Índice de vingança

Fonte: A autora

Quadro 23 – Potencial sógnico de valor semântico *negativo* deflagrado pelo contexto de uso do substantivo *olhos* em relação a Luís da Silva (continuação)

	Fragmento	Potencial sógnico
17	“Olhei-as, mas entre os olhos e as mãos havia um nevoeiro que engrossava” (p. 214)	Índice de confusão
18	“Fechei os olhos, encostei a cabeça à mesa, remexi os dedos com o fósforo queimado” (p. 214)	Índice de cansaço
19	“Levantei a cabeça, arregalei os olhos e novamente cheguei a eles os dedos, que desapareciam no nevoeiro” (p. 214)	Índice de cansaço
20	“Fechei os olhos com força, tornei a abri-los” (p. 214)	Índice de cansaço
21	“Fechei os olhos - e o burburinho recomeçou” (p. 215)	Índice de cansaço
22	“Abri os olhos numa agonia” (p. 215)	Índice de cansaço
23	“Tossia e limpava os olhos, que lacrimejavam” (p. 216)	Índice de adoecimento
24	“De minuto a minuto suspendia o trabalho para enxugar os olhos” (p. 217)	Índice de adoecimento
25	“Enxuguei os olhos. A cabeça doía-me” (p. 217)	Índice de adoecimento
26	“Os olhos pestanejavam, e choravam lágrimas quentes que eu enxugava na manga” (p. 219)	Índice de adoecimento
27	“De quando em quando passava a manga do pijama nos olhos molhados” (p. 222)	Índice de adoecimento
28	“Recostei-me na cadeira e cerrei os olhos” (p. 223)	Índice de cansaço
29	“Afastei-me da parede e arregalei os olhos para a mulher que lava garrafas e o homem que enche dornas” (p. 225)	Índice de fuga da realidade
30	“Quería dormir, arregalava os olhos e abria os ouvidos” (p. 227)	Índice de ansiedade
31	“Desejava livrar-me delas, interromper aquelas viagens para cima e para baixo, andar na terra. Escancarava os olhos. O homem sem rosto havia desaparecido, e eu tinha agora um livro aberto sobre o colchão” (p. 227)	Índice de ansiedade
32	“Empurrava os travesseiros e tentava abrir os olhos” (p. 230)	Índice de ansiedade
33	“Os meus olhos abriam-se, fechavam-se, tornavam a abrir-se” (p. 230)	Índice de ansiedade
34	“Estava a balançar-se numa rede, ia acima e vinha abaixo. E quando subia, abria os olhos, via o dedo perto das minhas ventas; quando descia, ouvia o arranhar da vitrola” (p. 232)	Índice de ansiedade

Fonte: A autora (continua)

Quadro 23 – Potencial sógnico de valor semântico *negativo* deflagrado pelo contexto de uso do substantivo *olhos* em relação a Luís da Silva (conclusão)

	Fragmento	Potencial sógnico
35	“Eu escondia as mãos nas cobertas, enrolava o pano debaixo do queixo e tremia, pedia-lhe com os olhos que não me deixasse só entre aquelas paredes horríveis” (p. 233)	Índice de súplica

Fonte: A autora

Como se pode observar, os índices representam a (des)organização com base no fluxo de pensamento de Luís da Silva, um fluxo caótico, com várias investidas no passado e projeções para o futuro, conforme já referido.

O primeiro índice, *morte física*, seguido dos índices de *fuga da realidade*, deve-se ao fato de a narrativa ter início posterior ao assassinato de Julião Tavares. Encontra-se, pois, o protagonista em meio a uma crise emocional. Ressalta-se que a *ansiedade*, a *confusão* e a *obsessão* são características inerentes a um indivíduo emocionalmente desequilibrado. Os olhos de Luís da Silva denotavam esse desequilíbrio, assim como sua tentativa de livrar-se do turbilhão de emoções que o invadiam. Também fica evidente o adoecimento do protagonista após o assassinato cometido. Os olhos de Luís da Silva refletem esse adoecimento e o cansaço do ato de ver.

Em algumas das ocorrências os olhos remetem ao campo semântico da observação da análise do contexto. Em outras, remete ao campo semântico da desconfiança. Em outros da fuga da realidade. Todas as emoções do protagonista tinham o olhar como ponto de partida.

O ‘olho carregado de ódio’ (projeção do olho-arquétipo ‘duro, de vidro, imóvel na órbita escura’ de padre Inácio) consubstancia todo o ódio de Luís da Silva, que o havia de levar ao assassínio (CRISTÓVÃO, 1986, p. 205).

O caminho para o assassinato é traçado em toda a narrativa, seja com referência ao instrumento usado, a corda, seja com lembranças de pessoas mortas, enforcadas. Os excertos apresentados nos quadros destacam a importância que Luís da Silva dava à visão. O uso que fazia desse sentido era tão intenso que se incomodava quando os outros sentidos recebiam excesso de estímulo. Como se pode observar no fragmento 11, do Quadro 23, “O cheiro e o som tornavam-se insuportáveis. Esforçava-me por esquecer o nariz e o ouvido, abria os olhos” (*Angústia*, 1987, p. 117). Sua dependência de sentir pelo ver e de ser visto pelos outros era tamanha que até o olhar dos gatos exercia sobre ele grande alteração emocional. Os olhos do felino são citados nove vezes no romance. Na cena em que retira o dinheiro de Vitória do quintal, sente-se vigiado pelos olhos do gato em cima do muro como que a vigiá-lo. Durante a

cena, tenta afastar os maus pensamentos, “Que lembrança! Bastavam as luzes medonhas dos olhos do gato” (*Angústia*, 1987, p. 130). Os olhos do gato o ameaçavam, assim como os seus ameaçavam as outras pessoas.

Vale a pena destacar que os índices que remetem à *morte espiritual* denotam ausência de ânimo, de vivacidade, indicando, possivelmente, um estado depressivo. Tanto o ato de enxergar quanto o de pensar funcionavam como válvula de escape à realidade. Luís da Silva usava a visão e os pensamentos para fugir ao momento presente. Contudo, esse exercício aumentava sua angústia e sofrimento. A personagem afirma ser “Uma felicidade não pensar, andar assim trôpego como um papagaio” (*Angústia*, 1987, p. 215). Esse trecho narra o momento imediatamente após o assassinato de Julião Tavares. Luís da Silva está confuso com o ocorrido e, no escuro, anda desordenadamente pela casa. Nesse momento de torpor, Luís da Silva, narrador, relata a felicidade de não pensar, simplesmente por agir mecanicamente.

A necessidade de olhar, ver as coisas, é reconhecida pelo próprio protagonista,

Deviam ser duas horas da madrugada. - Sem dúvida. Julião Tavares não tardaria em deixar a casinha que se trepa no morro, junto a uma barreira vermelha. Seguiria pela rodagem? Pela estrada de ferro? Só vendo. Esta necessidade de ver encolerizou-me: - Besta! Farejando imundícies como um cachorro (*Angústia*, 1987, p. 192).

Essa característica associada às imaginações da personagem em relação à sexualidade das mulheres, ou mesmo fazendo referência aos atos sexuais de D. Rosália, deixa clara a tendência ao voyeurismo de Luís da Silva. Se, por um lado, o olhar em *Angústia* representa tanto o poder de vigiar, de observar e conhecer a alteridade, por outro, configura a sensação de estar sendo vigiado, perseguido pelo outro.

Nesse contexto em que a visão deveria ser fonte de prazer e felicidade é, para Luís da Silva, fonte de sofrimento. A doença nos olhos é, de certa forma, libertadora. O protagonista não precisará mais fechar os olhos para fugir à realidade que se impõe.

7.3 As contradições do olhar em *Vidas Secas*

O campo semântico da visão em *Vidas Secas* faz com que o leitor desenvolva simpatia em relação ao protagonista do romance. Fabiano não alimenta ódio das pessoas, não age com preconceito como observado nos romances anteriores. O vaqueiro tende a acreditar nas pessoas

e, por isso, sente-se enganado quando percebe a incoerência das atitudes, principalmente, quando essa incoerência é de uma instância governamental.

7.3.1 O potencial sógnico de valor semântico do substantivo *olho*

O quadro a seguir apresenta duas fontes de opressão em relação aos sertanejos, a natureza e o governo. São duas fontes que se revezam na produção de sofrimento para Fabiano e sua família. Apesar de serem apenas dois fragmentos, em função do substantivo escolhido, essa configuração pode ser observada em toda a narrativa do romance. Em situações concernentes à escassez de alimento, à cobrança de impostos e aos desmandos dos patrões são frequentes no texto.

Quadro 24 – Potencial sógnico de valor semântico *negativo* do substantivo *olho* em *Vidas Secas*

	Fragmento	Índice
1	“Ja inquieto, uma sombra no olho azulado. Era como se na sua vida houvesse aparecido um buraco” (p. 56)	Tristeza
2	“A certeza do perigo surgira - e ele estava indeciso, de olho arregalado, respirando com dificuldade” (p. 145)	Medo

Fonte: elaborado pela autora

Os dois fragmentos, nos quais o substantivo *olho* é usado, representam momentos difíceis para a família de retirantes. No primeiro, Fabiano e família enfrentam a estiagem, sem água para o consumo e sem esperança de sobrevivência. No segundo, quando enfrenta o *soldado amarelo* em meio à caatinga, Fabiano hesita entre o desejo de acabar com a figura covarde que o prendera e respeitar um representante do governo. Nesses contextos, o substantivo denota o sentimento do personagem em meio às tensões enfrentadas, configurando um índice de valor semântico negativo.

O substantivo *olhos* apresenta um maior número de ocorrências. Com um total de 39 ocorrências, a maior parte, 21, apresenta valor semântico *neutro*, com referência à parte do corpo. Essas ocorrências foram omitidas nos quadros a seguir. Para melhor visualização dos resultados, os valores semânticos *positivo* e *negativo* são apresentados em quadros separados conforme segue.

7.3.2 Potencial sógnico de valor semântico do substantivo *olhos*

Diferentemente do tópico anterior, este apresenta a esperança dos sertanejos em relação às intempéries da natureza. O sertanejo resiste à seca e mantém sua esperança em dias melhores, conforme se observa no quadro a seguir.

Quadro 25 – Potencial sógnico de valor semântico *positivo* do substantivo *olhos* em *Vidas Secas*

	Fragmento	Potencial sógnico
1	“E quando abria os olhos, distinguia vagamente um monte próximo, algumas pedras, um carro de bois” (p. 46)	Resistência
2	“Não podendo perceber as feições do pai, cerrava os olhos para entendê-lo bem” (p. 108)	Índice de concentração
3	“Foi beber cachaça numa tolda, voltou, pôs-se a rondar indeciso, pedindo com os olhos a opinião da mulher” (p. 118)	Índice de questionamento
4	“Ficou ali de cócoras, cachimbando, os olhos e os ouvidos muito abertos para não perder a festa” (p. 124)	Índice de concentração
5	“O menino mais novo interrogou-o com os olhos” (p. 125)	Índice de questionamento
6	“Fabiano arregalava os olhos e desejava continuar a admirá-la” (p. 160)	Índice de admiração
7	“Sinha Vitoria riu e baixou os olhos. Não era tanto como ele dizia não” (p. 166)	Índice de timidez
8	“Baixou os olhos encandeados, procurou descobrir na planície uma sombra ou sinal de água” (p. 168)	Índice de esperança

Fonte: A autora

As oito ocorrências do substantivo *olhos* com valor semântico *positivo* apresentam um fio de esperança que perpassava a vivência dos sertanejos, como até hoje se pode verificar. A despeito das intempéries, da estiagem e das condições precárias, os migrantes permanecem com esperança de encontrar um lugar de subsistência. Nesse contexto adverso, não faltam os momentos de delicadeza entre os nordestinos, conforme se percebe nos fragmentos 6 e 7. O quadro a seguir apresenta as ocorrências com valor semântico *negativo*.

Quadro 26 – Potencial sígnico de valor semântico *negativo* do substantivo *olhos* em *Vidas Secas*

	Fragmento	Potencial sígnico
1	“Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos” (p. 43)	Índice de esgotamento
2	“Estremeceu lembrando-se da seca, o rosto moreno desbotou, os olhos pretos arregalaram-se” (p. 79)	Índice de preocupação
3	“O menino deitou-se na esteira, enrolou-se e fechou os olhos” (p. 87)	Índice de medo
4	“E a língua engrossava, perra, Fabiano cuspiu, fixava na mulher e nos filhos uns olhos vidrados” (p. 119)	Índice de turvação do sentido
5	“Fabiano pregou nele os olhos ensanguentados, meteu o facão na bainha” (p. 143)	Índice de ódio
6	“Sufocava-se, as rugas da testa aprofundavam-se, os pequenos olhos azuis abriam-se demais, numa interrogação dolorosa” (p. 145)	Índice de ódio
7	“Era uma lazeira, certamente, mas vestia farda e não ia ficar assim, os olhos arregalados, os beijos brancos” (p. 150)	Índice de ódio
8	“Fabiano levantou-se, um brilho de indignação nos olhos” (p. 157)	Índice de ódio
9	“Estirou os olhos pela campina, achou-se isolado” (p. 158)	Índice de desesperança
10	“Os olhos de Fabiano se umedeceram” (p. 170)	Índice de desesperança

Fonte: A autora

As dez ocorrências com potencial semântico *negativo* são bastante significativas em relação ao projeto comunicativo do romancista. Os quatro índices deflagradores do sentimento de ódio “olhos ensanguentados”, “olhos arregalados”, “indignação nos olhos” os olhos abertos demais têm como alvo uma única personagem, o *soldado amarelo*. Personagem que representa o Governo. Covarde, contraditório e opressor, o *soldado amarelo* é o único que desperta tal sentimento em Fabiano.

Em *Vidas Secas*, a personagem de seu Tomás da bolandeira recebia o reconhecimento de seus conterrâneos. Segundo Felipe (2017),

A origem de seu nome vem do aramaico *To'ma*, que significa “gêmeo”. *Gêmeo* do latim *gemīnus*, tem sua origem em *geminar*, do latim *gemināre*. A versão latina, Thomas, gerou as variantes Tomás e Tomé. A iconicidade de seu nome remonta à ideia de gemação, duplicação, fecundidade. Essa ideia é confirmada quando associada ao nome *bolandeira* – substantivo feminino, conhecido nas regiões Norte e

Nordeste como máquina de descarregar algodão ou grande roda puxada por animais, que move o rodete de ralar mandioca. O codinome pelo qual é conhecido faz com que o leitor deduza seu ofício. Movimento, vida, produtividade são signos associados à personagem de *seu Tomás da bolandeira* (FELIPE, 2017, p. 31).

Contudo, essa iconicidade se perde na narrativa quando seu Tomás, assim como os outros sertanejos, torna-se vítima da seca. A relação entre a iconicidade do nome e da profissão, associada à realidade da narrativa produz um “índice às avessas”, segundo Felipe (2017, p. 31). A narrativa apresenta uma personagem que passava “amarelo, sisudo, corcunda, montado num cavalo cego, pé aqui, pé acolá, Fabiano e outros semelhantes descobriam-se” (*Vidas Secas*, 1970, p. 58).

Um cavalo cego para conduzir um homem letrado é, no mínimo, uma ironia da narrativa graciliana. Quanto maior o conhecimento, pior as consequências da seca, “Dos homens do sertão o mais arrasado era seu Tomas da bolandeira. Por quê? Só se era porque lia demais” (*Vidas Secas*, 1970, p. 57).

Confirmando as análises desenvolvidas, pode-se observar a identidade controladora de Paulo Honório, doentia de Luís da Silva e resistente de Fabiano. Dentro da mesma linha de raciocínio, os aspectos da cegueira, oposta à temática da *visão*, têm sua importância na obra de Graciliano Ramos. Ao mesmo tempo em que a temática da visão é a base na construção dos romances em foco, sua negação, ou seja, a cegueira também configura um tema necessário ao entendimento das obras em análise.

8 A ALTA ICONICIDADE DOS ROMANCES DE GRACILIANO RAMOS

O diamante é produto da elaboração de camadas do subsolo e delas se distingue, ao mesmo tempo que também as integra. (...) se perdemos a noção da sua procedência, acabaremos nos distanciando de compreender-lhe a verdadeira natureza e poderemos passar a endossar falsificações.

Mourão, 1971 p. 21

A epígrafe que abre este capítulo faz parte da análise feita por Rui Mourão acerca da obra de Graciliano Ramos. A afirmação foi feita com base na comparação do fazer literário com o diamante. Essa comparação faz lembrar a inserção da obra do romancista alagoano no período com o qual estabelece diálogo. Vem dessa visão a necessidade de entender os vários fatores que contribuem para a compreensão dos textos e para a percepção de um possível projeto comunicativo do romancista. O potencial de significação da trilogia *São Bernardo, Angústia e Vidas Secas* é fundamentado em fatores cotextuais e contextuais que, em conjunto, contribuem para a percepção da riqueza que comportam. Neste capítulo, destacam-se as estruturas composicional e linguística dos romances.

A possibilidade que alguns capítulos apresentam de serem lidos separadamente, denotando certa independência do todo, levou à crítica de falta de unidade nas obras de Graciliano Ramos. Contudo, Cristóvão (1986) defende a ideia, com a qual este trabalho se afina, de que a temática é o fio condutor que garante a unidade das obras. Denunciando uma leitura superficial dos romances, Cristóvão afirma que as críticas são devidas às

impressões de superfície e de leitura primeira do que na consideração atenta dos elementos fornecidos pela sua história genética, pela análise interna da estruturação dos romances nos três níveis a que ela se pode situar: no conjunto da obra, em cada um dos livros individualmente considerados, e no próprio tecido do texto (CRISTÓVÃO, 1986, p. 150).

Em profunda análise da obra de Graciliano Ramos, Cristóvão acrescenta ainda que a visão equivocada da fragmentação dos romances é fruto da ilusão dos críticos, decorrente de uma “informação deficiente das datas de redação dos originais e seu aparecimento na imprensa periódica” (CRISTÓVÃO, 1986, p. 161).

A pesquisa detalhada desse estudioso confirma a trilha que vem sendo perseguida nas análises aqui propostas. Cristóvão acrescenta que “Cada capítulo vale por si, mas todos se ligam para construir um valor diferente” (CRISTÓVÃO, 1986, p. 171). Atribui-se esse “valor diferente” ao caráter metonímico das obras, funcionando como índices da realidade vivenciada por Graciliano Ramos na época de referência.

Vale ressaltar que o caráter metonímico das obras não está ligado à quantidade de ocorrências dessa figura de linguagem. Segundo Cristóvão, existe, nessas obras, uma tendência “metonímica do prosador realista” (CRISTÓVÃO, 1986, p. 203). Essa configuração das narrativas ressalta a necessidade do conhecimento da realidade sócio-histórica do período no qual as obras estão localizadas. A ausência de informações importantes do universo de referência dos romances tira do leitor a possibilidade de compreender mais profundamente o texto lido. A contribuição de Antônio Cândido, na análise da literatura nacional, é importante reflexão nesse momento.

No capítulo em que trata dos “Elementos de compreensão” do texto literário, Antônio Cândido apresenta três possíveis níveis de análise do texto. O primeiro nível aborda fatores externos ao texto, que o vinculam ao tempo histórico de produção. O segundo trata da individualidade do autor inscrita no texto e o terceiro nível se refere ao próprio texto. Para o autor de *Formação da Literatura Brasileira*, “o crítico precisa referir-se a estas três ordens de realidade, ao mesmo tempo” (CÂNDIDO, 2000, p. 34) para não incorrer em uma análise parcial ou fragmentada. Defensor da análise crítica ampla e criteriosa, afirma ainda que

Com efeito, ao contrário do que pressupõem os formalistas, a compreensão da obra não prescinde a consideração dos elementos inicialmente não-literários. O texto não os anula, ao transfigurá-los, e sendo um resultado, só pode ganhar pelo conhecimento da realidade que serviu de base à sua realidade própria. Por isso, se o entendimento dos fatores é desnecessário para a emoção estética, sem o seu estudo não há crítica, operação, segundo vimos, essencialmente de análise, sempre que pretendemos superar o impressionismo. (CÂNDIDO, 2000, p. 34).

Permanecendo nessa linha de raciocínio, entende-se os textos-cópus como romances de alta iconicidade, segundo os pressupostos de Simões (2009, p. 92), visto que apresentam isotopias no tecido textual “perceptíveis ao leitor a partir da captação da posição discursiva manifesta na seleção lexical, no modelo gramatical, no gênero ou no tipo textual, na diagramação (ou projeto visual do texto)”, contribuindo, em todos os sentidos, para o entendimento da leitura.

Pode-se afirmar que *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas Secas* configuram um símbolo da literatura nacional dos chamados *Romances de 1930*. As três obras compõem uma trilogia

semiótica cujas características se complementam na construção do projeto comunicativo de Graciliano Ramos. Desde o título, passando pela estrutura dos capítulos, até a composição linguística, todos os pontos são ligados para construir um texto cuja significação é realizada no conjunto.

Iniciando pela abordagem linguística das obras verificou-se, com auxílio do *software AntConc*, a composição lexical de cada um. A ferramenta *Word Type* indica o número de palavras diferentes usadas no córpus de análise. Ou seja, essa ferramenta demonstra o cabedal léxico da obra, denotando riqueza linguística e maior recurso para o exercício da função paradigmática da língua, já que tem maior possibilidade de escolha para a expressão linguística. Já a ferramenta *Word Token* apresenta o número total de palavras componentes do texto-córpus. De acordo com a frequência lexical, esse recurso pode indicar desde um alto nível de repetitividade a um poder de síntese apurado. A associação dessas duas informações oferece dados de análise importantes acerca do aparato lexical do texto.

O resultado da análise dos romances com a ferramenta apresentada está resumido na tabela a seguir.

Tabela 3 – Total de palavras e de palavras novas por romance

Romance	Word Token	Word Type
<i>São Bernardo</i>	36.265	7.236
<i>Angústia</i>	68.577	10.308
<i>Vidas Secas</i>	25.888	5.257

Fonte: A autora

Esse resultado apresenta um dado bastante interessante. A quantidade de palavras que compõe a narrativa de *Angústia* é bastante superior em relação aos dos dois outros romances. Deve-se lembrar que o narrador e protagonista de *Angústia* tem um nível de formação e letramento muito superior aos protagonistas de *São Bernardo* e *Vidas Secas*. É um “pequeno detalhe” bastante significativo, visto que essa superioridade não ocorre apenas no número total de ocorrências (*token*), mas também na quantidade de palavras diferentes (*type*) usadas no texto. Tal fato contribui para o perfil de Luís da Silva como um filho da classe média-alta da época cujo ressentimento era o não reconhecimento de seu valor na sociedade.

Se, por um lado, pode-se afirmar que dizer mais com menos palavras denota poder de síntese; ou mesmo que configura índice de riqueza vocabular. Por outro, entende-se que a

quantidade superior de palavras em *Angústia* não denota defeito; pelo contrário, corrobora a representação do fluxo de consciência do narrador em suas crises constantes de identidade.

A paisagem árida de *Vidas Secas* é iconicamente representada, nessa obra, pela linguagem seca de Graciliano Ramos. Percebe-se esse reflexo também na quantidade menor de palavras usadas tanto no total de palavras usadas – total de ocorrências –, quanto no número de palavras novas; ou seja, número de palavras diferentes, ignoradas as repetições.

Para analisar o potencial sógnico dessas obras contou-se com o auxílio do *software* na análise do léxico cujas ferramentas contribuíram também na construção de uma lista de palavras-chave. Essa lista dá suporte às análises empreendidas neste trabalho com relação ao perfil das personagens. Em função disso, de todos os vocábulos constantes da lista de palavras-chave, foram consideradas para análise apenas os substantivos. Essa escolha decorre do potencial de significação dessas formas que representam, por similaridade ou por contiguidade, o objeto ao qual se referem. Sua função nominalizadora possibilita, dessa forma, a criação do signo na mente do intérprete. As demais classes morfológicas, ainda que presentes na listagem, foram ignoradas para os estudos. As análises aqui referidas são apresentadas a seguir.

8.1 *São Bernardo*

O primeiro romance da trilogia, publicado em 1934, tem por título *São Bernardo*. O título do romance é homônimo da fazenda da qual o protagonista *Paulo Honório* se torna proprietário. A composição do nome é feita a partir da forma *são*, apócope do adjetivo *santo*, associada ao substantivo próprio *Bernardo*. O adjetivo *santo* tem por significado “sagrado”, “que vive segundo os preceitos religiosos, a lei divina” (CUNHA, 2010). O substantivo *Bernardo*, por sua vez, tem sua origem no germânico *Bern-hard*, que significa “‘forte como um urso’, ou ainda, de forma figurada, ‘guerreiro forte’”. O nome remete ainda ao cão da raça *São Bernardo*, conhecido por auxiliar pessoas que ficam perdidas em regiões montanhosas (OBATA, 1986).

Essa simples composição já lança luz ao potencial linguístico do texto que o leitor encontrará pela frente a posse da fazenda *São Bernardo* sempre fora o objetivo de vida de Paulo Honório. Viveu, enganou e trapaceou com o fito de adquirir a propriedade. Até então, o protagonista vivia “perdido”, sem família de origem, criado por uma ex-escrava, guiando cego para conseguir sobreviver. A conquista da fazenda *São Bernardo* representava para Paulo

Honório a superação de uma vida sem rumo, em meio aos caminhos tortuosos pelos quais andara a personagem. Associando-se à iconicidade do nome da obra, a identificação dos capítulos acompanha essa caracterização do romance.

O narrador-protagonista tem dificuldade com as palavras, conforme ele mesmo constata, “O que é certo é que, a respeito de letras, sou versado em estatística, pecuária, agricultura, escrituração mercantil, conhecimentos inúteis neste gênero” literário (*São Bernardo*, 1972, p. 65). Não à toa, a narrativa é repleta de expressões lexicalizadas, até então distantes dos textos literários. Como sempre trabalhara com números, o romance reflete essa vivência de Paulo Honório; os capítulos são identificados por números, não por palavras.

No mesmo sentido, as palavras-chave listadas no romance *São Bernardo* refletem essa tendência numérica, como se observa na Tabela 4. Das 19 palavras listadas, 17 são nomes de personagens; apenas 2 fogem desse padrão: um verbo e um numeral. Apesar de não ser um substantivo, foco da abordagem aqui proposta, a existência do numeral *cinquenta*, com 23 ocorrências, é índice da atuação profissional e dos interesses de Paulo Honório.

Tabela 4 – Relação de palavras-chave do romance *São Bernardo*

Palavra	Frequência	Palavra	Frequência		
1	É	358	11	Lopes	46
2	Madalena	176	12	Silvestre	43
3	Padilha	148	13	Bernardo	42
4	Glória	105	14	Magalhães	42
5	Gondim	103	15	Mendonça	40
6	Nogueira	89	16	Paulo	39
7	Ribeiro	75	17	Marciano	38
8	João	62	18	Brito	29
9	Casimiro	55	19	Cinquenta	23
10	Azevedo	50			

Fonte: A autora

A despeito do fato de não contribuírem para uma análise em torno da iconicidade na narrativa, é importante destacar os dois primeiros substantivos da lista, trata-se de Madalena e Padilha, este configura o pivô do ciúme de Paulo Honório. Além disso, Luís Padilha configura

o derrotado do qual o protagonista tira proveito, comprando-lhe a fazenda e humilhando-o no trabalho da fazenda *São Bernardo*.

Por outro lado, a presença do numeral na listagem mostra-se icônica com a área de atuação da personagem, uma vez que, conforme referido anteriormente, o protagonista afirma só saber lidar com números e não com palavras. Narrando a própria história, Paulo Honório deixa na narrativa as características de um homem prático, metucioso, cujas ações eram direcionadas à posse de bens materiais. Não fazia nada que não lhe rendesse alguma vantagem.

8.2 *Angústia*

O segundo romance dessa trilogia foi publicado em 1936, ano de reclusão de Graciliano Ramos no sistema prisional. Marcante em sua composição, o texto contagia o leitor com o sentimento que assola seu narrador e protagonista Luís da Silva, iconicamente representado no título da obra. Todas as acepções sugeridas para o verbete *angústia*, apresentadas pelo dicionário etimológico de Antônio Geraldo da Cunha, encaixam perfeitamente ao protagonista do romance: “estreiteza, limite, restrição, ansiedade ou aflição intensa” (CUNHA, 2010, p. 41), são características que saltam da trama textual a partir das escolhas lexicais e da estrutura da narrativa elaborada por Graciliano Ramos.

Esse perfil do narrador-personagem é refletido no texto pela vertiginosa narrativa, com idas e vindas no tempo de memória do protagonista. Segundo Mourão “de forma caótica, a voz que se ergue das páginas se refere a fatos passados, às vezes nos fornecendo alguma informação concreta” (MOURÃO, 1971, p. 88).

O reflexo desse caos aparece na não identificação dos capítulos do romance. Três asteriscos separam um capítulo do outro, que não são nomeados nem numerados. Segundo Mourão, “o sentido de construção impunha que a marcha narrativa não se organizasse através de pausas mais ou menos longas, antes desse a ideia de um avanço caótico, encapelado, incontrolável” (MOURÃO, 1971, p. 92).

As palavras-chave, listadas pelo *software* usado, também denotam características do perfil doentio de Luís da Silva. O programa listou 34 palavras-chave. Dessas foram desprezadas duas categorias, as palavras gramaticais – preposições, artigos e pronomes – e os nomes de personagens, visto que seria óbvia a alta frequência. Em função disso, restaram 9 substantivos

bastante significativos na personalidade da personagem: *rua*, *corda*, *pés*, *corpo*, *quintal*, *ideia*, *gato*, *repartição* e *mangueira*, aqui relacionados em ordem decrescente de frequência.

Tabela 5 – Relação de palavras-chave do romance *Angústia*

	Lugar	Frequência	Potencial sígnico na obra
1	Rua	119	Índice de liberdade
2	Corda	66	Índice de morte (assassinato)
3	Pés	60	Índice de morte
4	Corpo	59	Índice de realidade
5	Quintal	47	Índice de refúgio, esconderijo
6	Ideia	37	Ícone de pensamento
7	Gato	36	Índice de mistério, ou de coisa traiçoeira
8	Repartição	29	Índice de segurança, bem-estar
9	Mangueira	26	Símbolo (para o casal) de segredo, ocultação

Fonte: A autora

Das palavras em referência a lugar, desprezaram-se as formas plurais, já que são citadas com sentido genérico. Já a forma *pés*, foi desprezada sua forma singular por ser usada no texto com sentido conotativo, não se referindo à parte do corpo e também por não figurar na listagem.

A palavra *rua* aparece no texto com dupla significação. Se, por um lado, Luís da Silva entra em choque com a realidade, quando esta lhe invade os olhos, por outro, era o lugar em que ele podia ser livre, sem interagir com ninguém nem com a obrigação de prestar obediência. No trecho em que fala de autoridade ou de seu chefe, afirma que

Se o governador e o secretário me encontrarem, é como se não encontrassem. Não os enxergo, na rua sou um homem. Pensam que vou encolher-me, sorrir, o chapéu na mão, os ombros derreados? Pensam? Estão enganados. Sou um bípede. É isto, um bípede (*Angústia*, 1987, p. 122).

O sentimento de inferioridade do protagonista é indicialmente representado no segundo período da citação. Longe das pessoas era um homem. Diferentemente de quando estava em ambientes fechados. Nesses lugares, encolhia-se “Com uma despesa de dois tostões, passo ali uma hora, encolhido junto à porta, distraíndo-me” (*Angústia*, 1987, p. 25).

A palavra *corda* representa a possibilidade de morte alheia. Configura um índice da morte de Julião Tavares. Em momentos de delírio, Luís da Silva sente-se atordoado com a semelhança de certos objetos com uma corda.

Sem dúvida. Imaginava perfeitamente. E não tirava os olhos da parede manchada, do rodapé vermelho, do cano.
- Um pedaço daquilo é arma terrível. Arma terrível, sim senhor, rebenta a cabeça de um homem. Já tem visto.
Mas aquele, comprido demais, pregado ao chão não tinha jeito de arma: parecia uma corda estirada (*Angústia*, 1987, p. 97).

A recorrência desse substantivo prepara o leitor para o momento em que o funcionário público assassina seu rival, enforcado em uma árvore. Além desse índice, outras palavras fazem referência à morte. Seja de forma direta, remetendo à morte de alguma personagem, seja nos momentos de crise em que Luís da Silva imagina a morte de alguém.

O substantivo *pés* tem um significado bem interessante na obra. O protagonista demonstra uma certa fixação por pés, especialmente, quando os associa a defuntos. Essa associação tem indícios das suas memórias quando, na infância, vira o pai falecido cujos pés não estavam cobertos com o lençol. Duas cenas são marcantes para as reiteradas lembranças: a cena do pai com os pés descobertos e a do enforcamento de Cirilo de Engrácia, com os pés balançando acima do chão.

Pensei em Cirilo de Engrácia, visto dias antes em fotografia - um cangaceiro morto, amarrado a uma árvore. Parecia vivo e era medonho. O que tinha de morto eram os pés, suspensos, com os dedos quase tocando o chão. Os pés de Camilo Pereira da Silva, ossudos, magros, eram assim desgovernados. Os de Marina estavam metidos na areia. E Marina parecia morta (*Angústia*, 1987, p. 180-183).

O substantivo *corpo* denota simplesmente o reflexo das ações, ou da junção de membros que, com frequência, aparecem desconjuntados na narrativa. Pensando na possibilidade de ser preso, por causa do assassinato de Julião Tavares, Luís da Silva analisa,

Podia o resto do corpo ficar sujo, podiam os piolhos tomar conta da cabeça e as roupas esfrangalhadas cobrir mal a carne friorenta. Se me dessem água para lavar as mãos, estaria tudo muito bem (*Angústia*, 1987, p. 162).

A fragmentação da mente de Luís da Silva é iconicamente representada pela fragmentação dos corpos que imaginava. Essa fragmentação está intimamente ligada ao pensamento de morte que o acompanhava.

A palavra *quintal* representa um lugar de refúgio para o funcionário público; lugar onde poderia ocultar segredos inconfessáveis. Era no quintal onde se escondia para pegar o dinheiro

da empregada Vitória, enterrado ao pé da mangueira. Também era lá que espreitava a chegada de Marina e onde mantinham o encontro amoroso.

Afinal, para a minha história, o quintal vale mais que a casa. Era ali, debaixo da mangueira, que, de volta da repartição, me sentava todas as tardes, com um livro (*Angústia*, 1987, p. 39).

O substantivo *ideia* está sempre associado a pensamento, sem nenhuma conotação diferente disso. Sua presença na lista de palavras-chave deve-se à proliferação de pensamentos, que reflete o fluxo da consciência do protagonista.

É estúpido, mas eu tinha realmente a impressão de que um objeto agudo me penetrava a cabeça. Dor terrível, uma ideia que inutilizava as outras ideias. Julião Tavares devia morrer (*Angústia*, 1987, p. 145).

A palavra *gato* apresenta uma dupla significação. Se, por um lado, representa índice de mistério, por outro, é usado como índice de traição.

Estava linda. Tinha corrido por ali alguns minutos como um rato, chiando. Eu era um gato ordinário. Podia saltar em cima dela e abocanhá-la: ao pé das estacas podres que Vitória remove todos os meses, desafiava-me com os olhos e com os dentes miúdos. Não saltei (*Angústia*, 1987, p. 62).

A *repartição* era o lugar onde Luís da Silva se sentia bem, onde podia mostrar suas habilidades com a escrita, onde era útil com o seu conhecimento. Produzia artigos que outros assinavam. Sua competência era provada, a despeito da subordinação a que estava sujeito.

Era, pois, na repartição que eu obtinha algum sossego. As imagens que me atormentavam na rua surgiam desbotadas, espaçadas e incompletas. O ambiente era impróprio à vida intensa que elas tinham lá fora. Quando se iam fixando, um tique-taque de máquina de escrever, o chiar de uma folha que roçava sobre outra como lixa, um toque distante de campainha, uma voz descontente e adocicada, todas as complicações miúdas que me sustentam, cortavam as figuras esboçadas (*Angústia*, 1987, p. 165).

Era ao pé da *mangueira*, conforme dito, que Luís da Silva e Marina se encontravam. A árvore guardava os segredos do casal, sem que ninguém os visse e onde Luís da Silva se aventurava nos prazeres da carne.

Marina tinha deixado de ver-me à tarde, mas todas as noites a gente se reunia no fundo do quintal. Ela passava pelo buraco da cerca, encostava-se ao tronco da mangueira, e eram beijos, amolegações que nos enervavam (*Angústia*, 1987, p. 67).

Além disso, o quintal também representava um lugar de observação. De lá, Luís da Silva observava Marina, os vizinhos e os transeuntes. Era o lugar onde dedicava horas de leitura e um ponto de equilíbrio entre a casa e a rua.

8.3 *Vidas Secas*

Com uma iconicidade peculiar, o romance *Vidas Secas* associa o adjetivo *secas* a toda forma e a toda fonte de vida. Da paisagem seca aos viventes “sem vida”; da vida sem recursos materiais à falta de recurso linguístico. As personagens do romance de Graciliano Ramos estão iconicamente representadas no título da obra. Semelhantemente, os capítulos vão muito além da menção aos fatos ocorridos ou da identificação das personagens ali tematizadas.

A título de exemplificação, vale trazer ao texto um trecho do estudo desenvolvido por Felipe (2017), em relação aos capítulos de *Vidas Secas*. Com base na análise do verbete “mudança”, cujo significado é associado à ideia de “alteração, modificação e variação”, a autora sugere que o substantivo encontra correspondência no romance

apenas com o sentido de “transportar alguém ou alguma coisa”. A ideia de *mudança* como “variação das coisas de um estado para outro”, [...], não é corroborada pelo texto. Os retirantes transportam-se uns aos outros, quase que literalmente; arrastam-se para sair do lugar de origem em busca de outro, qualquer que seja este. Mas, a mudança de estado, da seca, da vida miserável, não ocorre; a situação permanece marcando a vida dos retirantes. A própria ideia de mudança pressupõe conhecido o lugar para onde se vai; no entanto, isso não é uma verdade para a família de *Fabiano*, já que “o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde” (FELIPE, 2017, p. 74) [grifos da autora].

O último capítulo, “Fuga”, é iconicamente associado ao primeiro, marcando o movimento cíclico da história dos sertanejos. Vale lembrar que a estruturação dos capítulos de *Vidas Secas*, assim como seus títulos são reflexo do narrador observador cuja destreza com as palavras está inscrita na obra.

O componente linguístico do texto não foge ao padrão de signo na composição da obra. A lista de palavras-chave do romance *Vidas Secas* apresenta uma configuração bastante significativa. Com um total de 21 palavras, foram selecionados cinco substantivos, seguindo-se o padrão de escolha e análise lexical.

Tabela 6 – Análise semiótica das palavras-chave (continua)

	Lugar	Frequência	Potencial sígnico na obra
1	Cabeça	42	Índice de pensamento
2	Chão	36	Índice de pertencimento e de sofrimento

Fonte: A autora

Tabela 6 – Análise semiótica das palavras-chave (conclusão)

	Lugar	Frequência	Potencial sógnico na obra
3	Pés	29	Índice de realidade
4	Água	28	Símbolo de vida, Índice de morte
5	Mãos	27	Índice de estar no mundo

Fonte: A autora

Em grande parte das ocorrências, o substantivo *cabeça* se refere estritamente à parte do corpo humano, como em “Fabiano cochilava, a cabeça pesada inclinava-se para o peito e levantava-se” (*Vidas Secas*, 1970, p. 72). Em outras, porém, refere-se à realização pessoal: “Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem” (*Vidas Secas*, 1970, p. 60), ou para indicar os pensamentos que lhe ocorriam

O soldado amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe com as costas da mão. Mataria os donos dele. Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo. Não ficaria um para semente. Era a ideia que lhe fervia na cabeça (*Vidas Secas*, 1970, p. 75).

O substantivo *chão* pode assumir vários sentidos, de acordo com o contexto de enunciação, podendo referir-se a um lugar de acolhimento, de reflexão, de pertencimento ou mesmo a um adversário, causa da dor dos retirantes. Fabiano sabia pertencer à terra, ao chão, por isso não alimentava grandes sonhos. Afinal, seria “Tolice, quem é do chão não se trepa” (*Vidas Secas*, 1970, p. 135). Mesmo assim, o texto retrata o cuidado com as incertezas que o chão apresentava, “De ordinário olhava o chão, evitando as pedras, os tocos, os buracos e as cobras” (*Vidas Secas*, 1970, p. 112). Do mesmo chão vinha a esperança, quando “Espiaava o chão como de costume, decifrando rastros. Conheceu os da égua ruça e da cria, marcas de cascos grandes e pequenos” (*Vidas Secas*, 1970, p. 143).

Os pés dos sertanejos são constante referência na narrativa. O substantivo *pés* aparece 29 vezes no texto. Seu contato direto com o chão, transformava-o no membro do corpo que mais sofria com os ataques resultantes da seca. “Aí Fabiano parou, sentou-se, lavou os pés duros, procurando retirar das gretas fundas o barro que lá havia” (*Vidas Secas*, 1970, p. 112). Desse modo, os pés no chão, literalmente, forçavam os sertanejos a manterem-se sempre presos à sua realidade.

Olhou o chão, concentrada, procurando recordar-se, viu os pés chatos, largos, os dedos separados. De repente as duas ideias voltaram: o bebedouro secava, a panela não tinha sido temperada (*Vidas Secas*, 1970, p. 80).

Fonte de vida e da esperança no sertão nordestino, a *água* é frequente na narrativa. Contudo, na maior parte das vezes em que aparece no texto, é apenas citada, não como fato real. Nesse último caso, é na forma de água salobra, água barrenta. Em dois momentos em que a água se apresenta como possível refrigerio, surge como falta ou como ameaça à vida. A primeira, minguada, em tempos de seca: “Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito” (*Vidas Secas*, 1970, p. 49). A segunda, uma ameaça, em tempos de chuva: “Dentro em pouco o despotismo de água ia acabar, mas Fabiano não pensava no futuro. Por enquanto a inundação crescia” (*Vidas Secas*, 1970, p. 104).

Na obra de Graciliano Ramos, as partes do corpo se alternam de acordo com o romance. No caso de *Vidas Secas*, o substantivo *mão* ganha duas formas de significação. Uma, como forma de contato com o mundo: “A mão grossa, cabeluda, cheia de manchas e descascada, tremia sacudindo a vareta” (*Vidas Secas*, 1970, p. 158); a outra, conotativamente, como forma de expressão desse mundo, mediante o uso de expressões lexicalizadas como “mão de pilão”, “com quatro pedras na mão” ou “de mão beijada”; conforme se verifica em “Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada!” (*Vidas Secas*, 1970, p. 136).

8.4 Os romances e o contexto sociopolítico

Além das especificidades de cada romance, as três obras apresentam menção explícita ao período histórico de referência. Em *Angústia*, vários trechos remetem ao momento de tensão vivenciada na política nacional. O substantivo *política* aparece cinco vezes no texto. Uma dessas ocasiões é em debate sobre o fazer literário com Moisés¹⁷, seu único companheiro de conversa. O judeu fala da necessidade de a literatura ter um objetivo e obedecer a determinadas regras – “A arte deve ser assim e assado, explicava Moisés” (*Angústia*, 1987, p. 167). A essa fala, o narrador demonstra ser esse um tema recorrente, “A tecla de sempre, arte como instrumento de propaganda política” (*Angústia*, 1987, p. 167). Sem coragem para contestar a fala do amigo, a narrativa apresenta a postura que reflete a situação política.

- Estou em segurança, em perfeita segurança.
Cada vez mais me convencia, porém, de que não estava numa segurança assim tão perfeita. Parecia-me que na calçada inimigos embiocados me espiavam.

¹⁷ Moisés das prestações – personagem contraditória, segundo o perfil normalmente traçado para um judeu – vende tecidos para Luís da Silva, mas não é bom cobrador. Inclusive, foge dos seus devedores para não os constranger.

- Um homem de repartição habitua-se a não ver nada fora dos processos (*Angústia*, 1987, p. 167-168).

Essa aparente segurança decorre do panorama político em torno da Revolução de 1930. Esse evento é lembrado exatas nove vezes no romance. O trecho mais simbólico é quando Luís da Silva questiona sobre quem seriam os agentes da revolução.

História! Esta porcaria não endireita. Revolução no Brasil! Conversa! Quem vai fazer revolução? Os operários? Espere por isso. Estão encolhidos, homem. E os camponeses votam com o governo, gostam do vigário (*Angústia*, 1987, p. 49-50).

Com vinte ocorrências no texto, o substantivo *governo* tem citações em torno da necessidade de “adular” o governo ou da existência de um governo forte. O fragmento “Muitos crimes depois da revolução de 30. Valeria a pena escrever isto? Impossível, porque eu trabalhava em jornal do governo” (*Angústia*, 1987, p. 49-50) apresenta a limitação de Luís da Silva em poder se expressar, já que era funcionário público de um governo do qual discordava. Essa cena dialoga intimamente com a posição que Graciliano Ramos ocupava em algumas de suas passagens por funções delegadas a ele por governos da época. Segundo Mourão, o protagonista do romance *Angústia* representa uma “vítima inegável das transformações operadas nas sociedades em que vive” (MOURÃO, 1971, p. 137)

Em *São Bernardo*, ocorre também a menção direta da atuação do Governo e das consequências produzidas. São muitos os debates, em torno da política, narrados no romance. Vale a pena a leitura do trecho que representa a situação vigente, com referências claras à Revolução de outubro de 1930¹⁸.

O mundo que me cercava ia-se tornando um horrível estrupício. E o outro, o grande, era uma balbúrdia, uma confusão dos demônios, estrupício muito maior. Os amigos e os jornais traziam-me a *revolução*.

— Uma peste! Bradava Azevedo Gondim. Foi um bluff. *Ameaças pelo telégrafo e pelo rádio, boletins jogados por aeroplanos — todo o mundo se pelava de medo*. Isto é o povo mais covarde que Deus fabricou.

[...]

— Que bravura! Berrava Gondim. *Gente que devia pegar no pau-furado escondeu-se*.

— Os da situação passada. Entre os revolucionários é diferente: há *idealismo*, há coragem. Não digo isto em público, mas há.

— Diabo leve o idealismo deles. E quanto a coragem...

— Vamos ser justos, Gondim, intervinha eu conciliador e murcho. Essa coisa estava na massa do sangue do povo. *Não valia a pena brigar*.

— Não valia! Ora não valia! *Todos iam pensando assim e eles foram entrando*. E que falta de vergonha! Figurões do governo apareceram de repente com *lenços vermelhos no pescoço*.

— Isso foi em Alagoas, atalhava João Nogueira.

¹⁸ Revolta armada que culminou no golpe que depôs o então presidente Washington Luís.

— *Foi em toda a parte*, homem. E mesmo agora, muitos não se passam porque não são aceitos. (*São Bernardo*, 1972, p. 234-235) [grifo nosso]

O excerto mostra que a intensidade das ações do Governo provocava medo nas pessoas, fazendo com que elas se escondessem e se omitissem, sem lutar contra a situação. Nesse contexto, a personagem de Azevedo Gondim afirma que a crença de que não adianta nada lutar é o que faz com que os governantes vão tomando maior liberdade de ação; no caso narrado, aderindo ao Comunismo. Esse pequeno fragmento também traz importante informação acerca do alcance dessa adesão, “em toda parte”, ou seja, em todo o território nacional. Outra parte da narrativa completa essa informação “Um dia Azevedo Gondim trouxe boatos de revolução. O sul revoltado, o centro revoltado, o nordeste revoltado” (*São Bernardo*, 1972, p. 232). O capítulo 33, ao qual pertence o excerto anterior, narra as tensões do período.

A despeito da pouca menção às palavras *revolução* e *governo*, com 7 e 13 ocorrências, respectivamente, percebe-se a carga de valor dada a esses temas com a leitura do trecho citado. Importante destacar também a surpresa de Paulo Honório ao perceber o envolvimento de Madalena com assuntos políticos. Para ele, com a cultura patriarcal arraigada, essa realidade era inconcebível.

Além dessas ocorrências no próprio corpo da narrativa, traz-se a contribuição da crítica que corrobora a ideia de que o romance é representativo da época. Comentando o perfil traçado para o “grande proprietário de terras vivendo de desmandos” (MOURÃO, 1971, p. 137), Mourão afirma que

O romancista mostra como todo o mecanismo da organização social funcionava em seu benefício e indica em que medida o progresso material da época (...) redundava apenas em mais um elemento de dominação na mão dos poderosos (MOURÃO, 1971, p. 137).

Ao contrário desses romances, *Vidas Secas* não faz nenhuma menção à revolução ou à política. Entretanto, fica muito claro na narrativa o panorama político da época. Nessa obra, a palavra *governo* é citada 9 vezes. É bastante representativo o potencial sógnico desse substantivo, conforme se pode observar no quadro a seguir.

Quadro 27 – O caráter indicial do substantivo *governo*

	Fragmento	Índice de
1	“Apanhar do governo não é desfeita” (p. 70)	Submissão
2	“E, por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo” (p. 70)	Contradição
3	“Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar” (p. 70)	Poder, perfeição
4	“O governo não devia consentir tão grande safadeza” (p. 70)	Contradição
5	“Deus o livrasse de história com o governo” (p. 138)	Medo
6	“Enfim apanhar do governo não é desfeita” (p. 149)	Submissão
7	“Porque motivo o governo aproveitava gente assim?” (p. 149)	Contradição
8	“Governo é governo” (p. 152)	Poder, submissão

Fonte: A autora

As isotopias apontadas pelos índices da palavra *governo* esclarece para o leitor a visão a partir da qual o protagonista construiu a imagem do Governo. Os índices indicativos de poder, perfeição e submissão são complementares, a partir do momento que se associa a perfeição não apenas ao poder de mandar, mas também à justiça. Ou seja, para Fabiano, aquele que tem o poder de comando, por sua perfeição, deve agir com justiça nesse exercício. Contudo, a vivência do sertanejo provoca a contradição entre a identidade que construiu em torno do governo exemplar e justo e o governo que o oprimia, representado, principalmente, pelo soldado amarelo.

Para corroborar afirmações feitas nesta tese, traz-se contribuição de Mourão, em relação à obra de Graciliano Ramos, que “não se comprometerá com a mera visão lúdica da realidade e terá no seu caráter de denúncia a feição mais imediatamente reconhecível” (MOURÃO, 1971, p. 144-145)

A conclusão das análises aqui apresentadas é a de que os romances de Graciliano Ramos representam, com maestria, o contexto sociopolítico circundante à época da produção dos romances-cópus.

9 LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO

Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura.

BNCC, p. 138

A formação do leitor preconizada pela BNCC passa necessariamente pelo domínio do código linguístico e pela competência expressional de seus falantes. Tal habilidade vem acompanhada da visão de mundo, do conhecimento da diversidade linguística e da alteridade discursiva. Com esse fim, o texto literário se apresenta com riqueza de exemplos na contribuição para o desenvolvimento do leitor habilitado. O ensino dos fatos gramaticais com base nos gêneros textuais permite que o aprendiz desenvolva competências e habilidades a partir de exemplos concretos de uso da língua. Nessa forma de abordagem, o acréscimo de conteúdo específico, a exemplo das expressões lexicalizadas analisadas no capítulo 6, alcança especial importância visto sua dimensão linguístico-cultural, contribuindo com a prática dos professores de Língua Portuguesa, seja no âmbito da língua materna, seja no seu ensino como língua estrangeira. Segundo Fulgêncio,

É fácil ver como seria importante levar em conta as expressões mais frequentes ao construir o material de ensino de língua estrangeira, o que permitiria ao aluno “soar” menos estranho ao falar a língua estrangeira. Atualmente isso se faz em raros casos, basicamente porque não há elencos de expressões fixas e estudos descritivos a respeito, de modo que os autores de manuais de português-língua estrangeira não têm a que recorrer para saber quais são essas expressões e, dentre elas, quais são as de maior frequência na comunicação (FULGÊNCIO, 2008, p. 33).

A fala de Fulgêncio, a despeito de ser direcionada ao ensino no âmbito da língua estrangeira, é representativa de uma necessidade também nas salas de aula do Português como

língua materna. A variedade linguística configura um desafio para o ensino, dada a especificidade linguístico-cultural do meio a partir do qual elas se realizam.

Em função disso, seja para o falante nativo, seja para o aprendiz de Português como língua estrangeira, as expressões lexicalizadas representam um desafio ainda maior, visto que essas formas linguísticas são desenvolvidas por um léxico que não pode ser apreendido separadamente; o grupo de palavra apresenta um sentido próprio. No conjunto das expressões lexicalizadas, o sentido é dado ao bloco por inteiro, não individualmente. Tal fato pode trazer equívocos na comunicação. Essa parece uma lacuna ainda a ser preenchida no ensino de línguas.

9.1 O aspecto legal do ensino com abordagem cultural

O ensino dos fatos gramaticais a partir de frases soltas, descontextualizadas, não combina com uma análise crítica do ato de comunicação, assim como não garante ao alunado as ferramentas necessárias ao uso eficiente da língua. Por isso, a combinação *texto & gramática* deve ser inerente à prática pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa. Em outra vertente, o ensino de Literatura, normalmente colocado como uma disciplina à parte da Língua Portuguesa, precisa ir além das classificações dos textos nas respectivas escolas literárias ou da pesquisa em torno da biografia dos autores. Essa necessidade fundamenta-se no fato de que, com raras exceções, o alunado não apresenta cabedal léxico que o conduza com segurança na leitura do texto, principalmente, quando tem em mãos uma obra do cânone literário. Em função disso, a necessidade de repensar a prática da sala de aula torna-se exercício inerente ao ofício do professor. Por isso, defende-se o ensino da gramática em intercâmbio com o texto literário.

Nessa perspectiva, esse tópico trata de dois pontos importantes: a análise dos textos legais no que concerne ao ensino da língua como representação de uma cultura e a crítica à abordagem proposta pelos manuais didáticos acerca do tema. Como resultado dessa análise, dedica-se parte do presente trabalho à apresentação de proposta didático-pedagógica para o ensino da Língua Portuguesa, em torno das expressões lexicalizadas, a partir de uma análise linguístico-literária.

O Ministério da Educação estabelece diretrizes para o ensino da Língua Portuguesa em todo o território brasileiro. Em função disso, algumas ações têm sido desenvolvidas com o intuito de unificação. Para tanto foram, inicialmente, desenvolvidos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), documentos cujos conteúdos são

complementares na abordagem do tema. Ainda na introdução aos PCN, destaca-se a necessidade de adequação do ensino de Língua Portuguesa à diversidade regional e cultural do país. O texto afirma que

O Brasil é um país com grande diversidade regional, cultural e com grandes desigualdades sociais; portanto, não é possível pensar em um modelo único para incorporação de recursos tecnológicos na educação. É necessário pensar em propostas que atendam aos interesses e necessidades de cada região ou comunidade (BRASIL, 1998^b, p. 140).

As dimensões geográficas e a diversidade linguística do Brasil são, por si sós, suficientes para respaldar a ideia de uma educação plural, de modo a atender as especificidades de cada região. Com uma visão bastante semelhante aos PCN, o governo federal instituiu a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que retoma os parâmetros iniciais, porém, de forma ampliada, abrangendo as novas configurações sociais e tecnológicas. Citando o PCN, a BNCC determina sua postura que seria a de assumir uma

perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para os quais a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 2017, p. 67).

Com essa visão, a BNCC vem, principalmente, trazer um tom de atualização e de modernidade às estratégias educacionais, introduzindo novos gêneros e novas formas de letramento, carregados pelas modernas propostas tecnológicas. Com essa visão, o documento entende a necessidade de fomentar a atualização do alunado, preparando-o para os enfrentamentos do cotidiano, especialmente para o mercado de trabalho, a partir das novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Contudo essa adaptação não pressupõe o abandono de gêneros já existentes. Por isso, a

BNCC procura contemplar a cultura digital, diferentes linguagens e diferentes letramentos, desde aqueles basicamente lineares, com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermídia. Da mesma maneira, imbricada à questão dos multiletramentos, essa proposta considera, como uma de suas premissas, a diversidade cultural. Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente (BRASIL, 2017, p. 70).

Se a cultura digital vem impor um melhor aproveitamento dos recursos tecnológicos para os interesses e necessidades de cada região, essa mesma adaptação se impõe à língua.

Nesse sentido, especificamente no contexto do ensino de Língua Portuguesa, dentre os objetivos expressos pelos PCN para o segundo segmento do Ensino Fundamental, destacam-se os seguintes:

Analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação dos textos: identificando e repensando juízos de valor tanto socioideológicos (preconceituosos ou não) quanto histórico-culturais (inclusive estéticos) associados à linguagem e à língua; reafirmando sua identidade pessoal e social (BRASIL, 1998^b, p. 33).

O mesmo tópico alerta ainda para a necessidade de se “valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito linguístico” (BRASIL, 1998b p. 33). Com essa mesma vertente, no âmbito dos temas transversais, o caderno específico para *Pluralidade cultural* propõe o tema “Conhecimento, respeito e valorização das diferentes linguagens pelas quais se expressa a pluralidade cultural”. A palavra *valorização* está presente 29 vezes no documento oficial, grande parte delas associadas à ideia de valorização da diversidade cultural. Nesse contexto, além de prever o tratamento igualitário para os conteúdos sem deixar margem para “avaliações preconceituosas e/ou pejorativas às diferenças de linguagens, tradições, crenças, valores e costumes, com o objetivo de valorizar os seres humanos como instância primeira das histórias”, o documento afirma que

Conhecer e respeitar diferentes linguagens é decisivo para que o trabalho com este tema possa desenvolver atitudes de diálogo e respeito para com culturas distintas daquela que a criança conhece, do grupo do qual participa” (BRASIL, 1998^c, p. 156).

Seja no âmbito do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio, esse discurso é compartilhado pela BNCC. A competência específica nº 4, para o Ensino Médio, da BNCC remete à compreensão das

línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2017, p. 494).

Destaca-se nesse trecho a preocupação que a base curricular revela em relação à expressão das identidades, individual e coletiva, e ao combate ao preconceito. O desenvolvimento dessa competência não ocorre por acaso, nem de forma imediata, mas com abordagem criteriosa de conteúdos e temáticas pertinentes desde o Ensino Fundamental. O desenvolvimento dessa habilidade deve ser inerente ao projeto pedagógico das escolas e aos objetivos didáticos dos professores, a fim de

ao final do Ensino Médio, os estudantes compreenderem as línguas e seu funcionamento como fenômeno marcado pela heterogeneidade e variedade de registros, dialetos, idioletos, estilizações e usos, respeitando os fenômenos da variação e diversidade linguística, sem preconceitos. Ela também diz respeito à utilização das línguas de maneira adequada à situação de produção dos discursos, considerando a variedade e o registro, os campos de atuação social, e os contextos e interlocutores específicos, por meio de processos de estilização, seleção e organização dos recursos linguísticos (BRASIL, 2017, p. 494).

A Lei de Diretrizes e Bases¹⁹ (LDB), publicada em 1996, no Artigo 3º, estabelece alguns princípios que norteiam o ensino. Dentre eles, destaca-se o inciso XII, acrescentado pela Lei nº 12.796, de 2013, que alerta quando à “consideração com a diversidade étnico-racial” no processo de ensino-aprendizagem.

Como se pode ver, existe uma preocupação legal com um ensino abrangente, cujo alcance atenda à diversidade característica da cultura brasileira e que combata o preconceito linguístico, a partir da valorização dos falares regionais, com suas especificidades. Contudo, essa realidade não ultrapassa a letra fria da lei, uma vez que os livros didáticos aprovados no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) não contemplam essa abordagem, como se pode verificar a seguir.

9.2 A abordagem dos livros didáticos

Os livros didáticos analisados fazem parte da lista constantes da indicação o Ministério da Educação no PNLD, para o triênio 2017-2019 (BRASIL, 2016). Dos seis livros propostos pelo PNLD, foram consultados quatro, a saber os quatro primeiros listados a seguir, todos equivalentes ao 6º ano do Ensino Fundamental. São eles: 1) *Português: ensino fundamental 2*, Editora Ática; 2) *Português: linguagens*, Editora Saraiva; 3) *Para viver juntos: português*, editora SM; 4) *Tecendo Linguagens*, Editora IBEP; 5) *Singular & Plural - Leitura, Produção e Estudos de Linguagem*, Editora Moderna e 6) *Universos - Língua Portuguesa*, Editora SM.

A análise das obras buscou identificar tanto a presença do conteúdo *expressões lexicalizadas*, em qualquer uma das formas citadas no capítulo 4 (provérbios, frases-feitas etc.), quanto na abordagem desenvolvida em cada volume.

¹⁹ Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996

Em *Português: ensino fundamental 2*, o Capítulo 2 – *Conto popular em verso e conto popular em prosa* – como o próprio título sugere, trata da tradição oral, da linguagem caipira (destaque para a variação fonética). O volume apresenta as xilogravuras da Literatura de Cordel e ressalta as marcas da oralidade e das expressões regionais. A seguir, as variedades linguísticas são trabalhadas, contudo, limitam-se aos níveis formal e informal, omitindo as variedades diatópicas, diastráticas e diafásicas inerentes à prática languageira.

Na Unidade 2, Capítulo 3 – *Conto em prosa poética* – o tópico “Linguagem do texto”, trata dos ditados e provérbios, abordados no tópico “sentidos” cujo conteúdo é dividido no tratamento da polissemia, das expressões populares, dos provérbios ou ditados populares e dos trocadilhos. É importante ressaltar que esse tópico, dividido em quatro partes, limita-se a duas páginas do livro. O conteúdo que interessa às análises aqui propostas limita-se a apenas uma página não completa; ou seja, são tratados apenas superficialmente.

Em *Português: linguagens, 6º ano*, Cereja e Magalhães organizam o capítulo 2 em três partes: “estudo do texto”, “produção de texto” e “a língua em foco”. Esse último trata das variedades linguísticas, tanto no âmbito da construção do conceito de variedade, quanto ao que se refere ao preconceito social. Sem usar nomenclatura, o capítulo trata das variedades diatópica e diastrática e apresenta a diferença entre oralidade e escrita. Contudo, no que concerne ao estudo das expressões lexicalizadas em suas diversas possibilidades o livro não apresenta nenhuma abordagem.

Do mesmo modo, o livro *Para viver juntos: português, 6º ano: ensino fundamental* – Edições SM – a despeito da abordagem que faz da variedade linguística, com enfoque nas variedades regionais, variedades situacionais e sociais, não tematiza as expressões lexicalizadas em nenhuma de suas especificidades.

Não distante desse perfil, *Tecendo Linguagens. 6º ano* aborda o tema da variedade linguística, nas unidades 3 e 4. Contudo, limitam-se à variedade regional e à diferença entre oralidade e escrita. As frases-feitas, ditados populares ou qualquer expressão lexicalizada não tem qualquer abordagem.

Percebe-se, em todas as obras, a menção às questões da variedade linguística. No entanto, o enfoque se resume às especificidades da oralidade e da escrita ou da formalidade e informalidade. A despeito de tangenciarem a temática do “preconceito linguístico”, a abordagem das questões culturais é bastante insipiente. O tratamento das expressões lexicalizadas limitou-se a apenas uma obra, mesmo assim, com conteúdo irrisório.

Em função do exposto, constata-se que as diretrizes apontadas pelos documentos oficiais desenham um cenário, no mínimo, contraditório em relação ao material didático

aprovado. Se, por um lado, os documentos oficiais preconizam a abordagem da variedade linguística e o combate ao preconceito linguístico em razão da diversidade linguístico-cultural do Brasil; por outro, o PNLD condiciona, calcado na sugestão de obras a serem adotadas pelas unidades de ensino, a não abordagem desse mesmo conteúdo.

Dessa forma, corre-se o risco de aumentar a lacuna já existente entre as variedades inerentes à Língua Portuguesa; tornando crônico um problema há muito denunciado por estudiosos e poetas. Vale lembrar um trecho de *Querelas do Brasil* de Aldir Blanc e Maurício Tapajós, que bem representa essa realidade: “O Brasil não conhece o Brasil / O Brasil nunca foi ao Brasil”. Na letra, que denuncia o abandono das raízes, o poeta seleciona palavras de origem indígena desconhecidas da maior parte dos brasileiros. Citando essa mesma obra, Simões (2004) destaca a importância da literatura como representativa do povo brasileiro, na simplicidade de roceiros, caipiras e lavradores; pessoas cuja sabedoria “cativa a todos que desse povo se aproximam, com olhos de descobrir o Brasil” (2017). A autora destaca ainda que

O Brasil e suas dimensões continentais apresenta um mosaico étnico-cultural que se traduz nas práticas languageiras de sua gente. Por isso, impõe-se uma revisão nos projetos político-educacionais, sobretudo na área das Letras, de modo a contemplar toda a gama de variedades linguísticas que atravessa nossa terra do Oiapoque ao Chuí, sem qualquer matiz discriminatório (SIMÕES, 2004, p. 90).

Resta aos professores a função de resgatar a cultura regional, trazendo para a sala de aula conteúdo relevante que realmente contemple a diversidade linguística e cultural do Brasil, promovendo a afirmação da identidade com os diversos falares da Língua Portuguesa no território nacional. Evidencia-se, pois, a necessidade de tratamento das expressões lexicalizadas de forma a contribuir para um ensino profícuo da Língua Portuguesa, calcado na variação linguística e na abordagem cultural.

Em função disso, reitera-se a necessidade de que o ensino de leitura e escrita tenha uma abordagem contextualizada, visto que, as palavras ou expressões alcançam seu potencial sógnico no contexto de uso. A partir desse entendimento, os processos de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, seja para o falante nativo ou não, devem ser concebidos de modo contextualizado, preferencialmente no uso formal, porque os demais usos são aprendidos na prática languageira.

Entende-se ainda que a contribuição das *expressões lexicalizadas* para o ensino de língua alcança valor de cunho linguístico e histórico. O primeiro pelo enriquecimento do vocabulário do falante, ao deparar com palavras novas; ou mesmo no contato com palavras de seu domínio linguístico, mas em casos de polissemia ou de sentido metafórico. O valor histórico

se configura tanto no renascimento de palavras abandonadas pelo uso, como pela vivência de fatos históricos nos quais o uso das expressões representa uma visão de mundo.

Logo, pode-se concluir que é possível traçar o perfil da personagem a partir de sua linguagem, incluindo o estudo das expressões lexicalizadas, cuja análise oferece subsídios para que se perceba o conhecimento do falante de determinada região e a forma como apreende/representa a realidade. Do mesmo modo, o estudo cuidadoso dessas expressões permite que se identifique a visão de mundo recorrente a determinado período histórico, em determinada região.

9.3 As expressões lexicalizadas e o ensino de Língua Portuguesa

Uma vez associadas à ideia de falta de discurso próprio, as *expressões lexicalizadas* não são tratadas com o necessário destaque nas aulas de Língua Portuguesa. Possivelmente, por apresentarem “o traço comum da repetição”, são consideradas “negativamente como indicativa de pobreza vocabular (‘lugar-comum’, ‘clichê’, ‘chavão’, ‘frase-feita’)” (MENEZES, 2008, p. 302). O traço da repetitividade, inerente a esses termos, introduz a ideia de que seu uso não exige do falante nenhuma habilidade linguístico-discursiva, assim como não expressa “qualquer função cognitiva ou comunicativa” (MENEZES, 2008, p. 302). Consequentemente, sua abordagem não é significativa no ensino de Língua Portuguesa.

Com a omissão desse conteúdo expressional, resta também desprezada parte importante da cultura, uma vez que essas formas linguísticas se desenvolvem no seio da sociedade, em meio às práticas discursivas cotidianas, comportando significativa carga cultural. Ressalta-se ainda que, quando o falante usa uma expressão lexicalizada para dar forma ao seu pensamento, normalmente, o faz de forma coerente. Ou seja, as expressões são usadas no contexto adequado ao sentido pretendido por quem a enuncia. Logo, não se pode afirmar que esse falante não desenvolveu uma função cognitiva ou comunicativa na sua fala.

Entende-se que a falta de abordagem dessas formas no ensino da Língua Portuguesa deixa de lado a oportunidade de tratamento da carga expressiva das expressões lexicalizadas, assim como do aspecto cultural e da variação linguística. Com essa visão, a análise dos fatos gramaticais tende ao melhor entendimento dos alunos, dado que sua contextualização se aproxima da prática cotidiana.

Antunes corrobora essa afirmação, quando, na defesa da indissociabilidade de “*língua, cultura, identidade e povo*”, justifica:

O povo tem uma identidade, que resulta dos traços manifestados em sua cultura, a qual, por sua vez, se forja e se expressa pela mediação das linguagens, sobretudo da linguagem verbal. Dessa forma, não há jeito de se debruçar sobre cada um desses itens sem visualizar os outros três e os elos que os unem (ANTUNES, 2009, 19).

No âmbito das aulas de Língua Portuguesa, os chamados *ditados populares*, quando muito, eram limitados à reescritura por meio da paráfrase. Orientava-se o aluno a reescrever o “ditado” com suas próprias palavras, adequando-o à norma padrão da língua, a fim de desenvolver seu vocabulário. Não obstante o valor dessa prática, constata-se que o estudo da variação linguística, com seus traços diatópicos, diastráticos ou mesmo diafásicos, não era levado a efeito com o uso desse material linguístico.

As expressões lexicalizadas ganharam maior relevância partir da contribuição do texto literário e, mais fortemente, do advento da literatura regional. Possivelmente, a partir disso, conquistaram maior frequência nas salas de aulas de Língua Portuguesa. Contudo, hodiernamente, têm sido relegadas a segundo plano, ou melhor, ignoradas pelos livros didáticos cujo conteúdo, em sua maioria, não apresenta sequer uma menção. Essa realidade alerta para alguns pontos importantes: a não abordagem da identidade cultural, a permanência do preconceito linguístico e a incoerência dos discursos político-pedagógicos.

Esse material expressivo apresenta um sentido fixo para o conjunto de palavras que o compõem. Por isso, como qualquer outro vocábulo, não pode ser usado aleatoriamente, precisa ser selecionado em função do contexto; o objetivo da comunicação, o interlocutor e o momento de interlocução devem ser levados em consideração. Apesar do preconceito ainda corrente quanto ao seu uso, deve-se compreender que o simples fato de o falante fazer uso dessas expressões, no momento adequado ao seu uso, já demonstra certa habilidade linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem proposta nesta tese encontra fundamentação na fala de Simões, quando afirma que o homem lida sem saber com a trindade semiótica – ícone, índice e símbolo. Por isso, a autora considera que esse conhecimento deve ser ensinado desde os primeiros anos de escolaridade, sem que haja apego à nomenclatura. (SIMÕES, 2017, P-17-18). Os pressupostos dessa teoria têm como objetivo a melhoria da qualidade no ensino de leitura e da produção textual, a partir da identificação das pistas produzidas no ato da escrita e reconstituídas na trama textual, no ato de leitura.

Essa importância decorre do fato de que a prática da leitura está intrinsecamente associada ao desenvolvimento da pessoa e ao exercício da cidadania. Como legítimo representante da cultura de um povo, o texto literário precisa ter participação efetiva nas aulas de Língua Portuguesa, seja como simples fruição, seja com o fito de uma análise criteriosa, o texto permite que o leitor/aluno desenvolva seu conhecimento enciclopédico, enriqueça seu vocabulário e identifique traços da identidade cultural de um povo. Além disso, a associação do texto literário com informações recebidas no âmbito de outras disciplinas como a História, a Filosofia e a Sociologia, podem ser resgatadas na malha textual, a partir da qual, o leitor reforça o conteúdo apreendido.

Antunes afirma que “(...) todas as questões que envolvem o uso da língua não são apenas questões linguísticas; são também *questões políticas, históricas, sociais e culturais*” (ANTUNES, 2009, p. 21). Essa afirmação corrobora a necessidade da abordagem linguístico-cultural no ensino de línguas, com vista a um ensino profícuo da Língua Portuguesa. Esse entendimento independe das dimensões do território ou do alcance da língua falada. Entretanto, torna-se ainda mais necessário quando o alcance da língua ocorre num país com as dimensões do Brasil, cuja diversidade exige dos profissionais da língua uma visão ampla do seu objeto de estudo, para um ensino consciente.

Para as conclusões das investigações aqui relatadas, retomam-se as questões iniciais, que nortearam a pesquisa. A primeira questão – *É possível identificar traços de identidade a partir do estudo da iconicidade lexical nas obras em foco?* – aborda, principalmente, a aplicabilidade da teoria eleita, TIV, na identificação de traços de identidade. As análises em torno dos personagens *Paulo Honório*, *Luís da Silva* e *Fabiano*, apresentaram com detalhes, os traços de personalidade de cada um. Em relação aos dois primeiros, as conclusões foram baseadas no próprio uso linguístico da personagem, visto que ambos os protagonistas também

são narradores da própria história, o que tornou possível analisar as realizações da linguagem tanto em suas relações com outras pessoas, quanto no próprio texto da narrativa. A despeito do fato de sua história ter sido narrada por um narrador-observador, a terceiro personagem, *Fabiano*, não ficou muito distante dessa análise, uma vez que o narrador usa o recurso do discurso indireto-livre, possibilitando a identificação da fala da personagem em vários momentos da narrativa.

A aplicabilidade da TIV na identificação dos traços da identidade das personagens pode ser verificada ao longo desta tese. Contudo, a resposta à primeira questão pode ser verificada, principalmente, no capítulo 5, no qual foram apresentadas as características da identidade das três personagens. O protagonista de *São Bernardo*, orgulhoso e solitário, tem seu orgulho configurado na necessidade de perpetuação de seu nome com a publicação de sua história; no desejo de “fundação” de uma família; na superstição, que o aprisiona, configurada na credence do pio da coruja, e na forma de interação com os seus semelhantes. Destaca-se nessa personagem o uso das expressões lexicalizadas, a partir das quais pode-se traçar sua identidade em relação aos seus semelhantes, principalmente, em relação à figura feminina.

Protagonista de *Angústia*, o sentimento de inferioridade de Luís da Silva, é representado, principalmente pela forma como a própria personagem se imagina diante das pessoas e da sociedade. Uma vida caracterizada como “vida de sururu” e na aceitação digna de um “percevejo social”. O instinto assassino, o desequilíbrio emocional e a subserviência da personagem também são detectáveis na trama textual, pelos ícones e índices que a compõem. Ressalta-se a extrema importância da organização da narrativa na configuração da identidade conturbada de Luís da Silva. A narrativa vertiginosa, com alternância entre passado remoto, passado próximo, presente e possibilidade de futuro, contribuíram significativamente na percepção da personalidade do protagonista.

O vaqueiro solitário, que protagoniza *Vidas Secas*, tem sua solidão representada pelo sentimento de não pertencimento e pela opressão sofrida. Essas duas experiências desenvolvem na personagem uma identidade distante de sua humanidade. Sua identidade o aproxima dos animais, com os quais se entende perfeitamente, na mesma proporção que constrói sua não-identidade com os humanos que o rodeia. Os paradigmas, a partir dos quais se constrói a identidade dos sertanejos aqui representados, são, respectivamente, a alteridade do semelhante, o próprio eu interior e a opressão do sistema político-econômico.

A segunda – *De que modo os signos icônicos e indiciais podem refletir as tensões que fundamentam a construção da identidade (eu X eu, eu X outro, eu X mundo)?* – busca identificar o modo como as identidades são construídas e como aparecem no tecido textual. Essa questão

tem sua resposta construída ao longo dos capítulos 5 e 6. O perfil das personagens entra em choque com o outro, com o desconhecido, com o mundo. Paulo Honório, Luís da Silva e Fabiano enfrentam a crise de sua identidade quando deparam com aquilo que questiona suas certezas. A forma como enfrentam os desafios identifica a subjetividade de cada um. Os ícones e índices identificados nesses enfrentamentos atestam as tensões que fundamentam não só a construção das identidades, mas também a sua crise.

A última questão desenvolvida – *As formas icônicas e indiciais levantadas nas obras podem atestar a verossimilhança entre o mundo narrado e o cenário sociopolítico da época na qual as obras são localizadas?* – aborda a questão da literatura como reflexo do universo de referência ao qual está, necessariamente, conectada. A resposta positiva a essa questão é calcada em três aspectos distintos, no entanto, complementares. O primeiro aspecto é representado pela trilha lexical deixada no corpo do texto direciona o leitor para a percepção do período histórico de referência, principalmente, no que consiste aos fatos linguísticos. O segundo, com base nas abordagens apresentadas no capítulo 4, com a possibilidade de recepção do texto literário com sua verossimilhança interna, e no entendimento de que a literatura é reflexo da cultura de um povo em determinado período e lugar. O terceiro aspecto fala diretamente às referências explícitas no corpo do texto a eventos históricos ocorridos no período da década de 1930.

Em função do exposto, entende-se que a diversidade linguístico-cultural precisa ser objeto de estudo, não apenas no âmbito acadêmico, mas no âmbito do Ensino Básico, a fim de que os laços linguísticos sejam estreitados, os preconceitos diminuídos e o conhecimento disseminado. Em função disso, a adoção de material pedagógico único, para todo o território nacional, apresenta duas incoerências: primeiramente, essa unificação não contempla a diversidade cultural e, conseqüentemente, linguística, inerente à realidade brasileira. Posteriormente, percebe-se que a implementação do Plano Nacional de Educação Básica (PNLD) não corrobora os propósitos, definidos pelo mesmo Governo, para a educação nacional. Propósitos preconizados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e pela Lei de Diretrizes e bases, conforme citado anteriormente.

Destacam-se, pois, dois pontos de extrema importância para o ensino da Língua Portuguesa e da cultura nacional: a relevância das obras analisadas como demonstração da identidade de boa parcela do povo brasileiro e a importância de conhecer/compreender as diversas identidades sem menosprezá-las, mas, ao contrário, entendê-las em seus contextos como tipos brasileiros reais cuja linguagem representa as nuances socioculturais de nosso povo e de nossa nação. O conhecimento e a compreensão da diversidade linguística estão associados à ideia da *poliglossia interna*, defendida por Simões e Garcia (2008, p. 165), segundo a qual as

“escolhas da variedade linguística (...), do jargão, do léxico e da organização sintático-semântica” são a base do ato discursivo. Ou seja, o ato discursivo é o resultado da congruência do projeto comunicativo do enunciador, do interlocutor, do espaço e do tempo de enunciação, a partir dos quais são direcionadas as escolhas nos âmbitos lexical, sintático e semântico. Segundo esses autores,

O sujeito do discurso se constrói no ato discursivo. Assim sendo, a representação simbólica de suas ideias e ideais sobre um tema será emoldurada pelas características do ato discursivo, quais sejam: sobre o quê se fala (tema), quando se fala (situação têmporo-espacial), a quem se fala (destinatário) e com que intuito (objetivo[s]) (SIMÕES e GARCIA 2008, p. 158)

Entende-se que a competência linguístico-expressional contribui tanto para a formação escolarizada, quanto para a formação cidadã, visto que congrega valores para a constituição do sujeito inserido em uma sociedade formada pela diversidade. Defende-se, pois, que o trabalho com a identidade refletida na variação linguística e especialmente demonstrada pelas escolhas vocabulares, então enriquecidas pelas expressões lexicalizadas, pode servir de estímulo não só a novos estudos do mesmo tipo, mas, principalmente, a um trabalho didático-pedagógico mais fortalecido no que tange ao conhecimento da língua do Brasil e de sua riqueza expressional.

REFERÊNCIAS

- ANTHONY, Lawrence. (2014). **AntConc**. Versão 3.4.4w (Windows), [Software de computador]. Tóquio, Japão: Universidade de Waseda. Disponível em <http://www.laurenceanthony.net/software.html>. Acesso em: jul. 2015.
- ANTUNES, Irandé. A língua e a identidade cultural de um povo. *In*: VALENTE, André (org.). **Língua Portuguesa e identidade**: marcas culturais. Rio de Janeiro: Caetés, 2007.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola editoria, 2009.
- ARISTÓTELES. Poética. *In*: ARISTÓTELES; ORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. Introdução por Roberto de Oliveira Brandão. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- AULETE digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 05 maio 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BÍBLIA. Língua Portuguesa. **Bíblia de estudos da Reforma**. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 37 ed. São Paulo: Cultrix, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior, órgão do Ministério da Educação. **Plataforma Sucupira**. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoConceito.jsf>. Acesso em: 05 maio 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)** Brasília: MEC. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf . Acesso em: 26 jun. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2017**: língua portuguesa – Ensino fundamental anos finais / Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2016. 98 p. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/guia-do-livro-didatico/item/8813-guia-pnld-2017>. Acesso em: 22 jun. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **LDB**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais /** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998a. 174 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa /** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998b. 106 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: pluralidade cultural /** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998c. 52 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pluralidade.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2018.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos.** 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** 12. ed. São Paulo: Global. 2012.

CRISTÓVÃO, Fernando. **Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar.** 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

CRUZ, Maria Aurea. **Blog Sertão Des-Encantado.** Disponível em: <http://www.sertaodesencantado.blogspot.com/>. Acesso em: 05 maio 2019.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DICIONÁRIO de expressões populares brasileiras. São Paulo: Editoras Unidas, [199-]. v.3.

DICIONÁRIO informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em: jul. 2017.

ECO, Umberto. **Estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação.** São Paulo: Perspectiva, 2000.

FELIPE, Márcia da Gama Silva. **Os signos da contradição em *Vidas Secas*.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FRANCO, Cid. **Dicionário de Expressões Populares Brasileiras.** São Paulo: Editoras Unidas, [199-]. v.1-3

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização.** Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FULGÊNCIO, Lúcia. **Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro**. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986, p. 56.

LINS, Álvaro. Valores e misérias das Vidas Secas. Prefácio à 27 ed. (p. 9-40). *In*: RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Livraria Martins, 1970.

MELLO, Nelson Cunha. **Conversando é que a gente se entende: dicionário de expressões coloquiais brasileiras**. São Paulo: Leya, 2009.

MENEZES, Vanda Cardozo de. Expressões lexicalizadas no português brasileiro: construção conjunta e uso comunitário do léxico. *In*: RONCARATI, Cláudia (org.). **Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: Eduff, 2008.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Trad. Juremir Machado da Silva. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. 309 p.

MOURÃO, Rui. **Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano**. 2 ed. Rio de Janeiro: Arquivo Editora e distribuidora, 1971.

NAVARRO, Fred. **Dicionário do Nordeste**. 2 ed. Recife: Cepe Editora: Edise, 2013.

NETO, João Coelho da Rocha. **A língua portuguesa no Brasil e os elementos históricos representativos da identidade do homem nordestino em Vidas Secas de Graciliano Ramos**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008

OBATA, Regina. **O livro dos nomes**. São Paulo: Círculo do livro, 1986.

OLIVEIRA, Cândido de (org.). **Dicionário mor da língua portuguesa**. São Paulo: Livro Mor Editora Ltda., [1943?].

PACHECO, Ana Paula. O vaqueiro e o procurador dos pobres: *Vidas Secas*. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 60, p. 34–54, abr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rieb/n60/2316-901X-rieb-60-00034.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2016.

PEIRCE, Charles Sanders, **Semiótica**. Tradução José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2010.

POMAR, Wladimir. **Era Vargas**. A modernização conservadora. Retrospectiva do Século XX. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2002.

PINTO, Edith Pimentel. **A língua escrita no Brasil**. São Paulo: Ática, 1986.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. **Biblioteca PUC Minas**. Disponível em: http://portal.pucminas.br/biblioteca/index_padrao.php?_ga=2.104533952.1161540582.1557075324-1608632651.1557075324. Acesso em: 05 maio 2019.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Divisão de bibliotecas e documentação**. Disponível em: <http://testaremoto.dbd.puc-rio.br/sitenovo/area-restrita.php?a=1>. Acesso em: 05 maio 2019.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. **Biblioteca digital de teses e dissertações**. Disponível em <https://www.sapientia.pucsp.br/>. Acesso em: 05 maio 2019.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 27 ed. São Paulo: Livraria Martins, 1970.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 18. ed. São Paulo: Martins, 1972.

RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. 33. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1987.

ROCHA, Ana Paula Antunes; ANDRADE, Francisco Eduardo. A relação entre Dialetoлогия e História: Reflexões teórico-metodológicas para o estudo do português usado em Minas Gerais. **Gragoatá**, Niterói, n. 40, p. 47-69, 2016.

SALLA, Thiago Mio; LEBENSZTAYN, Ieda (org.). **Conversas**. Graciliano Ramos. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SHEPHERD, Tania M. G.; ZYNGIER, Sonia; VIANA, Vander. Feixes lexicais e visões de mundo: um estudo sobre *corpus*. **Matraga**, Rio de Janeiro, ano 13, n.19, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SIMÕES, Darcilia. **O Brasil não conhece o Brasil**, 2017. Disponível em: <https://galoa.com.br/blog/o-brasil-nao-conhece-o-brasil>. Acesso em: 23 maio 2019.

SIMÕES, Darcilia. A ciência, a pesquisa, o método: implicações semióticas. *In* HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcilia (org.). **A redação de trabalhos acadêmicos**: teoria e prática. 7 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2017.

SIMÕES, Darcilia. **Iconicidade e verossimilhança**. Semiótica aplicada ao texto verbal. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007. Disponível em: http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/iconicidade_e_verossimilhanca.pdf. Acesso em: 05 maio 2019.

SIMÕES, Darcilia. **Iconicidade verbal**. Teoria e prática. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009. Disponível em: <http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/iconicidadeverbal.pdf>. Acesso em: 05 maio 2019.

SIMÕES, Darcilia. Língua Portuguesa e cidadania: uma perspectiva multidialetal para o ensino. In: SIMÕES, Darcilia; HENRIQUES, Claudio Cezar. **Língua e Cidadania**: novas perspectivas para o Ensino. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2004.

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO. **Biblioteca digital de teses e dissertações**. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/>. Acesso em: 05 maio 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. **Repositório institucional da Universidade Estadual de Maringá (RI-UEM)**. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/>. Acesso em: 05 maio 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ. **Biblioteca digital de teses e dissertações**. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/>. Acesso em: 05 maio 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Sistema de bibliotecas. **Repositório institucional UFG**. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/>. Acesso em: 05 maio 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Repositório digital**. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/>. Acesso em 05 maio 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Repositório institucional**. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/74791>. Acesso em: 05 maio 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Repositório digital**. Disponível em <https://minerva.ufrj.br/F?RN=961536585>. Acesso em: 05 maio 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Repositório digital**. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1>. Acesso em: 05 maio 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. **Repositório Institucional da Universidade Federal Fluminense (RIUFF)**. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/>. Acesso em: 05 maio 2019.

VOTRE, Sebastião Josué. **Redação de textos acadêmicos**. Volume único. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2011. Disponível em: <https://canalcederj.cecierj.edu.br/122016/2e3f7141ec9fa9f9ee9e1285ff04ddae.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

XATARA, Claudia. **Dicionário de expressões idiomáticas**. Disponível em: <http://www.deipf.ibilce.unesp.br/pt/index.php>. Acesso em: jul. 2017.

XATARA, Claudia Maria; SUCCI, Thaís Marini. Revisitando o conceito de provérbio. **Veredas**, Juiz de Fora, v.1, p. 33-48, 2008. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo31.pdf>. Acesso em: jul. 2017.